

A stylized illustration of the Wizard of Oz and his court members. The Wizard, with a large, pointed, spiky hairstyle and a wide-eyed, surprised expression, is the central figure. He is surrounded by the Tin Man, the Cowardly Lion, the Scarecrow, and Dorothy. Dorothy is seated in a wooden chair, looking towards the Wizard. The background is a solid green color.

# O magnífico Mágico de Oz

L. FRANK BAUM

*The Wonderful  
Wizard of Oz (1900)*

Tradução: Delfin

Edição bilíngue: PT/EN  
Distribuição gratuita

[mojo.org.br](http://mojo.org.br)

O MAGNÍFICO MÁGICO DE



L. Frank Baum

1ª edição

Traduzido por Delfin

Ilustrado por André Ducci



# PREFÁCIO

Folclore, lendas, mitos e contos de fadas acompanham a infância através dos tempos. Para cada jovem existe um amor sadio e instintivo por histórias fantásticas, maravilhosas e claramente irreais. As fadas aladas dos Grimm e de Andersen trouxeram mais alegria aos corações infantis do que todas as outras criações humanas.

Os contos de fadas de antigamente, que nos serviram por gerações, agora são classificados como “históricos” nas bibliotecas infantis. Chegou a hora de novos “contos maravilhosos” nos quais os estereótipos dos gênios, anões e fadas são eliminados, assim como os incidentes horríveis e absurdos imaginados por seus autores para demonstrar alguma moral assustadora. A educação moderna incluiu a moralidade. Portanto, a criança de hoje busca apenas entretenimento nessas histórias maravilhosas e dispensa, com prazer, incidentes desagradáveis.

*O magnífico Mágico de Oz* foi escrito exclusivamente para agradar as crianças atuais. Ele aspira ser um conto de fadas modernizado, no qual as maravilhas e alegrias são preservadas; e os corações partidos e os pesadelos, deixados de lado.

L. Frank Baum  
Chicago, abril de 1900



# O CICLONE

**D**orothy vivia no meio das grandes pradarias do Kansas com o Tio Henry e a Tia Em, um casal de fazendeiros. A casa era pequena em razão da dificuldade para transportar as toras de madeira que vinham de carroça de muito longe. Quatro paredes, um chão e um telhado formavam um cômodo. Nele, havia um fogão enferrujado, um armário com pratos, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. O Tio Henry e a Tia Em dormiam em uma cama grande em um canto; Dorothy, numa caminha, no outro canto. Não havia sótão nem porão — só um pequeno buraco cavado no chão, chamado de porão de ciclone, onde a família se refugiava quando um daqueles grandes redemoinhos, poderosos o bastante para destruir qualquer construção no caminho, chegava. Sua entrada era um alçapão no meio do assoalho, pelo qual uma escada descia até um buraco pequeno e escuro.

Da varanda, Dorothy olhava em volta e tudo o que via era a grande pradaria cinza. Nenhuma árvore ou casa interferia na vastidão plana que alcançava a borda do céu em todas as direções. O sol havia reduzido a terra arada a uma massa cinza com pequenas rachaduras. Nem o capim era verde. As pontas das longas folhas estavam secas e sua cor era o mesmo cinza visto por toda parte. No passado, a casa tinha sido pintada, mas o calor fez bolhas na tinta e as chuvas levaram tudo embora. Agora, a casa estava desbotada e cinza como todo o resto.

No dia em que Tia Em veio morar aqui, ela era uma esposa jovem e bonita. O sol e o vento também a mudaram. Arrancaram o brilho de seus olhos, que ficaram com um tom de cinza sóbrio. Tiraram o rosado de suas bochechas e lábios, que também ficaram cinzas. Ela era magra, sisuda e, agora, nunca sorria. Quando Dorothy, que era uma órfã, a encontrou pela primeira vez, a Tia Em ficou tão surpresa com a risada da criança que apertava a mão contra o próprio coração toda vez que a voz alegre de Dorothy alcançava seus ouvidos. Ela se admirava ao ver na menina esse ar de garotinha capaz de rir de tudo.

Tio Henry nunca sorria. Trabalhava duro da manhã à noite e não sabia o que era alegria. Era cinza desde sua longa barba até as botas estropiadas. Sempre austero e solene, raramente falava.

Era Totó quem fazia Dorothy rir. Salvou a menina de crescer cinza como as coisas que a rodeavam. Totó era um cachorrinho meio preto, com pêlo longo e sedoso e pequenos olhos negros que cintilavam de cada lado do focinho engraçado. Brincava o dia todo e Dorothy se divertia com ele. Ela o amava de verdade.

Hoje, no entanto, não estavam brincando. Sentado no degrau da porta, Tio Henry observava nervoso um céu bem mais cinza do que o normal. Dorothy parou na porta com Totó no colo e também olhou para cima. Tia Em lavava a louça.

Do extremo norte, ouvia-se um lamento baixo do vento. O Tio Henry e Dorothy podiam ver o mato alto se curvando em ondas ante a tempestade que se formava. Em seguida, um assobio agudo veio do Sul. Ambos olharam para aquela direção e viram as mesmas ondulações no capim.

De repente, Tio Henry se levantou:

— Tem um ciclone vindo, Em — avisou a esposa. — Vou procurar o cavalo.

Correu para os barracões onde guardavam as vacas e os cavalos.

Tia Em largou o trabalho e foi até a porta. Bastou uma olhada para saber que o perigo se aproximava.

— Rápido, Dorothy! — gritou. — Corra para o porão!

Totó pulou dos braços de Dorothy e se escondeu debaixo da cama. A garota disparou atrás dele. Aterrorizada, Tia Em abriu o alçapão no piso e desceu as escadas para o buraco escuro.

Dorothy finalmente pegou Totó e foi atrás de sua tia. Quando estava no meio da sala, o vento uivou alto e a casa tremeu com tanta força que ela perdeu o equilíbrio e caiu sentada no chão.

Nesse momento aconteceu uma coisa muito estranha.

A casa rodopiou duas ou três vezes e lentamente começou a flutuar. Dorothy sentiu como se estivesse em um balão.

Os ventos norte e sul se encontraram exatamente sobre a casa e ali formaram o centro do ciclone, onde o ar costuma ser parado. A grande pressão do vento por todos os lados ergueu a casa cada vez mais alto, até levá-la para o topo do ciclone. Em seguida, carregou-a para longe, por quilômetros e mais quilômetros, como se fosse uma pena.

Estava muito escuro e o vento uivava terrivelmente. Dorothy percebeu que pegava uma carona, até que bem fácil. Depois dos primeiros rodopios a casa balançou e ela sentiu como se estivesse sendo embalada gentilmente, feito um bebê no berço.



Totó não gostou. Ele correu pela sala, para lá e para cá, latindo alto. Dorothy ficou bem quieta, sentada no chão, esperando para ver o que aconteceria.

O cãozinho chegou muito perto do alçapão e caiu nele. A menina pensou que Totó havia caído, mas logo viu uma de suas orelhas se espichando pelo buraco. A forte pressão do ar evitou que ele caísse. Ela rastejou até o buraco, apanhou o cãozinho pela orelha e o arrastou de volta para dentro, fechando o alçapão atrás de si.

As horas se passavam e, lentamente, Dorothy superou o medo. Sentiu-se muito sozinha. O vento zumbia tão alto em torno dela que logo ficaria surda. Em um primeiro momento, ela se perguntou se não seria feita em pedaços quando a casa batesse contra o chão. Mas, à medida que o tempo corria e nada terrível acontecia, ela parou de se preocupar e resolveu esperar calmamente pelo que o futuro traria. Por fim, engatinhou até sua cama e se deitou nela. Totó a seguiu e deitou ao seu lado. O balanço da casa e o gemido do vento fizeram Dorothy fechar os olhos e cair rapidamente no sono.

# O ENCONTRO COM OS MIUDINS

**E**la acordou com um solavanco tão repentino que, se não estivesse deitada em sua cama macia, teria se machucado. Como estava, o abalo a fez prender a respiração e se perguntar o que tinha acontecido. Totó meteu o focinho gelado na cara dela e latiu, desanimado. Dorothy sentou-se e percebeu que a casa não estava mais se movendo. Raios de sol invadiam o cômodo pela janela. Ela pulou da cama e, com Totó nos calcanhares, correu para abrir a porta.

A garotinha deu um grito de espanto ao olhar em volta. Arregalou os olhos cada vez mais ao ver tantas maravilhas.

A casa pousou muito suavemente — para um ciclone — no meio de uma região de beleza magnífica. Havia lindos trechos gramados por todo canto e árvores majestosas carregadas de frutas grandes e suculentas. Fileiras de flores ao alcance das mãos e passarinhos com plumagens raras e brilhantes cantavam e voavam pelas árvores e arbustos. Um pouco adiante corria um riacho que reluzia entre as campinas e murmurava sua gratidão para a garotinha que vivera tanto tempo nas pradarias secas e cinzas.

Enquanto se detinha olhando para as paisagens estranhas e belas, percebeu que um grupo de pessoas — das mais esquisitas que já tinha visto na vida —, se aproximava. Eram menores do que os adultos com os quais estava acostumada, mas também não eram pequenos demais. Na verdade, pareciam ter a mesma altura

dela, que era uma criança bem desenvolvida para sua idade — no entanto, aparentemente, eram muitos anos mais velhos.

Eram três homens e uma mulher vestidos com roupas muito esquisitas. Usavam chapéus redondos de um palmo e meio que afunilavam até terminarem em um bico, com sininhos em volta da aba que tilintavam quando se moviam. Os chapéus dos homens eram azuis. O da mulherzinha era branco como seu vestido, franzido desde os ombros e pontilhado de estrelinhas que brilhavam ao sol como diamantes. Os homens trajavam azul, do mesmo tom dos chapéus, com botas bem engraxadas e barras nas calças de um tom azulado mais profundo. Eles, Dorothy pensou, pareciam ter a mesma idade do Tio Henry. Dois tinham barba. A mulherzinha era definitivamente muito mais velha. Seu rosto era cheio de rugas, seu cabelo era quase branco e ela caminhava com certa dificuldade.

Dorothy esperava na soleira da porta. Quando chegaram perto da casa, pararam e cochicharam entre si como se estivessem com medo. A velhinha foi até Dorothy, fez uma pequena reverência e disse, com uma voz doce:

— Mais nobre das feiticeiras, seja bem-vinda à terra dos miudins. Estamos muito gratos por ter matado a Bruxa Malvada do Leste e libertado nosso povo da escravidão.

Dorothy ouviu o discurso admirada. O que a mulherzinha queria dizer ao chamá-la de feiticeira e afirmar que havia matado a Bruxa Malvada do Leste? Dorothy era uma garotinha inocente e frágil, trazida por um ciclone. Estava a muitos quilômetros de casa e nunca tinha matado nada em toda a sua vida.

Mas era evidente que a mulherzinha esperava uma resposta. Dorothy disse, hesitante:

— Muito gentil da sua parte, mas deve haver algum engano. Eu não matei ninguém.

— A sua casa a matou — retrucou a velhinha, com uma risada —, o que dá no mesmo. Veja! — continuou, apontando para o canto da casa. — Os dois pés dela ainda estão para fora, debaixo da viga de madeira.

Dorothy olhou e deu um pequeno grito de susto. De fato, bem embaixo do canto da grande base de madeira da casa, apareciam dois pés para fora, calçados em sapatos de bico fino prateados apontando para cima.

— Céus! Céus! — gritou Dorothy esfregando suas mãos, desesperada. — A casa deve ter caído em cima dela. O que podemos fazer?

— Não há nada a ser feito — disse a mulherzinha calmamente.

— Mas quem era ela? — perguntou Dorothy.

— Como eu disse, era a Bruxa Malvada do Leste — respondeu a mulherzinha. — Ela escravizou e explorou os miudins por muitos anos, noite e dia. Agora, todos estão livres e muito agradecidos a você pelo favor.

— Quem são os miudins? — indagou Dorothy.

— São o povo que vive nestas terras do Leste, que eram propriedade da Bruxa Malvada.

— Você é uma miudim? — perguntou Dorothy.

— Não, mas sou amiga deles, embora eu more nas terras do Norte. Quando viram que a Bruxa do Leste estava morta, os miudins mandaram um mensageiro veloz me avisar e eu vim voando. Sou a Bruxa do Norte.

— Que incrível! — gritou Dorothy. — Você é uma bruxa de verdade?

— Sim — respondeu a mulherzinha. — Sou uma bruxa boa e as pessoas me adoram. Não sou tão poderosa como a Bruxa Malvada que governava este lugar. Se fosse, já os teria libertado.

— Eu achava que todas as bruxas eram malvadas — disse a garota, meio assustada por encarar uma bruxa de verdade.

— Ah, não, esse é um tremendo engano. Existem apenas quatro bruxas em toda a Terra de Oz e duas delas, as que vivem no Norte e no Sul, são bruxas boas. Sei bem disso porque eu mesma sou uma delas. As duas que vivem no Leste e no Oeste são, de fato, bruxas malvadas. Agora que você matou uma delas, restou apenas uma bruxa malvada em toda a Terra de Oz: aquela que vive no Oeste.

— Mas — disse Dorothy, depois de pensar um pouco — Tia Em me disse que as bruxas já estavam todas mortas há muito tempo.

— Quem é a Tia Em? — perguntou a velha mulherzinha.

— É a minha tia que vive no Kansas, de onde eu vim.

A Bruxa do Norte também pensou um pouco, com a cabeça curvada e os olhos mirando o chão. Então levantou o olhar e disse:

— Não sei onde fica o Kansas nem nunca ouvi falar dessa terra antes. Mas, me diga, é uma terra civilizada?

— Ah, sim — respondeu Dorothy.

— Então deve ser por isso. Acredito que não existam mais bruxas, magos, feiticeiras ou mágicos nas terras civilizadas. Já a Terra de Oz nunca foi civilizada. Cortamos os laços com o resto do mundo. Por isso ainda temos bruxas e mágicos entre nós.

— Quem são os mágicos? — perguntou Dorothy.

— A própria Oz tem um Grande Mágico — respondeu a Bruxa, reduzindo sua voz em um sussurro. — Ele é mais poderoso do que todos nós juntos. Ele vive na Cidade Esmeralda.

Dorothy preparava mais perguntas, mas, naquele momento, os miudins, que estavam parados bem quietinhos, deram um grito e apontaram para o canto da casa onde jazia a Bruxa Malvada.

— O que é isto? — perguntou a velha mulherzinha, começando a rir ao olhar.

Os pés da bruxa morta tinham desaparecido completamente e nada restava além dos sapatos prateados.

— Ela era tão velha — explicou a Bruxa do Norte — que o sol a secou em instantes. Esse foi seu fim. Agora que os sapatos prateados são seus, você deveria usá-los.

A bruxa se abaixou, pegou os sapatos e, depois bater a poeira, entregou-os a Dorothy.

— A Bruxa do Leste tinha orgulho desses sapatos prateados — disse um dos miudins. — Eles têm algum tipo de feitiço, mas nunca soubemos qual.

Dorothy levou os sapatos para dentro da casa e os colocou sobre a mesa. Voltou em seguida até os miudins e disse:

— Estou ansiosa para voltar para a minha tia e o meu tio. Tenho certeza de que estão preocupados comigo. Vocês poderiam me ajudar a encontrar o caminho de volta?

Os miudins e a Bruxa primeiro olharam uns para os outros, depois para Dorothy e, então, sacudiram suas cabeças.

— Para o Leste, não muito longe daqui — disse um deles —, existe um grande deserto. Ninguém jamais sobreviveu ao tentar cruzá-lo.

— É o mesmo pelo Sul — disse outro. — Eu estive lá e vi. O Sul é a terra dos fraqins.

— Ouvi dizer — disse o terceiro homem — que é igual no Oeste. Lá, onde moram os mansins amarelos, quem comanda é a Bruxa Malvada do Oeste, que transformaria você em escrava.

— O Norte é meu lar — disse a velha senhora — e na fronteira está o mesmo deserto que cerca a Terra de Oz. Suspeito, minha querida, que terá de viver conosco.

Dorothy começou a soluçar ao ouvir isso. Sentia-se solitária em meio a pessoas tão estranhas. Suas lágrimas tocaram os bondosos miudins, que imediatamente sacaram seus lenços e começaram a chorar também. Já a velha mulherzinha tirou sua touca e a equilibrou na ponta da verruga de seu nariz, enquanto contava “um, dois, três” com uma voz solene. Imediatamente, a touca se transformou em uma lousa, na qual estava escrito com grandes letras de giz branco:

“QUE DOROTHY VÁ ATÉ A CIDADE ESMERALDA”

A velhinha tirou a lousa do nariz. Ao ler aquelas palavras, perguntou:

— Seu nome é Dorothy, minha querida?

— Sim — respondeu a criança levantando os olhos e secando as lágrimas.

— Então você deve ir à Cidade Esmeralda. Talvez Oz possa ajudá-la.

— Onde fica essa cidade? — perguntou Dorothy.

— Fica exatamente no centro desta terra e é governada por Oz, o Grande Mágico de quem lhe falei.

— Ele é um homem bom? — perguntou ansiosamente a garota.

— Ele é um bom mágico. Não sei dizer se é um homem ou não, pois nunca o vi pessoalmente.

— Como eu chego lá? — perguntou Dorothy.

— Você deve andar. É uma longa jornada por uma terra que às vezes é agradável; outras, sombria e terrível. No entanto, usarei todas as artes mágicas que conheço para manter você a salvo.

— Você não vem comigo? — implorou a garota, que tinha começado a ver a velhinha como sua única amiga.

— Não, não posso fazer isso — ela respondeu —, mas lhe darei meu beijo e ninguém ousará machucar alguém beijado pela Bruxa do Norte.

Ela se aproximou de Dorothy e a beijou gentilmente na testa. No lugar onde os lábios tocaram a garota, apareceu uma marca



arredondada e brilhante, como Dorothy em breve descobriria.

— A estrada para a Cidade Esmeralda é feita de ladrilhos amarelos — disse a Bruxa —, então você não vai se perder. Quando chegar a Oz, não tenha medo dele. Conte sua história e peça ajuda. Adeus, minha querida.

Os três miudins fizeram reverências à garota e desejaram a ela uma jornada agradável. Depois sumiram por entre as árvores. A Bruxa fez um aceno amistoso, rodopiou sobre o salto esquerdo de seu sapato três vezes e desapareceu, para grande surpresa do pequeno Totó, que continuou latindo mesmo depois que ela sumiu. Ele estava com medo até de rosnar enquanto ela estava por ali.

Dorothy não ficou nada surpresa. Sabendo que ela era uma bruxa, já esperava que desaparecesse assim desse jeito.

# COMO DOROTHY SALVOU O ESPANTALHO

**S**ozinha, Dorothy começou a sentir fome. Foi até o armário, fatiou e passou manteiga nos pedaços de pão. Deu um pouco para Totó, pegou um balde na prateleira, foi até o riachinho e o encheu com água limpa e cristalina. Totó correu até as árvores latindo para os pássaros que estavam pousados ali. Dorothy saiu para pegá-lo e viu tantas frutas deliciosas nos galhos que colheu algumas. Era o que precisava para completar seu café da manhã.

Voltou para a casa, tomou um bom gole de água fresca e serviu Totó. Precisava se aprontar para a jornada até a Cidade Esmeralda.

Dorothy tinha apenas um outro vestido, que por sorte estava limpo e pendurado em um cabide ao lado da cama. Era de algodão leve, com estampa xadrez em branco e azul. Mesmo com o azul meio desbotado depois de tantas lavagens, ainda era bonito. Ela vestiu cuidadosamente a roupa limpa e amarrou seu gorro de sol rosa na cabeça. Pegou uma cestinha, colocou nela o pão que estava no armário e a cobriu com um pano branco. Olhou para seus pés e viu que seus sapatos estavam velhos e gastos.

— Certamente não vão aguentar uma viagem longa, Totó — ela disse.

Totó a olhou com seus olhinhos negros e balançou o rabo, concordando.

Nesse momento, Dorothy viu sobre a mesa os sapatos prateados da Bruxa do Leste.

— Será que servem em mim? — disse para Totó. — São exatamente o que eu preciso para uma longa viagem.

Tirou seus sapatos velhos de couro e calçou os prateados, que couberam em seus pés como se tivessem sido feitos para ela.

Finalmente, pegou a cestinha.

— Venha, Totó — ela disse. — Vamos para a Cidade Esmeralda perguntar ao Grande Oz como voltar para o Kansas.

Fechou e trancou a porta, colocando a chave com cuidado no bolso do vestido. Então, com Totó a seguindo calmamente, começou sua jornada.

Havia diversas estradas por ali, mas logo encontrou aquela feita de ladrilhos amarelos. Em pouco tempo, andava alegremente rumo à Cidade Esmeralda, com seus sapatos tilintando no piso duro e amarelo. O sol brilhava forte, os passarinhos cantavam com doçura. Dorothy não se sentia mal como se poderia pensar de uma garotinha caso fosse subitamente levada para longe e deixada no meio de uma terra estranha.

À medida que caminhava, surpreendia-se com a beleza daquela terra. Havia cercas novas ladeando a estrada, pintadas com um azul elegante. Para além delas era possível ver vastos campos de grãos e vegetais. Estava claro que os miudins eram bons fazendeiros, capazes de produzir grandes colheitas. De vez

em quando ela passava por uma casa e as pessoas saíam para vê-la. Todos a reverenciavam enquanto ela seguia viagem. Sabiam que a menina era responsável pela destruição da Bruxa Malvada, fato que os livrou da escravidão. As casas dos miudins tinham aparência estranha. Eram arredondadas, com telhados em forma de domos. Todas eram azuis, pois nesta terra do Leste o azul era a cor favorita.

Antes do anoitecer, Dorothy já estava cansada de tanto caminhar. Começava a se perguntar onde passaria a noite quando chegou a uma casa muito maior do que as outras. No gramado da frente, muitos homens e mulheres dançavam. Cinco pequenos músicos tocavam rabeca o mais alto que conseguiam. As pessoas riam e cantavam, próximas a uma grande mesa repleta de frutas, castanhas deliciosas, tortas, bolos e muitas outras coisas gostosas.

Todos cumprimentaram Dorothy gentilmente, a convidaram para jantar e passar aquela noite com eles. Era a casa de um dos miudins mais ricos e seus amigos se reuniram para celebrar sua recente liberdade e o fim da Bruxa Malvada.

Dorothy teve um ótimo jantar e esperou pelo miudim rico em pessoa, cujo nome era Boq. Então ela sentou-se em uma poltrona e assistiu às pessoas dançarem.

Quando Boq viu os sapatos prateados, observou:

— Você deve ser uma grande feiticeira.

— Por quê? — perguntou ela.

— Porque usa sapatos prateados e matou a Bruxa Malvada.

Além disso, você tem branco em seu vestido. Apenas bruxas e

feiticeiras usam branco.

— Meu vestido é xadrez de azul e branco — disse Dorothy, alisando os amassados da roupa.

— É gentil de sua parte usar isso — disse Boq. — Azul é a cor dos miudins e branco é a cor das bruxas. Por isso sabemos que você é uma bruxa amistosa.

Dorothy não sabia o que dizer. Todos acreditavam que ela era uma bruxa, mas ela sabia muito bem que era apenas uma garotinha comum trazida por um ciclone para esta terra estranha.

Quando se cansou de ver a dança, Boq a levou para dentro e mostrou seu quarto com uma bela cama. Os lençóis eram de tecido azul e Dorothy dormiu profundamente até de manhã, com Totó encolhido no tapete celeste ao seu lado.

Tomou um café da manhã reforçado e viu um bebê miudim minúsculo brincando com Totó. Ele puxava seu rabo, cantarolava e ria de um jeito que Dorothy achou muito engraçado. Totó era uma novidade para todos, porque eles nunca tinham visto um cachorro antes.

— A Cidade Esmeralda é muito longe daqui? — perguntou.

— Não faço ideia — Boq respondeu seriamente. — Nunca estive lá. É melhor ficar longe de Oz, a não ser que tenha negócios com ele. É uma longa jornada até a Cidade Esmeralda e você vai levar muitos dias até lá. A terra aqui é rica e agradável, mas você passará por lugares violentos e perigosos antes do fim de sua jornada.

Aquilo preocupou Dorothy um tanto, mas ela sabia que somente o Grande Oz poderia ajudá-la a voltar ao Kansas. Corajosa, resolveu que não desistiria.

Despediu-se de seus amigos e voltou à estrada de ladrilhos amarelos. Depois de muitos quilômetros, pensou que devia parar para descansar. Subiu em uma cerca que ladeava a estrada e sentou-se. A vista era um grande milharal guardado por um espantalho fincado em uma estaca para manter os pássaros longe do milho maduro.

Dorothy apoiou o queixo sobre a mão e contemplou, pensativa, o Espantalho. Sua cabeça era um saco de estopa cheio de palha, seus olhos, nariz e boca pintados de modo a representar um rosto. Usava um chapéu velho, azul e pontudo, herdado de algum miudim. Vestia uma roupa azul desbotada, também preenchida com palha. Os pés calçavam botas velhas de cano azul, iguais às dos outros homens desta terra. A figura pairava no alto, acima das espigas de milho.

Enquanto Dorothy olhava distraída para o rosto do Espantalho, surpreendeu-se ao ver um dos olhos piscar lentamente para ela. No início, pensou estar vendo coisas, pois nenhum dos espantalhos do Kansas tinha o costume de piscar. Em seguida, a figura acenou com a cabeça amistosamente. Imediatamente ela pulou a cerca e se aproximou enquanto Totó corria e latia em volta da estaca.

- Bom dia — disse o Espantalho com uma voz meio rouca.
- Você falou? — perguntou a garota, maravilhada.
- Certamente — respondeu o Espantalho. — Como vai?

— Muito bem, obrigada — respondeu Dorothy educadamente. — E você?

— Não me sinto muito bem — disse o Espantalho sorrindo. — É muito chato ficar empoleirado aqui noite e dia espantando corvos.

— Você não pode descer? — perguntou.

— Não, porque estou preso na estaca. Se você puder me tirar daqui, ficarei eternamente grato.

Dorothy levantou os braços, ergueu a figura e o soltou da estaca. Foi fácil, pois alguém recheado de palha é muito leve.

— Muito obrigado — disse o Espantalho, assim que foi colocado no chão. — Sou um novo homem.

Dorothy ficou encafifada, pois era muito esquisito ouvir um homem com recheio de palha falando — e também vê-lo fazer uma reverência e se aproximar dizendo:

— Quem é você? — perguntou enquanto se espreguiçava e bocejava. — Para onde você está indo?

— Meu nome é Dorothy — disse a garota — Estou indo para a Cidade Esmeralda pedir ao Grande Oz que me mande de volta para o Kansas.

— Onde fica a Cidade Esmeralda? — quis saber. — E quem é Oz?

— Ora, você não sabe? — retrucou, surpresa.

— Na verdade, não. Eu não sei nada. Sabe, eu sou empalhado, por isso não tenho miolos — respondeu com tristeza.

— Nossa — disse Dorothy —, sinto muitíssimo por você.

— Você acha — ele perguntou — que se eu for até a Cidade Esmeralda com você, esse tal Oz me daria alguns miolos?

— Não sei dizer — ela respondeu —, mas pode vir comigo, se quiser. Você não vai ficar pior do que está agora se ele não lhe der alguns miolos.

— Isso é verdade — disse o Espantalho. — Sabe, eu não ligo que meus membros e o corpo todo sejam empalhados, porque assim não me machuco. Se alguém pisa no meu pé ou me espeta um alfinete, não dói nada, pois eu não sinto nada. Mas não gosto que as pessoas me chamem de idiota. Se a minha cabeça continuar recheada com palha ao invés de alguns miolos, como a sua, nunca vou saber de coisa nenhuma.

— Entendo como você se sente — disse a garotinha, que estava verdadeiramente triste por ele. — Venha comigo e pedirei para Oz fazer o que puder por você.

— Obrigado — respondeu, agradecido.

Voltaram juntos para a estrada. Dorothy o ajudou a passar pela cerca e retomaram o caminho de ladrilhos amarelos para a Cidade Esmeralda.

No começo, Totó não gostou de ter um novo integrante no grupo. Cheirou detidamente o homem de palha como se suspeitasse que havia um ninho de ratos no estofado. Rosnava de modo nada amigável para o Espantalho.

— Não ligue para ele — disse Dorothy para o novo amigo. — Ele nunca morde.

O Espantalho respondeu:



— Ah, não estou com medo. Não se pode ferir palha. Deixe-me levar essa cesta para você. Não ligo de carregar porque não me canso. Vou te contar um segredo — continuou, enquanto caminhava. — Só existe uma coisa no mundo de que me dá medo.

— Do quê? — perguntou Dorothy. — Do fazendeiro miudim que fez você?

— Não — respondeu o Espantalho. — De um fósforo aceso.

# A ESTRADA DA FLORESTA

**D**epois de algumas horas, a estrada ficou tão acidentada e desnivelada que caminhar se tornou difícil a ponto do Espantalho tropeçar nos ladrilhos. Na verdade, em alguns lugares estavam quebrados ou faltando, deixando buracos que Totó pulava e Dorothy desviava. Já o Espantalho, não tendo miolos, só seguia em frente, tropeçando e se esborrachando nos ladrilhos duros. Isso nunca o machucava. Dorothy o levantava e o ajeitava em pé outra vez para em seguida ele a alcançar, rindo muito de sua própria desgraça.

Nessa região as fazendas não eram nem de longe tão bem cuidadas como as anteriores. Havia poucas casas ou árvores frutíferas. Quanto mais avançavam, mais a paisagem ficava triste e solitária.

Ao meio-dia, sentaram-se na beira da estrada, perto de um riacho. Dorothy abriu sua cesta para pegar um pedaço de pão. Ela ofereceu uma fatia para o Espantalho, que recusou:

— Eu nunca fico com fome — ele disse — e é melhor assim porque a minha boca é só uma pintura. Se eu fizesse um buraco para comer por ela, o recheio de palha poderia sair e minha cabeça ficaria com um formato esquisito.

Imediatamente, Dorothy percebeu que aquilo era verdade. Concordou com ele e voltou a comer seu pão.

— Conte alguma coisa sobre você e o lugar de onde você vem — disse o Espantalho, quando ela terminou o seu jantar.

Então ela lhe contou sobre o Kansas, de como lá tudo era tão cinza e de como o ciclone a trouxe para essa estranha Terra de Oz.

O Espantalho ouviu com atenção e disse:

— Não entendo você querer ir embora desta linda terra e voltar para o lugar seco e cinza que você chama de Kansas.

— Isso é porque você não tem um cérebro — respondeu a garota. — Não importa se nosso lar é cinza e monótono. Nós, as pessoas de carne e osso, preferimos viver lá do que em qualquer outro lugar, por mais belo que seja. Não há lugar como o nosso lar.

O Espantalho suspirou:

— É claro que não consigo entender — ele disse. — Se suas cabeças fossem preenchidas com palha, como a minha, vocês viveriam em lugares lindos e, então, não haveria ninguém no Kansas. Que sorte do Kansas que vocês têm miolos.

— Você não quer me contar uma história enquanto descansamos? — perguntou a garota.

O Espantalho lançou um olhar reprovador e respondeu:

— Minha vida é tão curta que eu realmente não sei nada, mesmo. Eu fui feito anteontem. Para mim, o que aconteceu no mundo antes é totalmente um mistério. Ainda bem que quando o fazendeiro fez minha cabeça, uma das primeiras coisas que pintou foram as orelhas. Por isso ouvi o que estava acontecendo.

Tinha um outro miudim com ele e a primeira coisa que ouvi foi o fazendeiro dizer:

“Que tal essas orelhas?”

“Estão desalinhas”, disse o outro.

“Tudo bem”, disse o fazendeiro.

“Continuam sendo orelhas”, o que é bem verdade.

“Agora vou fazer os olhos”, disse o fazendeiro.

— Então ele pintou meu olho direito e, assim que terminou, me vi olhando para ele e o resto à minha volta com muita curiosidade. Esse foi meu primeiro vislumbre do mundo.

“Esse olho, sim, está bonito”, indicou o miudim que estava observando o fazendeiro. “A tinta azul é perfeita para a cor dos olhos.”

“Acho que vou fazer o outro um pouco maior”, disse o fazendeiro.

— E quando o segundo olho ficou pronto, eu podia ver muito melhor do que antes. Daí ele fez meu nariz e minha boca. Mas eu não falava nada, porque ainda não sabia para que servia uma boca. Foi divertido vê-los fazendo meu corpo, os braços e as pernas. No fim, ao firmarem minha cabeça, fiquei muito orgulhoso. Pensei que era um homem como qualquer outro.

“Esse cara vai botar os corvos pra correr”, disse o fazendeiro. “Está bem parecido com um homem.”

“Mas ele é um homem”, disse o outro, no que concordei muito com ele. O fazendeiro me carregou debaixo do braço até o milharal e me prendeu naquela estaca alta onde você me

encontrou. Ele e o amigo foram embora e me deixaram lá sozinho.

— Eu não gostei de ser abandonado daquele jeito. Tentei ir atrás deles, mas os meus pés não alcançavam o chão e fui forçado a ficar na estaca. Era uma vida muito solitária. Eu não tinha no que pensar, pois tinha acabado de ser feito. Corvos e outros pássaros sobrevoavam o milharal, mas, assim que me viam, levantavam voo de novo, achando que eu era um miudim. Me agradava pensar que eu era alguém muito importante. Um corvo velho que às vezes voava mais perto, depois de me observar bastante, pousou no meu ombro e disse:

“Será que aquele fazendeiro achou que ia me enganar com essa joça? Qualquer corvo com um pingo de noção percebe que só tem palha aí dentro.”

— Então ele pousou na minha frente e comeu todo o milho que quis. Os outros pássaros, vendo que eu não fazia nada, vieram comer também. Em pouco tempo, havia um bando enorme em volta de mim. Fiquei triste, porque isso provou que eu não era um bom espantalho. Mas o velho corvo veio me consolar, dizendo:

“Se você tivesse miolos na cabeça, seria um homem normal como qualquer outro ou até mesmo melhor do que muitos deles. Ter miolos é a única coisa importante neste mundo, não importa se estamos falando de corvos ou de homens.”

— Depois que os corvos se foram, fiquei pensando muito e decidi que me esforçaria para conseguir alguns miolos. Para minha sorte, você apareceu e me tirou daquela estaca. Pelo que

— Você disse, tenho certeza de que o Grande Oz vai me dar miolos assim que chegarmos à Cidade Esmeralda.

— Assim espero — disse Dorothy, francamente. — Você parece ansioso por eles.

— Ah, sim. Estou mesmo — respondeu o Espantalho. — É desagradável saber que uma pessoa é um idiota.

— Bem, vamos indo — disse a garota entregando a cesta para o Espantalho.

Já não havia mais cercas pela estrada. A região era montanhosa e sem plantações. No fim da tarde, chegaram a uma grande floresta. As árvores cresceram tão altas e próximas umas das outras que seus galhos protegiam a estrada de ladrilhos amarelos como se fossem um túnel verde. Estava muito escuro porque as copas encobriam a luz do dia. Os viajantes não pararam e seguiram adiante pela floresta.

— Se a estrada entra por aqui, ela deve sair em algum lugar — disse o Espantalho. — Se a Cidade Esmeralda fica no final desta estrada, precisamos continuar seguindo por ela.

— Qualquer um deduziria disso — disse Dorothy.

— Claro. É por isso que eu deduzi — respondeu o Espantalho. — Se precisasse de miolos para perceber isso, eu nunca diria o que disse.

Depois de mais ou menos uma hora, a luz do sol se foi e continuaram tropeçando pela escuridão. Dorothy não via nada à sua frente, mas Totó sim. Alguns cachorros enxergam muito bem no escuro. O Espantalho declarou que via tão bem quanto de dia. Então, ela segurou no braço dele a fim de continuar a viagem.

— Se vir alguma casa ou outro lugar para passarmos a noite — ela disse —, me avise. É muito desagradável andar no escuro.

Logo depois o Espantalho parou.

— Vejo um chalezinho à nossa direita — ele disse. — É feito de troncos e galhos. Vamos até lá?

— Sim, claro — respondeu a criança. — Eu estou completamente exausta.

Então o Espantalho a conduziu por entre as árvores até o chalé. Dorothy entrou e encontrou uma cama de folhas secas em um canto. Desabou sobre ela com Totó ao seu lado. Caiu em sono profundo. O Espantalho, que nunca se cansava, ficou de pé em outro canto e esperou pacientemente pelo amanhecer.

# O RESGATE DO LENHADOR DE LATA

**Q**uando Dorothy acordou, o sol brilhava por entre as árvores e já fazia tempo que Totó corria atrás dos passarinhos e esquilos à sua volta. Ela sentou-se e deu uma olhada ao redor. Lá estava o Espantalho, ainda parado pacientemente no canto, esperando.

— Precisamos procurar água — ela disse.

— Por que você quer água? — ele perguntou.

— Para lavar meu rosto da poeira da estrada e para beber, senão o pão seco vai ficar parado na minha garganta.

— Deve ser inconveniente ser feito de carne — refletiu o Espantalho. — Vocês precisam comer, beber e dormir. Mas com miolos deve valer muito a pena passar por esse monte de incômodos e poder pensar direito.

Saíram do chalé e andaram entre as árvores até encontrarem uma pequena nascente de água cristalina onde Dorothy bebeu, se lavou e comeu seu café da manhã. O pão da cesta estava acabando e ficou grata pelo Espantalho não poder comer. O que tinham mal dava para ela e Totó passarem o dia.

Ao terminar a refeição, já ia voltar à estrada de ladrilhos amarelos quando um gemido intenso ali por perto a surpreendeu.

— O que foi isso? — perguntou, timidamente.

— Não faço ideia — respondeu o Espantalho. — Vamos lá ver.



Naquele momento, outro gemido chegou aos seus ouvidos. Parecia que o som vinha de trás deles. Viraram-se e andaram alguns passos em direção à floresta, quando Dorothy viu algo que refletia os raios de sol que passavam por entre as árvores. Ela correu até o lugar e de repente parou com um grito de surpresa.

Uma das grandes árvores estava parcialmente cortada e, parado ao lado dela, com um machado erguido nas mãos, um homem feito inteiramente de lata. Sua cabeça, seus braços e suas pernas eram encaixados em seu corpo. Ele estava completamente parado, como se não pudesse se mexer.

Dorothy e o Espantalho olharam para ele surpresos. Totó latia alto e mordia as pernas de lata até que seus dentes não aguentassem.

— Você gemeu? — perguntou Dorothy.

— Sim — respondeu o homem de lata —, gemi. Estou gemendo há mais de um ano sem ninguém me ouvir nem me ajudar.

— O que posso fazer por você? — perguntou docemente, comovida por aquela voz tristonha.

— Pegue uma lata de óleo e lubrifique as minhas juntas — ele respondeu. — Ficaram tão enferrujadas que não posso me mexer. Se me lubrificar, logo ficarei bem de novo. Tem uma lata de óleo numa prateleira do meu chalé.

Dorothy correu para o chalé e achou a lata de óleo. Depois, voltou e perguntou, ansiosa:

— Onde são as suas juntas?

— Primeiro, lubrifique o pescoço — respondeu o Lenhador de Lata.

Foi o que ela fez, porém, ele estava tão enferrujado que o Espantalho segurou a cabeça de lata e a moveu suavemente de um lado para outro, até soltar um pouco. Só assim o homem foi capaz de movê-la sozinho.

— Agora, as juntas dos meus braços — ele disse.

Dorothy usou o lubrificante e o Espantalho as dobrou com cuidado até ficarem livres da ferrugem, como se fossem novas em folha.

O Lenhador de Lata suspirou satisfeito, abaixou o machado e o apoiou contra a árvore.

— Que alívio — ele disse. — Estava segurando este machado no ar desde que enferrujei. Que bom poder finalmente baixá-lo. Agora, se você lubrificar as juntas das minhas pernas, voltarei a ser como sempre fui.

Lubrificaram suas pernas até que ele as movesse livremente. O homem de lata agradeceu aos dois pela liberdade, pois era uma criatura muito educada.

— Eu poderia ter ficado ali para sempre se vocês não tivessem aparecido — o homem disse. — Portanto, posso dizer que salvaram a minha vida. Como foi que chegaram aqui?

— Estamos a caminho da Cidade Esmeralda para ver o Grande Oz — ela respondeu. — Paramos no seu chalé para passar a noite.

— Por que vocês querem ver Oz? — ele perguntou.

— Eu quero que ele me mande de volta para o Kansas e o Espantalho quer uns miolos na cabeça — ela respondeu.

O Lenhador de Lata pensou profundamente por um instante e disse:

— Vocês acham que Oz poderia me dar um coração?

— Ora, eu acho que sim — Dorothy respondeu. — Deve ser tão fácil quanto dar um cérebro para o Espantalho.

— É verdade — replicou o Lenhador de Lata. — Então, se permitirem que eu me junte ao grupo, irei com vocês até a Cidade Esmeralda pedir que Oz me ajude.

— Venha com a gente — falou o Espantalho, emocionado.

Dorothy disse que adoraria ter a companhia dele.

O Lenhador de Lata colocou seu machado no ombro e os três passaram pela floresta, de volta ao caminho pavimentado com ladrilhos amarelos. Ele pediu que Dorothy levasse a lata de óleo dentro da cesta.

— É que se eu tomar chuva e enferrujar de novo, precisarei muito dessa lata de óleo — explicou.

Foi um bocado de sorte esse novo camarada se juntar ao grupo, pois logo que retomaram a jornada, chegaram a um trecho em que árvores e galhos avançaram tanto pela estrada que os viajantes não podiam passar. O Lenhador de Lata se pôs a trabalhar e cortava tão bem que rapidamente liberou o caminho.

Dorothy estava tão concentrada em seus pensamentos que não percebeu quando o Espantalho tropeçou em um buraco e rolou para a beira da estrada. Na verdade, ele precisou chamá-la em voz alta para que o ajudasse a se levantar novamente.

— Por que você não desviou do buraco? — perguntou o Lenhador de Lata.

— Eu não sei o bastante — respondeu o Espantalho, alegremente. — Minha cabeça está cheia de palha, sabe? É por isso que estou indo para Oz pedir alguns miolos.

— Ah, entendo — disse o Lenhador de Lata. — Mas quer saber? Mioslos não são a melhor coisa do mundo.

— Você tem miolos? — inquiriu o Espantalho.

— Não, minha cabeça é bem oca — respondeu o Lenhador. — Mas já tive um cérebro e um coração. Depois de testar os dois, prefiro ter um coração.

— Me explique, por quê? — perguntou o Espantalho.

— Se eu contar minha história, vocês entenderão.

Assim, enquanto caminhavam pela floresta, o Lenhador de Lata contou a seguinte história:

— Eu nasci filho de um lenhador que derrubava árvores na floresta e vendia a madeira para viver. Quando cresci, eu me tornei um lenhador. Depois que meu pai morreu, tomei conta da minha amada mamãe pelo resto de sua vida. Foi quando botei na minha cabeça que não queria morar sozinho e deveria me casar, pois assim não me tornaria um solitário.

“Havia uma garota miudim tão bela que logo me apaixonei com todo o meu coração. Ela prometeu se casar comigo assim que eu ganhasse dinheiro suficiente para construir uma boa casa. Comecei então a trabalhar mais do que nunca. A garota vivia com uma velha que não queria que ela se casasse com ninguém. Era tão folgada que desejava que a garota ficasse para cozinhar e

fazer todo o trabalho da casa. A velha procurou a Bruxa Malvada do Leste e prometeu a ela duas ovelhas e uma vaca se evitasse o casamento. Por isso, a Bruxa Malvada enfeitiçou meu machado e um dia, quando eu estava cortando lenha arduamente, ansioso para ter uma casa nova e minha esposa o mais rápido possível, o machado me escapou e cortou fora minha perna esquerda.

“No começo aquilo me pareceu um grande azar, pois um perneta não faz um bom lenhador. Então fui até um serralheiro e pedi que me fizesse uma perna de lata. A perna funcionou tão bem que me acostumei rapidamente. Minha atitude irritou a Bruxa Malvada do Leste, que havia prometido à velha que eu não me casaria com a garota miudim. Quando voltei a cortar madeira, meu machado escapou e cortou fora minha perna direita. Outra vez, fui ao serralheiro e novamente ele me fez uma perna de lata. Depois disso, o machado encantado decepcionou meus braços, um após o outro. Sem me intimidar, coloquei dois braços de lata. Irritada, a Bruxa Malvada fez o machado arrancar a minha cabeça. No princípio, pensei que era mesmo o meu fim. Mas aconteceu de o serralheiro aparecer, fazer uma cabeça de lata e colocá-la sobre o meu pescoço.

“Pensei então que havia derrotado a Bruxa Malvada. Trabalhei duro como nunca, porém, mal sabia como minha inimiga era cruel. Ela pensou em um novo jeito de matar o meu amor pela linda donzela miudim e fez o machado escapar novamente, dividindo meu corpo em dois. De novo o serralheiro veio me ajudar e me fez um corpo de lata, unindo pernas, braços e cabeça com juntas para que eu conseguisse andar por aí normalmente. Mas, veja só! Agora não tenho mais coração. Todo

o meu amor pela garota miudim se perdeu e não ligo mais se vou me casar ou não. Suponho que ela ainda viva com a velha, esperando que um dia eu chegue para buscá-la.

“Meu corpo agora brilhava reluzente ao sol. Sou muito orgulhoso disso e, depois de tudo, não existe mais perigo quando o machado escorrega, pois ele não pode mais me ferir. Havia apenas o risco de as juntas enferrujarem. Por isso sempre mantenho uma lata de óleo no chalé para me lubrificar quando necessário. No entanto, um dia eu me esqueci de fazer isso e uma tempestade me apanhou. Antes que eu percebesse, minhas juntas enferrujaram. Fiquei largado na floresta até vocês aparecerem para me ajudar. Foi uma experiência horrível, ficar um ano inteiro parado ali. Tive tempo para pensar que a pior perda que sofri foi a do coração. Enquanto estava apaixonado, eu era o homem mais feliz na terra. Só que não se pode amar sem um coração. Então, resolvi pedir para Oz me dar um. Se ele me der, voltarei para a donzela miudim e me casarei com ela.”

Dorothy e o Espantalho ficaram muitíssimo interessados na história do Lenhador de Lata. Agora, sabiam o motivo dele estar tão ansioso por um coração.

— Digo o mesmo sobre mim — disse o Espantalho. — Pedirei por miolos em vez de um coração porque um tolo não saberia o que fazer com um coração se tivesse um.

— Ficarei com o coração — replicou o Lenhador de Lata —, pois miolos não trazem felicidade, que é a melhor coisa do mundo.

Dorothy não disse nada. Estava encafifada pensando qual dos seus dois amigos estava com a razão. Ela decidiu que se ao menos pudesse retornar ao Kansas com Tia Em, o fato de o Lenhador não ter cérebro ou do Espantalho não ter coração, não faria muita diferença.

O que mais a preocupava era que o pão estava no fim e só daria para mais uma refeição para ela e Totó. É claro que nem o Lenhador nem o Espantalho comeriam, pois não sentiam fome. Ela, porém, que não era feita nem de lata nem de palha, só sobreviveria se comesse alguma coisa.

# O LEÃO COVARDE

**D**orothy e seus companheiros andavam pela mata fechada havia um bom tempo. A estrada ainda seguia pavimentada por ladrilhos amarelos, mas estava coberta de galhos e folhas secas caídos das árvores. A caminhada não era nada fácil.

Havia muitos pássaros nessa parte da floresta, eles adoram campos abertos e ensolarados. De vez em quando, ouviam o rosnado de um animal selvagem escondido entre as árvores. O coração da garotinha disparava com esses ruídos vindos de lugares incertos. Totó sabia de onde vinham e, por isso, andava bem perto de Dorothy e sequer latia de volta.

— Quanto tempo falta para sairmos da floresta? — a menina perguntou ao Lenhador de Lata.

— Eu não sei dizer — foi a resposta. — Nunca fui até a Cidade Esmeralda. Meu pai foi uma vez quando eu era criança. Ele contava que foi uma longa viagem por um terreno perigoso, mas também que as proximidades da Cidade de Oz são lindas. Não sinto medo enquanto tiver minha lata de óleo comigo e nada pode ferir o Espantalho. Você tem a marca do beijo da Bruxa Boa na testa, o que mantém o mal afastado.

— Mas e Totó? — disse a garota, inquieta. — O que vai protegê-lo?

— Nós mesmos, caso ele corra perigo — respondeu o Lenhador de Lata.



No momento em que falava, ouviram um terrível rugido vindo da floresta. No instante seguinte, um leão saltou na estrada. Com um golpe da pata, fez o Espantalho girar até a beira do pavimento. Depois atacou o Lenhador de Lata com suas garras afiadas. Porém, para surpresa do Leão, mesmo tendo derrubado o Lenhador, ele sequer foi arranhado. O Lenhador se manteve intacto.

O pequeno Totó agora tinha um inimigo para enfrentar. Corria e latia em volta do Leão. A grande fera já abria as mandíbulas para abocanhar o cachorro quando Dorothy, temendo que Totó fosse morto, perdeu a noção do perigo. Avançou chorando e acertou o focinho do Leão o mais forte que podia.

— Não se atreva a morder Totó! Você deveria ter vergonha! Um animal enorme como você mordendo um pobre cachorrinho?

— Eu não morde — disse o Leão, esfregando o focinho com a pata, bem onde Dorothy o havia acertado.

— Não, mas tentou — ela retrucou. — Você não passa de um grande covarde.

— Eu sei — disse o Leão, abaixando a cabeça, envergonhado. — Sempre soube disso. Não posso mudar quem eu sou.

— Não sei. Pensar em você atacando um homem empalhado como o pobre Espantalho!

— Ele é empalhado? — perguntou o Leão, surpreso, enquanto ela levantava o amigo e o ajeitava em pé.

— Claro que é empalhado — replicou Dorothy, ainda brava.

— Por isso caiu tão facilmente — apontou o Leão. — Fiquei espantado quando ele saiu girando. O outro também é empalhado?

— Não, é feito de lata — disse Dorothy, ajudando o Lenhador a se levantar.

— É por isso que quase quebrei minha garras — disse o Leão. — Quando arranharam a lata, me arrepiei até a espinha. E esse animalzinho que você tanto ama?

— É o meu cachorro Totó — respondeu Dorothy.

— Ele é feito de lata? Ou é empalhado? — perguntou o Leão.

— Nenhum dos dois. Ele é um... um... um cachorro de carne e osso — disse a garota.

— Ah! É um animal curioso e parece incrivelmente pequeno, agora que estou reparando melhor. Ninguém pensaria em morder uma coisinha dessas, a não ser um covarde como eu — continuou o Leão, triste.

— Por que você é covarde? — perguntou Dorothy, maravilhada pela grande fera, que era maior do que um cavalo pequeno.

— É um mistério — respondeu o Leão. — Acho que eu nasci assim. Todos os outros bichos da floresta esperam que eu seja corajoso porque o Leão é conhecido como o Rei dos Animais. Por isso, aprendi que, se eu rugir bem alto, as criaturas se amedrontam e saem do caminho. Toda vez que encontro um homem, fico terrivelmente apavorado, mas basta rugir para que corra o mais rápido que consegue. Se os elefantes, os tigres e os ursos tentassem lutar comigo, eu fugiria... Sou um tremendo

covarde, mas assim que me ouvem rugir, todos se afastam e, é claro, eu os deixo ir.

— Mas isso não está certo. O Rei dos Animais não pode ser um covarde — disse o Espantalho.

— Eu sei — replicou o Leão, limpando uma lágrima do olho com a ponta do rabo. — É uma grande mágoa que faz a minha vida muito infeliz. Toda vez que há algum perigo, meu coração dispara.

— Talvez você tenha um problema no coração — disse o Lenhador.

— Talvez — disse o Leão.

— Se você tem — continuou o Lenhador de Lata —, fique feliz. É a prova de que você tem um coração. Eu, que não tenho, nem posso sofrer de doença do coração.

— Pode ser — disse o Leão, pensativo. — Se eu não tivesse um coração, não seria um covarde.

— Você tem miolos? — perguntou o Espantalho.

— Acho que sim. Nunca pensei nisso — respondeu o Leão.

— Estou indo até o Grande Oz pedir alguns — lembrou o Espantalho. — Minha cabeça é forrada de palha.

— E eu vou pedir um coração — disse o Lenhador.

— E eu vou pedir que mande eu e Totó de volta para o Kansas — completou Dorothy.

— Vocês acham que Oz poderia me dar coragem? — perguntou o Leão Covarde.

— Tão simples como pode me dar miolos — disse o Espantalho.

— Ou me dar um coração — disse o Lenhador de Lata.

— Ou me mandar de volta para o Kansas — disse Dorothy.

— Então, se não se importam, irei com vocês — disse o Leão.

— Minha vida é simplesmente insuportável sem um pingo de coragem.

— Pois seja muito bem-vindo — respondeu Dorothy. — Você ajudará a manter as outras feras afastadas. Elas se assustam tão facilmente que, para mim, parecem muito mais covardes do que você.

— E são mesmo — disse o Leão. — Mas isso não me torna mais corajoso. Enquanto eu souber que sou um covarde, serei infeliz.

Mais uma vez o pequeno grupo prosseguiu sua jornada, com o Leão andando majestosamente ao lado de Dorothy. Totó não aprovou o novo camarada imediatamente porque não conseguia se esquecer de quase ter sido dilacerado pelas grandes mandíbulas do Leão. Porém, depois de um tempo, ficou mais relaxado. A partir daí, cachorro e leão se tornaram grandes amigos.

Pelo resto daquele dia nenhuma outra aventura perturbou a paz da viagem. O Lenhador de Lata, na verdade, pisou em um besouro na estrada e matou a pobre criaturinha. Isto o deixou muito triste, pois sempre tomava cuidado para não machucar nenhuma criatura. Enquanto caminhava, chorou lágrimas de dor e de arrependimento. Suas lágrimas escorreram lentamente pelo

rosto e sobre as articulações do queixo, que se enferrujaram. Pouco tempo depois, quando Dorothy lhe fez uma pergunta, o Lenhador de Lata já não podia abrir a boca. Suas mandíbulas estavam travadas. Assustado, fez movimentos pedindo que Dorothy o livrasse daquilo, mas ela não compreendia. O Leão também ficou intrigado em saber o que estava errado. Foi nesse momento que o Espantalho pegou o óleo da cesta de Dorothy e lubrificou as juntas do Lenhador. Minutos depois, ele voltou a falar tão bem como antes:

— Que isso me sirva de lição para eu olhar por onde ando — disse o Lenhador. — Se eu matar outro inseto, certamente vou chorar de novo e as lágrimas enferrujarão meu queixo. Ficaria sem conseguir falar novamente.

Depois disso, andou com muito cuidado, de olho na estrada. Quando via uma formiguinha trabalhando, pulava por cima dela para não machucá-la. O Lenhador de Lata sabia muito bem que não tinha um coração e, por isso, tomava muito cuidado para não ser cruel ou indelicado com ninguém.

— Pessoas com coração como vocês — ele disse — têm algo para guiar seu caminho e nunca agem errado. Como não tenho coração, preciso ser muito mais cuidadoso. Quando Oz me der um coração, com certeza não precisarei me preocupar tanto.

# A JORNADA ATÉ O GRANDE OZ

**N**aquela noite, o grupo foi obrigado a acampar debaixo de uma grande árvore com uma copa frondosa para protegê-los do sereno, pois não havia casas por perto. O Lenhador de Lata cortou uma pilha de lenha com seu machado e Dorothy fez uma ótima fogueira para se esquentar e sentir-se menos solitária. Ela e Totó comeram o que restava do pão e agora não sabia o que teriam para o café da manhã.

— Se quiser — disse o Leão —, posso matar um veado na floresta para você assá-lo no fogo, já que seu gosto é tão peculiar que prefere comida quente. Seria um café da manhã maravilhoso.

— Não! Por favor, não — implorou o Lenhador de Lata. — Eu certamente choraria se você matasse um pobre veado. Minhas mandíbulas enferrujariam de novo.

O Leão foi para a floresta e encontrou seu próprio jantar. Ninguém soube o que ele comeu, pois não disse nada. O Espantalho encontrou uma árvore carregada de castanhas e encheu a cesta de Dorothy com elas, para que a menina não passasse fome por um bom tempo. Ela achou aquilo muito gentil e inteligente da parte do Espantalho, mas gargalhou do modo estranho como a pobre criatura as colhia. As mãos fofas eram tão desajeitadas e as castanhas eram tão pequenas que caía no chão quase a mesma quantidade que ele colocava na cesta. O Espantalho não estava com pressa de encher a cesta, pois isso o mantinha afastado da fogueira. Ele temia que uma centelha

espirrasse em sua palha e o queimasse. Por isso, manteve uma boa distância das chamas e apenas se aproximou para cobrir Dorothy com folhas secas quando ela se deitou para dormir. Isso a manteve aconchegada e aquecida. A menina dormiu profundamente até a manhã seguinte.

Quando já era dia, a garota lavou o rosto em um riachinho de água corrente. Logo em seguida, voltaram ao caminho para a Cidade Esmeralda.

Foi um dia agitado para os viajantes. Mal haviam andado por uma hora quando deram de frente com um grande fosso que rasgava a estrada e a dividia até onde a vista alcançava. Era um fosso muito largo. Ao se aproximarem da borda viram que também era muito profundo, com rochas grandes e pontiagudas lá embaixo. As bordas eram tão íngremes que nenhum deles poderia saltar. Por um momento, parecia que a jornada havia chegado ao fim.

— O que vamos fazer? — perguntou Dorothy, desesperada.

— Não tenho a menor ideia — disse o Lenhador de Lata.

O Leão balançou a juba desgrenhada e olhou, pensativo. O Espantalho se adiantou:

— Não podemos voar, disso eu sei. Nem podemos escalar este grande fosso. Portanto, se não saltarmos por sobre ele, ficaremos aqui mesmo.

— Acho que consigo saltar até o outro lado — disse o Leão Covarde, depois de medir mentalmente a distância.

— Então estamos combinados — respondeu o Espantalho. — Salte com a gente nas costas, um de cada vez.

— Bem, eu vou tentar — disse o Leão. — Quem vem primeiro?

— Eu — declarou o Espantalho. — Porque se você descobrir que não pode saltar este abismo, Dorothy morreria ou o Lenhador de Lata ficaria gravemente amassado nas rochas lá embaixo. Comigo nas suas costas não fará muita diferença, pois não vou me machucar se cair.

— Eu é que estou com um medo terrível de cair — disse o Leão Covarde. — Mas acho que não há outra opção a não ser tentar. Suba nas minhas costas e vamos fazer uma tentativa.

O Espantalho subiu nas costas do Leão. A grande fera caminhou até a beira do abismo e se agachou.

— Por que você não corre e pula? — perguntou o Espantalho.

— Porque não é assim que os Leões fazem — respondeu.

Com um grande salto, ele se lançou ao ar e pousou com segurança do outro lado. Todos ficaram felizes ao ver a facilidade com que realizou a façanha. Depois do Espantalho descer de suas costas, ele saltou de volta.

Dorothy pensou que deveria ser a próxima. Pegou Totó no colo e montou nas costas do Leão, segurando firme na juba com a outra mão. No instante seguinte, foi como se estivesse voando. Antes de ter tempo de pensar, estava sã e salva do outro lado. O Leão voltou novamente e atravessou com o Lenhador de Lata. Depois, sentaram-se para dar à fera tempo de descansar, pois seus grandes saltos deixaram sua respiração curta e arfante, como um cachorro grande que correu demais.



Encontraram uma floresta muito densa, sombria e amedrontadora do outro lado. Depois que o Leão descansou, voltaram para a estrada de ladrilhos amarelos, imaginando silenciosamente, cada um consigo, se chegariam ao final da mata e encontrariam novamente a luz do sol. O desconforto geral aumentou quando ouviram sons estranhos das profundezas da floresta. O Leão cochichou que nessa região viviam os Kaliferas.

— O que são os Kaliferas? — perguntou a garota.

— São feras monstruosas com corpo de urso e cabeça de tigre — respondeu o Leão. — Têm garras tão compridas e afiadas que me cortariam em dois tão facilmente quanto eu faria com Totó. Morro de medo dos Kaliferas.

— Seu medo não me surpreende — respondeu Dorothy. — Devem ser feras terríveis.

O Leão ia continuar quando, de repente, eles se depararam com outro abismo cruzando a estrada. Era tão largo e fundo que o Leão sabia que seu salto não alcançaria o outro lado.

Sentaram-se para considerar o que deveriam fazer. Depois de pensar seriamente sobre o assunto, o Espantalho disse:

— Vejam esta grande árvore aqui. Se o Lenhador de Lata cortá-la, ela cairá sobre o fosso e poderemos caminhar por ela até o outro lado.

— Mas que ideia sensacional — disse o Leão. — Qualquer um diria que você tem um cérebro dentro da cabeça em vez de palha.

O Lenhador começou a trabalhar imediatamente. Seu machado era tão afiado que logo a árvore estava cortada. O Leão empurrou a árvore com toda a força de suas patas poderosas.

Lentamente, ela tombou e caiu com um estrondo por sobre o fosso, formando uma ponte.

Eles mal haviam começado a atravessar a desajeitada ponte quando um grunhido agudo os fez olharem em volta. Para horror de todos, viram correr em sua direção duas grandes bestas com corpos de urso e cabeça de tigre.

— Os Kaliferas! — gritou o Leão Covarde, começando a tremer.

— Rápido! — gritou o Espantalho. — Vamos atravessar.

Dorothy foi na frente com Totó em seus braços. O Lenhador de Lata a seguiu e depois o Espantalho. O Leão, ainda que certamente com medo, virou-se para encarar os Kaliferas. Rugiu tão alto e terrivelmente que Dorothy gritou e o Espantalho caiu de costas. Até mesmo os ferozes monstros estancaram e olharam para o Leão, surpresos.

Percebendo que eram tão grandes quanto o Leão e se lembrando que eram dois contra um, os Kaliferas continuaram o avanço. O Leão atravessou pela ponte e esperou o que viria em seguida. Sem hesitar, os monstros começaram a atravessar pela árvore. Então o Leão disse para Dorothy:

— Estamos perdidos. Vão nos fazer em pedaços com suas garras afiadas. Fique atrás de mim. Vou lutar contra eles enquanto eu viver.

— Espera um pouco! — chamou o Espantalho, que pensava qual seria a melhor saída.

Então pediu ao Lenhador que cortasse a ponta da árvore do lado deles do fosso. O Lenhador de Lata começou novamente.

Bem quando os dois Kaliferas estavam terminando a travessia, a árvore despencou no abismo, fazendo um grande ruído e levando consigo os horrendos brutamontes e seus berros. Ambos se espatifaram em pedaços nas rochas afiadas.

— Bem — disse o Leão Covarde dando um longo suspiro de alívio —, estou vendo que nossas vidas não vão acabar tão cedo. Fico bem feliz com isso. Deve ser desconfortável não estar vivo. Essas criaturas me assustaram tanto que meu coração ainda está disparado.

— Ah, como eu queria ter um coração batendo no meu peito — disse o Lenhador de Lata.

Essa aventura deixou os viajantes mais ansiosos do que nunca para sair da floresta. Andaram tão rápido que Dorothy se cansou e teve de viajar nas costas do Leão. Para sua grande alegria, as árvores foram rareando à medida em que avançavam. À tarde, depararam com um rio largo e caudaloso. Do outro lado da água viram a continuação da estrada de ladrilhos amarelos avançando por uma terra linda, com campinas floridas e árvores carregadas de frutas suculentas ao longo do caminho. Todos ficaram contentes com a paisagem encantadora.

— Como atravessaremos o rio? — perguntou Dorothy.

— Essa é fácil — respondeu o Espantalho. — O Lenhador de Lata pode construir uma balsa e iremos boiando até o outro lado.

O Lenhador empunhou seu machado e começou a derrubar arvoretinhas para a balsa. Enquanto ele estava ocupado, o Espantalho encontrou na margem do rio uma árvore repleta de

frutas. Dorothy adorou, pois só tinha comido castanhas o dia todo. Teve uma refeição excelente.

Construir uma balsa demora, mesmo para um trabalhador incansável como o Lenhador de Lata. Quando a noite chegou, o trabalho ainda não estava terminado. Encontraram um lugar agradável sob as árvores, onde poderiam dormir bem até o amanhecer. Dorothy sonhou com a Cidade Esmeralda e com o bom Mágico Oz, que logo iria mandá-la de volta para seu antigo lar.

# O CANTEIRO DAS PAPOULAS MORTAIS

**N**osso pequeno grupo de viajantes acordou na manhã seguinte revigorado e cheio de esperança. Dorothy tomou um ótimo café da manhã, com pêssegos e ameixas das árvores que margeavam o rio. Ao fundo estava a floresta sombria a qual atravessaram em segurança ainda que com muitos desafios. Adiante, uma terra adorável e ensolarada parecia indicar o caminho para a Cidade Esmeralda.

O rio largo era a única coisa que os separava daquela linda região. A balsa estava quase pronta. O Lenhador de Lata cortava mais algumas toras e as prendia com pinos de madeira. Estavam prontos para zarpar. Dorothy sentou-se no meio da balsa com Totó no colo. A embarcação balançou quando o Leão Covarde subiu, de tão grande e pesado. Para compensar, o Espantalho e o Lenhador de Lata subiram na outra ponta e usaram longas varas para conduzir a balsa pela água.

Seguiram muito bem no começo, mas no meio da travessia a forte correnteza empurrou a balsa rio abaixo, cada vez mais longe da estrada de ladrilhos amarelos. O rio era tão profundo que as varas não tocavam mais o leito.

— Isto é ruim — disse o Lenhador de Lata. — Se não chegarmos em terra firme, seremos levados até a região da Bruxa

Malvada do Oeste e ela nos enfeitiçará e nos tornará seus escravos.

— Daí não terei meus miolos — disse o Espantalho.

— Nem eu minha coragem — disse o Leão Covarde.

— Nem eu meu coração — disse o Lenhador de Lata.

— Nem eu vou voltar para o Kansas, nunca mais — disse Dorothy.

— Precisamos chegar à Cidade Esmeralda de qualquer jeito — o Espantalho arrematou.

Ele afundou tanto a vara no fundo do rio que ela se prendeu na lama. Assim, antes que fosse capaz de puxá-la novamente, a balsa continuou e o pobre Espantalho ficou para trás, agarrado à haste no meio do rio.

— Adeus! — gritou para os outros, que ficaram extremamente sentidos em deixá-lo para trás.

O Lenhador de Lata começou a chorar, mas logo se lembrou de que poderia enferrujar e tratou de secar suas lágrimas no avental de Dorothy. Obviamente era uma coisa péssima para o Espantalho, que pensou:

“Agora minha situação é pior do que quando conheci Dorothy. Antes, eu estava preso em uma estaca num milharal, mas pelo menos fingia que assustava os corvos. No meio de um rio não há utilidade nenhuma para um Espantalho numa vara. Acho que, no final das contas, jamais terei miolos!”

A balsa prosseguia rio abaixo enquanto se distanciava do Espantalho. O Leão se pronunciou:

— Precisamos fazer alguma coisa se quisermos nos salvar. Acho que consigo nadar puxando a balsa até a margem se vocês segurarem firme na minha cauda.

Assim, ele saltou na água e o Lenhador de Lata agarrou sua cauda. O Leão nadou com toda a força em direção à margem. Embora fosse bem grande, era um trabalho árduo, mas em pouco tempo saíram da correnteza e Dorothy usou a vara que havia sobrado do Lenhador de Lata para ajudar a empurrar a balsa.

Estavam todos exaustos quando alcançaram, enfim, o belo gramado verde. Ficou claro que a correnteza os havia levado para bem longe da estrada de ladrilhos amarelos.

— O que faremos agora? — perguntou o Lenhador de Lata enquanto o Leão se deitava na grama para secar ao sol.

— Precisamos voltar para a estrada de algum jeito — disse Dorothy.

— O melhor plano seria acompanhar a margem do rio até voltarmos para a estrada — apontou o Leão.

Quando todos já haviam descansado, Dorothy apanhou sua cesta e caminharam ao longo da margem gramada até a estrada, de volta ao ponto onde haviam zarpado. Era uma região adorável, com muitas flores, árvores frutíferas e luz do sol para aquecê-los. Estariam muito felizes se não fosse pelo pobre Espantalho.

Ao andar pela margem o mais rápido que podiam, Dorothy se deteve apenas uma vez para colher uma linda flor. Depois de algum tempo, o Lenhador de Lata gritou:

— Vejam!

Todos olharam para o rio e viram o Espantalho empoleirado em sua vara na correnteza, com um ar muito solitário e triste.

— Como poderemos salvá-lo? — perguntou Dorothy.

O Leão e o Lenhador só menearam a cabeça, sem nenhuma ideia. Sentaram-se ali contemplando melancolicamente o Espantalho até que uma cegonha os avistou e pousou na beira da água para descansar.

— Quem vocês são e para onde vão? — perguntou a Cegonha.

— Eu me chamo Dorothy — respondeu a garota. — Estes são meus amigos: o Lenhador de Lata e o Leão Covarde. Estamos indo para a Cidade Esmeralda.

— Esta não é a estrada — disse a Cegonha virando seu pescoço comprido e olhando atentamente para o estranho grupo.

— Nós sabemos — replicou Dorothy. — Estamos pensando em como tirar o Espantalho dali.

— Onde? — perguntou a Cegonha.

— Bem ali, no meio do rio — respondeu a garotinha.

— Se ele não fosse tão grande e pesado eu o traria aqui para vocês — comentou a Cegonha.

— Ele é bem leve — disse Dorothy, impaciente. — É todo feito de palha. Se você o trouxer para cá, seremos eternamente gratos.

— Vou tentar — disse a Cegonha —, mas se ele for muito pesado, vou largá-lo de novo no rio.

O grande pássaro planou sobre a água até chegar ao Espantalho. Então, com suas grandes garras, a Cegonha o



prende pelo braço e o levantou no ar, voando até a margem onde Dorothy, o Leão, o Lenhador de Lata e Totó esperavam.

Quando o espantalho se viu entre amigos mais uma vez, ficou tão feliz que abraçou a todos, até mesmo o Leão e Totó. Enquanto caminhavam, ele cantarolava “Eu-vou-a-go-reu-vou!” a cada passo, sentindo-se muito alegre.

— Achei que ficaria no rio para sempre — ele disse. — A gentil Cegonha me salvou. Se um dia eu tiver algum miolo procurarei a Cegonha para retribuir tanta gentileza.

— Está tudo bem — disse a Cegonha, que voava logo acima deles. — Gosto de ajudar quem tem problemas. Agora preciso ir. Meus bebês me esperam no ninho. Tomara que encontrem a Cidade Esmeralda e que Oz ajude a todos.

— Obrigada — respondeu Dorothy.

A bondosa Cegonha voou para o alto e logo sumiu de vista.

Andaram em frente, ouvindo a cantoria dos pássaros coloridos e brilhantes. Encontravam adoráveis flores que cresciam tão juntas umas das outras que o chão parecia um tapete. Havia grandes flores amarelas, brancas, azuis e púrpuras ao lado de grandes porções de papoulas vermelhas, tão brilhantes que quase cegavam os olhos de Dorothy.

— Não são lindas? — perguntou a garota sentindo o odor picante das flores reluzentes.

— Parece que sim — respondeu o Espantalho. — Quando eu tiver miolos, acho que vou apreciá-las melhor.

— Se ao menos eu tivesse um coração, poderia amá-las — acrescentou o Lenhador de Lata.

— Sempre gostei de flores — disse o Leão. — Elas parecem inofensivas e frágeis. Não há nenhuma na minha floresta tão brilhante como essas.

As grandes papoulas vermelhas dominavam a paisagem a cada passo enquanto as outras flores diminuía em quantidade. Logo estavam no meio de um grande prado de papoulas. Todos sabem que quando há muitas dessas flores juntas o odor é tão poderoso que qualquer um pode acabar adormecendo. Se o dorminhoco não tomar cuidado com o perfume, dormirá para sempre. Mas Dorothy não sabia disso, senão teria se afastado das flores vermelhas brilhantes que a rodeavam. Rapidamente, os olhos da menina ficaram cada vez mais pesados. Ela sentiu que precisava sentar-se para descansar e dormir.

O Lenhador de Lata, porém, estava lá para impedi-la:

— Vamos voltar logo para a estrada de ladrilhos amarelos antes que escureça — ele disse.

O Espantalho concordou e todos continuaram andando até Dorothy não poder mais ficar em pé. Seus olhos se fechavam contra sua vontade e ela se esqueceu de quem era, caindo sobre as papoulas e dormindo rapidamente.

— O que faremos? — perguntou o Lenhador de Lata.

— Se a deixarmos aqui, ela vai morrer — disse o Leão. — O perfume das flores está matando todos nós. Nem eu estou conseguindo manter os olhos abertos. O cachorro já caiu no sono.

Era verdade. Totó tinha adormecido ao lado de sua pequena dona. O Espantalho e o Lenhador de Lata, que não eram feitos de

carne e osso, não tinham problemas com o perfume.

— Corra, rápido! — disse o Espantalho para o Leão. — Saia deste canteiro de flores mortais o quanto antes. Levaremos a garotinha conosco, mas você é grande demais para carregar caso venha a adormecer.

Nesse momento, o Leão despertou. Disparou o mais rápido que pôde e desapareceu no horizonte.

— Vamos fazer uma cadeira com os braços e carregá-la — disse o Espantalho.

Pegaram Totó e o colocaram no colo de Dorothy. Fizeram um assento com as mãos, o encosto com seus braços, e carregaram a garota adormecida pelo jardim.

Caminhavam devagar. O grande tapete de flores mortais que os rodeava parecia não ter fim. Seguiram a curva do rio e, enfim, chegaram até seu amigo Leão, adormecido entre as papoulas. As flores haviam vencido a enorme fera, que sucumbiu e tombou a uma curta distância do fim do canteiro onde a grama fresca se espalhava em lindas campinas verdes.

— Não podemos fazer nada — disse o Lenhador de Lata, triste. — Ele é muito pesado para ser erguido. Vamos deixá-lo aqui dormindo para sempre. Quem sabe ele sonhará que finalmente se tornou corajoso.

— Lamento muito — disse o Espantalho. — O Leão é um grandessíssimo camarada, para alguém tão covarde. Infelizmente, precisamos continuar.

Levaram a garota adormecida para um bom lugar perto do rio, longe o bastante do campo de papoulas para evitar que ela

inalasse mais do veneno das flores. Ali, deitaram-na gentilmente na grama macia e esperaram que a brisa fresca a acordasse.

# A RAINHA DOS RATOS CAMPESTRES

**S**em sair de perto da garota, o Espantalho disse:  
— Agora não estamos mais longe da estrada. Voltamos ao lugar em que fomos levados pelo rio.

O Lenhador de Lata estava prestes a responder quando ouviu um grunhido discreto. Virou sua cabeça (que funcionava perfeitamente nas articulações) e viu uma fera estranha rondando o gramado diante deles. Tratava-se de um gato-selvagem. O Lenhador supôs que estivesse caçando algo, pois tinha as orelhas grudadas à sua cabeça, a boca escancarada com duas fileiras de dentes terríveis, e olhos vermelhos que brilhavam como bolas de fogo. À medida que se aproximava, o Lenhador de Lata viu que, à frente da fera, corria uma ratinha campestre cinza. Ainda que não tivesse coração, ele sabia que era errado o gato-selvagem caçar uma criatura tão delicada e inofensiva.

O Lenhador ergueu seu machado e, quando o gato-selvagem passou correndo, desferiu um golpe tão certo que separou a cabeça do corpo da fera. O animal rolou aos seus pés em dois pedaços.

A rata campestre, agora livre do inimigo, estancou. Andou devagar até o Lenhador e disse, com uma vozinha estridente:

— Muito obrigada! MUITÍSSIMO obrigada por salvar minha vida.

— Por favor, não precisa me agradecer — respondeu o Lenhador. — Sabe, eu não tenho coração, então tento ajudar a todos que parecem precisar de um amigo, mesmo que seja apenas uma ratinha.

— Apenas uma ratinha? — gritou a pequenina, indignada. — Ora, eu sou uma rainha! A Rainha de todos os Ratos do Campo!

— Ah, é claro — disse o Lenhador, fazendo uma reverência.

— Mesmo assim você realizou um grande feito. Salvou minha vida — acrescentou a Rainha.

Naquele momento, diversos ratos correram na direção dela o mais rápido que suas perninhas permitiam. Quando viram sua Rainha, exclamaram:

— Vossa Majestade, pensamos que tivesse morrido! Como escapou do grande gato-selvagem? — todos reverenciaram a pequena rainha com tanta empolgação que quase deram cambalhotas no chão.

— Este estranho homem de lata — ela apontou — matou o gato-selvagem e salvou minha vida. De agora em diante, todos vocês devem servi-lo, obedecendo até seu pedido mais trivial.

— Assim faremos! — gritaram todos os ratos, em um coro estridente.

Em seguida, assustados, romperam em todas as direções. Totó havia acordado e, ao ver todos aqueles ratos à sua volta, latiu de alegria e pulou bem no meio da aglomeração. O cãozinho sempre adorava caçar ratos no Kansas e não viu mal nenhum naquilo.

O Lenhador de Lata pegou o cachorro no colo e o segurou firme enquanto chamava pelos ratos:

— Voltem! Voltem! Totó não vai machucar vocês.

Ao ouvir isso, a Rainha dos Ratos ergueu sua cabeça debaixo de uma moita e perguntou com uma voz tímida:

— Tem certeza de que não vai nos morder?

— Não vou deixar — disse o Lenhador. — Não tenham medo.

Um a um, os ratos rastejaram de volta. Totó não latiu mais, embora ainda tentasse se livrar dos braços do Lenhador. O cachorro tentaria mordê-lo se não soubesse muito bem que o homem era feito de lata. Por fim, um dos maiores ratos falou:

— Existe algo que possamos fazer em retribuição pela vida de nossa Rainha?

— Nada que eu me lembre — respondeu o Lenhador.

Mas o Espantalho, que tentava pensar mesmo sabendo que sua cabeça estava cheia de palha, se adiantou:

— Ah, sim! Vocês podem salvar nosso amigo, o Leão Covarde, que está dormindo no canteiro de papoulas.

— Um leão! — gritou a pequena Rainha. — Ora, ele comeria todos nós.

— Não comeria, não — declarou o Espantalho. — É um leão covarde.

— Sério? — perguntou o rato.

— Ele mesmo sabe que é covarde — respondeu o Espantalho.  
— Além disso, nunca machucaria outro amigo nosso. Se vocês

ajudarem, garanto que serão tratados por ele com muita gentileza.

— Muito bem — disse a Rainha — acreditamos em você. Mas como faremos?

— Quantos ratos como estes que a chamam de Rainha estão dispostos a obedecê-la?

— Muitos. Milhares — ela respondeu.

— Então chame todos aqui o mais rápido possível e peça para que cada um traga um pedaço de corda.

A Rainha se voltou para seu séquito de ratos e pediu que avisassem todos os súditos imediatamente. Assim que ouviram suas ordens, correram como raios em todas as direções.

— Agora — disse o Espantalho para o Lenhador de Lata — vá até aquelas árvores na beira do rio e construa uma carroça para carregar o Leão.

Sem demora, o Lenhador foi até as árvores e começou a trabalhar em um estrado feito de galhos grossos e aparados. Encaixou tudo com pinos de madeira e fez as quatro rodas com fatias finas de um grande tronco de árvore. O trabalho foi tão rápido e bem feito que, quando os ratos começaram a chegar, a carroça já estava pronta.

Vieram de todas as direções aos milhares. Eram ratos grandes, pequenos e de médio porte. Cada um trazia um pedaço de corda na boca. Foi mais ou menos nessa hora que Dorothy acordou de seu longo sono e abriu os olhos. Ficou extremamente espantada ao se ver deitada na grama, cercada por milhares de ratos olhando timidamente para ela. O Espantalho logo tratou de



explicar toda a história e, voltando-se para a respeitável ratinha, disse:

— Permita-me apresentar você à Vossa Majestade, a Rainha.

Dorothy moveu sua cabeça solenemente e a Rainha fez uma reverência. Depois disso, ficou mais amistosa com a menina.

O Espantalho e o Lenhador começavam a encilhar os ratos à carroça usando as cordas que tinham trazido. Eles as enrolaram em volta do pescoço de cada rato e as amarraram à ponta da carroça, a qual era mil vezes maior do que qualquer coisa que um rato pudesse arrastar. Porém, quando todos foram atrelados, puderam puxá-la com facilidade. Mesmo com o Espantalho e o Lenhador de Lata sentados nela, chegaram com seus improváveis cavalinhos até o local em que o Leão dormia.

Depois de um trabalho verdadeiramente hercúleo, já que o Leão era muito pesado, conseguiram colocá-lo sobre a carroça. Foi quando a Rainha apressadamente deu ordem para puxar, pois temia que seus súditos ficassem tempo demais entre as papoulas e acabassem caindo no sono também.

Como era de se esperar, a princípio as criaturinhas mal conseguiam movimentar a pesada carroça. O Lenhador e o Espantalho a empurraram por trás e tudo ficou mais fácil. Logo, o Leão foi carregado para fora do jardim de papoulas até as campinas, onde poderia respirar mais uma vez o ar doce e fresco, não mais aquele perfume venenoso.

Dorothy foi até lá para agradecer profundamente aos ratinhos por salvarem seu companheiro. Ela tinha se afeiçoado

tanto ao Leão que não cabia em si de alegria após ele ter sido resgatado.

Os ratos foram soltos da carroça e se dispersaram pela grama rumo às suas casas. A Rainha dos Ratos foi a última a partir:

— Se precisarem novamente de nós — ela disse —, venham até a campina e chamem. Viremos ajudar. Até mais!

— Até mais! — todos responderam.

E a Rainha saiu correndo enquanto Dorothy apertava Totó com os braços para que ele não fosse atrás dela.

Depois disso, sentaram-se ao lado do Leão e esperaram ele acordar. O Espantalho trouxe frutas de uma árvore próxima para Dorothy, que as comeu como jantar.

# O GUARDIÃO DOS PORTÕES

**D**emorou um pouco para o Leão Covarde acordar. Ele havia ficado um bom tempo no canteiro de papoulas respirando aquela fragrância mortal. Porém, quando abriu os olhos e rolou para fora da carroça, ficou muito contente em saber que ainda estava vivo:

— Corri o mais rápido que pude — disse, sentando e bocejando —, mas as flores foram mais fortes do que eu. Como vocês me tiraram de lá?

Contaram a ele sobre os ratos campestres e de como generosamente ajudaram a salvá-lo da morte. O Leão Covarde riu e disse:

— Sempre pensei que eu era grande e terrível. Ainda assim, coisinhas como flores quase me mataram e animais pequenos como ratos salvaram minha vida. Como isso é estranho! Mas, camaradas, o que faremos agora?

— Devemos continuar nossa jornada e encontrar a estrada de ladrilhos amarelos outra vez. — disse Dorothy. — Só assim chegaremos à Cidade Esmeralda.

Agora que o Leão estava completamente revigorado, voltaram à jornada, gostando muitíssimo de caminhar pela grama macia e fresca. Não demorou muito para alcançarem a estrada de ladrilhos amarelos e seguirem novamente para a Cidade Esmeralda, o lar do Grande Oz.

A estrada era plana e bem pavimentada, a região ao redor era linda. Os viajantes se alegraram em deixar a floresta para trás e, com ela, os muitos perigos que enfrentaram nas trevas soturnas. Uma vez mais viam cercas ao longo da estrada, agora pintadas de verde. Quando avistaram uma casinha, na qual um fazendeiro evidentemente vivia, ela também era pintada de verde. Passaram por diversas casas assim durante a tarde e, de vez em quando, pessoas iam até a porta e olhavam para eles como se quisessem perguntar alguma coisa. Nenhuma chegava perto ou puxava conversa graças à presença do grande Leão, que metia medo em todos. Essas pessoas se vestiam com roupas de um adorável verde-esmeralda e chapéus pontudos como os dos miudins.

— Aqui deve ser a Terra de Oz — disse Dorothy. — Devemos estar chegando perto da Cidade Esmeralda.

— Sim — respondeu o Espantalho. — Tudo é verde, enquanto na região dos miudins a cor favorita era o azul. Mas as pessoas daqui não parecem tão amistosas. Talvez por isso a gente não encontre um lugar para passar a noite.

— Eu gostaria de comer alguma coisa além de frutas — disse a garota. — Tenho certeza de que Totó está morrendo de fome. Vamos parar na próxima casa e conversar com as pessoas.

Quando viram uma fazenda com uma casa de bom tamanho, lá foi Dorothy, decidida, bater à porta. Uma mulher abriu a uma distância suficiente para espiar e disse:

— O que você quer, criança, e porque esse grande leão está com você?

— Queremos passar a noite aqui, se nos permitir — respondeu Dorothy. — O leão é meu amigo e camarada. Ele jamais lhe faria mal.

— É um leão domado? — perguntou a mulher, abrindo a porta um pouco mais.

— Sim — disse a garota. — É um grande covarde também. Aposto que está com mais medo de você do que você dele.

— Bem — disse a mulher, depois de matutar e espiar melhor o Leão —, se é verdade, podem entrar. Vou preparar um jantar e um lugar para vocês dormirem.

Entraram na casa. Ali estavam, além da mulher, duas crianças e um homem. Ele estava com a perna ferida e descansava no sofá, no canto. Os moradores pareciam muito surpresos ao ver um grupo tão estranho. Enquanto a mulher se ocupava fazendo a refeição, o homem perguntou:

— Para onde estão indo?

— Para a Cidade Esmeralda — disse Dorothy. — Vamos ver o Grande Oz.

— É mesmo? — exclamou o homem. — Tem certeza de que Oz receberá vocês?

— Por que não receberia? — ela perguntou.

— Ora, todos sabem que ele nunca deixa ninguém ficar em sua presença. Já estive muitas vezes na Cidade Esmeralda, é um lugar magnífico, mas nunca me foi permitido ver o Grande Oz. Também não conheço nenhuma pessoa viva que o tenha visto.

— Ele nunca sai? — perguntou o Espantalho.

— Nunca. Ele fica dia após dia na grande Sala do Trono de seu Palácio. Mesmo seus empregados não o encontram pessoalmente.

— Como ele é? — perguntou a garota.

— É difícil dizer — disse o homem, pensativo. — Veja bem, Oz é um Grande Mágico e pode tomar qualquer forma que desejar. Por isso, alguns dizem que ele se parece com um pássaro. Outros dizem que ele se parece com um elefante. E outros, ainda, que ele se parece com um gato. Para alguns, ele é uma linda fada, um bolinho de chocolate ou qualquer outra forma agradável. Mas como exatamente o verdadeiro Oz é, quando está em sua própria aparência, nenhuma pessoa viva sabe dizer.

— Isso é muito estranho — disse Dorothy. — Precisamos vê-lo de algum jeito ou nossa jornada será em vão.

— Por que vocês desejam ver o terrível Oz? — perguntou o homem.

— Quero que ele me dê alguns miolos — disse bravamente o Espantalho.

— Ah, Oz pode fazer isso facilmente — declarou o homem. — Ele tem mais miolos do que precisa.

— Quero que ele me dê um coração — disse o Lenhador de Lata.

— Isso não será problema para ele — continuou o homem. — Oz tem uma grande coleção de corações de todos os tamanhos e formatos.

— Quero que ele me dê coragem — disse o Leão Covarde.

— Oz guarda um grande pote de coragem na sua Sala do Trono — disse o homem. — Ela fica coberta por uma placa dourada, para impedir que saia correndo. Ele ficará feliz em lhe dar um pouco.

— Eu quero que ele me mande de volta para o Kansas — disse Dorothy.

— Onde fica o Kansas? — perguntou o homem, surpreso.

— Não sei — respondeu Dorothy, tristemente —, mas é o meu lar e eu sei que ele fica em algum lugar.

— É provável que sim. Bem, Oz pode fazer qualquer coisa, então suponho que ele irá encontrar o Kansas para você. Mas, primeiro, você precisa conseguir vê-lo, o que não será nada fácil. O Grande Mágico não gosta de ver ninguém. E você, pequenino, o que deseja? — continuou, dirigindo-se a Totó.

O cãozinho apenas abanava o rabo pois, por mais estranho que isso possa parecer, não sabia falar.

A mulher anunciou que o jantar estava pronto. Todos se reuniram em volta da mesa e Dorothy apreciou muito a refeição: um delicioso mingau, um prato com ovos mexidos e um belo pão branco. O Leão comeu um pouco do mingau, mas não deu muita bola, dizendo que era feito de aveia e que aveia era comida para cavalos, não para leões. O Espantalho e o Lenhador de Lata não comeram nada. Totó comeu um pouco de tudo. Estava contente por conseguir de novo um bom jantar.

Depois, a mulher mostrou uma cama para Dorothy dormir. Totó se deitou ao lado dela. O Leão guardava a porta do quarto para que não fosse perturbada. O Espantalho e o Lenhador de

Lata se encostaram em um canto e ficaram quietos a noite toda, já que não dormiam.

Na manhã seguinte, tão logo o sol nasceu, retomaram seu caminho. Não demorou e avistaram um lindo brilho esverdeado no céu, bem diante deles.

— Deve ser a Cidade Esmeralda — disse Dorothy.

Quanto mais se aproximavam, mais o brilho esverdeado ficava intenso. Parecia que, enfim, se aproximavam do fim dessa jornada. Foi ainda à tarde que chegaram à grande muralha que cercava a cidade. Ela era alta, forte e de um verde cintilante.

Diante deles, bem no final da estrada de ladrilhos amarelos, estava um grande portão adornado com esmeraldas que refletiam tanto a luz do sol que até os olhos pintados do Espantalho ficaram ofuscados por aquele resplendor.

Havia uma campainha ao lado do portão. Dorothy apertou o botão e ouviu um tilintar lá dentro. Em seguida, o grande portão abriu-se lentamente. Todos passaram por ele e se viram num grande saguão coberto por um domo, cujas paredes faiscavam com inúmeras esmeraldas.

Diante deles estava um homenzinho, mais ou menos do tamanho de um miudim. Vestia-se de verde dos pés à cabeça. Até sua pele tinha um tom esverdeado. A seu lado havia uma grande caixa verde.

Quando viu Dorothy e seus companheiros, ele perguntou:

— O que vieram fazer na Cidade Esmeralda?

— Viemos ver o Grande Oz — disse Dorothy.



O homem ficou tão surpreso com a resposta que sentou-se para pensar a respeito:

— Já faz muitos anos desde que alguém me disse que queria ver Oz — ele disse, virando sua cabeça pra lá e pra cá, perplexo. — Ele é poderoso e terrível. Se vieram com alguma missão inútil ou sem sentido, só para atrapalhar as sábias reflexões do Grande Mágico, ele poderá ficar nervoso e destruir todos vocês num instante.

— Mas não é uma missão sem sentido, muito menos inútil — retrucou o Espantalho. — É importante. E nos disseram que Oz é um mágico bondoso.

— Ele é — disse o homem verde. — Ele comanda a Cidade Esmeralda com sabedoria e benevolência. Mas, para aqueles que não são honestos ou que se aproximam dele só por curiosidade, ele é aterrorizante. Poucos ousaram pedir para ver seu rosto. Eu sou o Guardião dos Portões e, como vocês pediram para ver o Grande Oz, devo levá-los até seu palácio. Antes de qualquer coisa, porém, vocês devem colocar os óculos.

— Por quê? — perguntou Dorothy.

— Porque, se não colocarem, o brilho e a glória da Cidade Esmeralda poderá cegá-los. Até mesmo quem mora na Cidade deve usar óculos, noite e dia. Eles ficam presos à cabeça dos cidadãos, conforme Oz ordenou quando a Cidade começou a ser construída. Só eu tenho a chave para abri-los.

Dorothy viu que sua grande caixa estava cheia de óculos de vários tamanhos e formatos quando a abriu. Todos tinham lentes verdes. O Guardião dos Portões encontrou um par que serviria

em Dorothy e o colocou no rosto dela. Duas correntes de ouro passavam por trás da nuca e se uniam, trancadas pela pequena chave que o Guardião trazia pendurada no colar. Depois de colocar os óculos, Dorothy não poderia mais tirá-los nem se quisesse. Obviamente ela não queria ficar cega com o brilho intenso da Cidade Esmeralda, então não se opôs.

Depois, o homem verde procurou óculos que servissem no Espantalho, no Lenhador de Lata, no Leão e até mesmo no pequeno Totó. Todos foram fechados à chave.

Então, o Guardião dos Portões colocou seus próprios óculos e disse que estavam prontos para conhecer o Palácio. Pegou uma grande chave dourada em um prego na parede, abriu outro portão e todos o seguiram pela passagem até as ruas da Cidade Esmeralda.

# A MARAVILHOSA CIDADE DE OZ

**M**esmo com os olhos protegidos pelos óculos, Dorothy e seus amigos ficaram imediatamente deslumbrados pelo esplendor da magnífica cidade. As ruas eram repletas de lindas casas construídas com mármore verde e cravejadas de esmeraldas cintilantes. Eles andavam sobre um pavimento também de mármore verde. Nas esquinas haviam fileiras de esmeraldas, bem próximas umas das outras, que refletiam o brilho do sol. As vidraças eram de vidro verde. Até mesmo o céu acima da cidade tinha um tom esverdeado e os raios de sol eram verdes.

Muitas pessoas — homens, mulheres e crianças — caminhavam pelas ruas. Todas vestiam roupas verdes e tinham a pele esverdeada. Olhavam para Dorothy e sua comitiva estranhamente sortida com um olhar maravilhado. As crianças fugiam e se escondiam atrás de suas mães quando viam o Leão. Ninguém falou com eles. Havia muitas lojas na rua e Dorothy percebeu que tudo era verde. Vendiam-se doces e pipocas verdes, sapatos verdes, chapéus verdes e roupas verdes de todos os tipos. Um homem vendia limonada verde e, quando as crianças compravam, Dorothy viu que o pagamento era feito com moedas verdes.

Parecia não haver cavalos nem animais de nenhuma espécie. Os homens carregavam coisas pra lá e pra cá em pequenas

carretas empurradas por eles mesmos. Todo mundo parecia feliz, contente e próspero.

O Guardião dos Portões os guiou pelas ruas até chegarem a uma grande edificação, exatamente no centro da cidade. Era o Palácio de Oz, o Grande Mágico. Havia um soldado diante da porta vestido com um uniforme verde e um longo bigode, também verde.

— Aqui estão os estrangeiros — disse o Guardião dos Portões.  
— Eles exigem ver o Grande Oz.

— Entrem — respondeu o Soldado de Bigode Verde. —  
Levarei sua mensagem a ele.

Assim, atravessaram os Portões do Palácio e foram guiados a uma grande sala verde acarpetada com lindos móveis verdes cobertos de esmeraldas. O Soldado de Bigode Verde pediu para que todos limpassem seus pés e patas em um capacho verde antes de entrarem. Quando todos se sentaram, disse, educadamente:

— Por favor, fiquem à vontade enquanto vou até a porta da Sala do Trono dizer a Oz que vocês estão aqui.

Eles esperaram por um longo tempo até o Soldado de Bigode Verde voltar. Quando, enfim, ele voltou, Dorothy perguntou:

— Você viu Oz?

— Ah, não — respondeu o Soldado de Bigode Verde. — Eu nunca o vi. Dei seu recado por trás do biombo onde ele fica sentado. Ele lhes concederá uma audiência, se assim desejarem, mas cada um de vocês ficará sozinho em sua presença e ele só receberá um de vocês por dia. Desse modo, vocês devem ficar no Palácio por vários dias e irei conduzi-los aos seus aposentos,

onde vocês poderão descansar com conforto depois de sua longa jornada.

— Obrigada — respondeu a garota —, é muito gentil da parte de Oz.

O Soldado de Bigode Verde fez soar um apito verde e imediatamente uma moça de toga de seda verde entrou na sala. Ela tinha lindos cabelos e olhos verdes. Fez uma reverência diante de Dorothy ao dizer:

— Siga-me e eu lhe mostrarei seu quarto.

Então, Dorothy disse adeus a seus amigos à exceção de Totó. Pegou o cachorro no colo, seguiu a Garota Verde através de sete passagens e subiu três lances de escadas até chegar a um quarto na parte frontal do Palácio. Era o quarto mais lindo do mundo, com uma cama macia e confortável, lençóis de seda verde e uma colcha verde de veludo. Havia uma pequena fonte no meio do quarto que borrifava perfume verde no ar. Lindas flores verdes enfeitavam as janelas e havia uma estante com uma fileira de pequenos livros verdes. Quando Dorothy abriu esses livros, viu que eram ilustrados com estranhos desenhos verdes que a fizeram rir, pois eram muito engraçados.

O armário estava repleto de vestidos verdes de seda e cetim. Todos serviam perfeitamente em Dorothy.

— Sinta-se em casa — disse a Garota Verde. — Se desejar alguma coisa, toque a sineta. Oz irá chamá-la amanhã.

Ela deixou Dorothy sozinha e voltou para onde estavam os outros. Levou cada um para seus quartos, todos muito agradáveis. É claro que toda essa polidez foi um desperdício com

o Espantalho. Quando se viu sozinho em seu quarto, ficou parado estupidamente em um lugar bem atrás da porta, esperando o amanhecer. De nada adiantaria se deitar, pois não podia sequer fechar seus olhos. Passou a noite toda encarando uma pequena aranha que tecia sua teia num canto do quarto, como se não estivesse em um dos quartos mais maravilhosos do mundo. O Lenhador de Lata deitou-se em sua cama por força do hábito, pois ainda se lembrava de quando era feito de carne e osso. Incapaz de dormir, passou a noite movendo suas juntas para cima e para baixo para ter certeza de que estavam em ordem. O Leão teria preferido uma cama de folhas secas na floresta a um quarto fechado. Apesar disso, tinha consciência de que não precisava se preocupar. Saltou sobre a cama e ficou rolando como um gato, ronronando até cair no sono em um minuto.

Na manhã seguinte, após o café, a criada verde veio chamar Dorothy, e a vestiu com um dos mais belos vestidos, feito com brocado de cetim verde. Dorothy colocou um avental de seda verde e amarrou uma fita verde em volta do pescoço de Totó. Assim, dirigiram-se à Sala do Trono do Grande Oz.

Entraram por um grande salão no qual estavam muitas damas e cavalheiros da corte, todos vestidos em trajes suntuosos. Essas pessoas não tinham nada para fazer e não se conversavam umas com as outras. Todas as manhãs elas esperavam do lado de fora da Sala do Trono, pois não era permitido que vissem Oz. Assim que Dorothy entrou, olharam para ela com curiosidade, e um deles cochichou:

— Você quer realmente ficar cara a cara com Oz, o Terrível?

— É claro — respondeu a garota —, se ele quiser me encarar também.

— Embora não goste de gente que peça para vê-lo — disse o Soldado que havia entregado a mensagem para o Mágico —, ele disse que irá recebê-la. De fato, inicialmente ficou nervoso e disse que eu devia mandar vocês de volta para o lugar de onde vieram. Quando me perguntou quem era você e eu mencionei seus sapatos prateados, ele se mostrou muitíssimo interessado. Por fim, comentei sobre a marca em sua testa e Oz decidiu que permitiria que você ficasse na presença dele.

Bem nessa hora um sino tocou e a Garota Verde disse a Dorothy:

— Este é o sinal. Você deve entrar na Sala do Trono sozinha.

Ele abriu uma pequena porta e Dorothy avançou bravamente por ela, adentrando em um lugar magnífico. Era uma sala grande e circular com um grande teto abobadado. Paredes, teto e chão eram cobertos por grandes esmeraldas assentadas bem próximas umas das outras. No centro do teto havia uma grande luz, brilhante como o sol, que fazia as esmeraldas cintilarem de um jeito maravilhoso.

Porém, o que mais interessou Dorothy foi o grande trono de mármore verde no meio da sala. Tinha o formato de uma cadeira e era forrado com gemas, como tudo o mais ali. No centro da cadeira havia uma enorme cabeça sem corpo, braços nem pernas para apoiá-la, nada. A cabeça era careca, mas tinha olhos, nariz e boca. Era maior do que a cabeça do maior dos gigantes.

Enquanto Dorothy mirava aquilo admirada e com medo, os olhos se viraram lentamente e a encararam de um modo penetrante e firme. Então, a boca se abriu e Dorothy ouviu uma voz dizer:

— Eu sou Oz, o Grande e Terrível. Quem é você e por que me procura?

Não era assim uma voz tão medonha como ela esperava vir da grande cabeça. Assim, ela tomou coragem e respondeu:

— Eu sou Dorothy, a Pequena e Dócil. Vim até você pedir ajuda.

Os olhos a contemplaram pensativamente por um minuto inteiro. Depois, a voz disse:

— Onde você conseguiu os sapatos prateados?

— Eu os consegui da Bruxa Malvada do Leste, quando minha casa caiu sobre ela e a matou — respondeu.

— Onde você conseguiu a marca na sua testa? — continuou a voz.

— É onde a Bruxa Boa do Norte me beijou. Foi ela quem me mandou vir até você — disse a garota.

Novamente os olhos a observaram de maneira penetrante e viram que ela dizia a verdade. Então, Oz perguntou:

— O que você quer que eu faça?

— Que me mande de volta para o Kansas, onde a minha Tia Em e meu Tio Henry ficaram — respondeu sinceramente. — Eu não gosto da sua terra, apesar de ser muito bonita. Estou certa de



que Tia Em está terrivelmente preocupada por eu ter sumido há tanto tempo.

Os olhos piscaram três vezes, olharam para cima, depois para o chão e giraram de um jeito tão esquisito que pareciam olhar cada detalhe da sala. Enfim, eles se voltaram de novo para Dorothy:

— Por que eu faria isso por você? — perguntou Oz.

— Porque você é forte e eu sou fraca. Porque você é um Grande Mágico e eu sou só uma garotinha.

— Mas você foi forte o bastante para matar a Bruxa Malvada do Leste — disse Oz.

— Foi por acaso — respondeu Dorothy naturalmente. — Eu não pude evitar.

— Bem — disse a cabeça — eis a minha resposta. Você não tem o direito de esperar que eu te mande de volta para o Kansas a não ser que faça algo para mim em troca. Nesta terra, todos devem pagar por aquilo que desejam. Se deseja que eu use meu poder mágico para enviá-la para casa, primeiro deve fazer algo para mim. Ajude-me e eu ajudarei você.

— O que devo fazer? — perguntou a garota.

— Mate a Bruxa Malvada do Oeste — respondeu Oz.

— Mas eu não posso! — exclamou Dorothy, muito surpresa.

— Você já matou a Bruxa do Leste e está usando os sapatos prateados que têm um poderoso encantamento. Agora resta apenas uma Bruxa Malvada neste país. Depois que você vier me contar que ela está morta, eu a mandarei de volta para o Kansas. Mas não antes disso.

A garotinha começou a chorar. Estava muito desapontada. Os olhos piscaram de novo e olharam para ela, ansiosos, como se o Grande Oz sentisse que ela poderia ajudá-lo se ela quisesse.

— Nunca matei nada de propósito — ela soluçou. — Mesmo que eu quisesse, como poderia matar a Bruxa Malvada? Se você, que é Grande e Terrível, não pode matá-la, como espera que eu faça isso?

— Não sei — disse a Cabeça —, mas essa é minha resposta. Até que a Bruxa Malvada morra você não verá seus tios novamente. Lembre-se de que a Bruxa é tremendamente malvada e merece ser morta. Agora vá e não peça para me ver enquanto sua tarefa não estiver cumprida.

Cabisbaixa, Dorothy deixou a Sala do Trono e voltou para onde o Leão, o Espantalho e o Lenhador de Lata esperavam para ouvir o que Oz tinha dito a ela.

— Não há esperança para mim — disse, triste. — Oz só me mandará para casa depois que eu matar a Bruxa Malvada do Oeste. Nunca poderei fazer isso.

Seus amigos se entristeceram, mas não podiam fazer nada para ajudá-la. Dorothy foi para o seu quarto, deitou-se na cama e chorou até dormir.

Na manhã seguinte, o Soldado de Bigode Verde foi até o Espantalho e disse:

— Venha comigo. Oz chamou por você.

O Espantalho o seguiu e foi autorizado a entrar na grande Sala do Trono, onde viu a dama mais linda de todas sentada no trono esmeralda. Ela vestia um tecido muito fino de seda verde e

tinha, sobre os cachos do cabelo solto, uma coroa de joias. Asas despontavam de suas costas, de cores lindas, tão leves que se agitavam quando o mais sutil sopro de ar chegava até elas.

Quando o Espantalho se ajoelhou diante dela dando o melhor que seu enchimento de palha permitia, ela o olhou docemente e disse:

— Eu sou Oz, Grande e Terrível. Quem é você e por que me procura?

O Espantalho, que esperava ver a grande cabeça descrita por Dorothy, ficou muito espantado. Mas respondeu bravamente:

— Sou apenas um Espantalho cheio de palha. Acontece que eu não tenho miolos e vim implorar para que coloque miolos na minha cabeça no lugar da palha. Só assim eu me tornarei tão humano como qualquer outro em seus domínios.

— Por que eu faria isso por você? — perguntou a dama.

— Porque você é sábia, poderosa e ninguém mais pode me ajudar — respondeu o Espantalho.

— Eu nunca concedo favores sem nada em troca — disse Oz.  
— Só prometo uma coisa: se você matar a Bruxa Malvada do Oeste, concederei a você miolos dos grandes. Mioslos tão bons que você será o homem mais sábio da Terra de Oz.

— Pensei que você tinha pedido que Dorothy matasse a Bruxa — disse o Espantalho, surpreso.

— Pedi. Não me importa quem a matará. Enquanto ela estiver viva, não atenderei ao seu pedido. Agora vá e não peça para me ver antes de merecer seu grande desejo por miolos.

O Espantalho voltou triste para seus amigos e contou o que Oz tinha dito. Dorothy ficou surpresa ao saber que o Grande Mágico não era uma cabeça, como ela tinha visto, mas uma adorável dama.

— Dá no mesmo — disse o Espantalho. — Ela é igual ao Lenhador de Lata, sem coração.

Na manhã seguinte, o Soldado de Bigode Verde foi até o Lenhador de Lata e disse:

— Oz mandou chamar você. Siga-me.

O Lenhador de Lata o seguiu até a grande Sala do Trono. Ele não sabia se encontraria uma adorável dama ou uma cabeça, mas preferia que fosse a adorável dama.

— Se for a cabeça — falou sozinho — estou certo de que não me dará um coração. Uma cabeça não tem coração e, por isso, não teria sentimentos por mim. Mas se for a adorável dama, vou implorar bastante por um coração, pois todos sabem que as damas são bondosas.

Porém, quando o Lenhador entrou na grande Sala do Trono, não viu nem uma cabeça e nem uma adorável dama. Oz assumira a forma de uma fera das mais terríveis. Era grande como um elefante e o trono verde mal parecia aguentar seu peso. A fera tinha uma cabeça de rinoceronte com cinco olhos. Cinco longos braços saíam de seu corpo sustentado por cinco pernas longas e finas. Pêlos grossos como de ovelha cobriam seu corpo todo. Era impossível imaginar um monstro de aparência mais medonha. Por sorte o Lenhador de Lata ainda não tinha coração naquele momento. Caso contrário, ele dispararia de terror. Como era

feito apenas de lata, o Lenhador não ficou com um pingo de medo, só muito desapontado.

— Eu sou Oz, Grande e Terrível. — falou a fera, em uma voz que era um grande rugido. — Quem é você e por que me procura?

— Eu sou um Lenhador feito de lata. Por isso não tenho coração e não posso amar. Imploro que me dê um coração para que eu seja como os outros homens.

— Por que eu faria isso? — a fera quis saber.

— Porque estou pedindo e somente você pode atender ao meu pedido — respondeu o Lenhador.

Oz deu um rosnado baixo e disse rudemente:

— Se você deseja mesmo um coração, precisa merecê-lo.

— Como? — perguntou o Lenhador.

— Ajude Dorothy a matar a Bruxa Malvada do Oeste — respondeu a fera. — Quando a Bruxa estiver morta, volte e lhe darei o maior, mais bondoso e mais amoroso dos corações de toda a Terra de Oz.

O Lenhador de Lata se viu forçado a retornar triste aos seus amigos e contar sobre a terrível fera que encontrou. Todos ficaram maravilhados com as muitas formas que o Grande Mágico podia tomar. O Leão disse:

— Se ele for uma fera quando eu for vê-lo, darei meu rugido mais alto e o assustarei tanto que ele me dará o que eu pedir. Se ele for a adorável dama, posso fingir que vou atacá-la para que siga minhas ordens. Se for a grande cabeça, ficará à minha mercê,

fazendo com que role pela sala até prometer nos dar o que queremos. Portanto, ânimo, meus amigos. Tudo vai acabar bem.

Na manhã seguinte, o Soldado de Bigode Verde levou o Leão até a Sala do Trono e pediu que fosse até Oz.

O Leão passou pela porta, olhou ao redor e, para sua surpresa, viu que diante do trono estava uma bola de fogo, tão ardente e brilhante que mal aguentava olhar para ela. Seu primeiro pensamento foi que Oz tinha pegado fogo por acidente e estava em chamas. Ao chegar mais perto, o calor era tão intenso que chamuscou seus bigodes. Imediatamente, rastejou de volta para um canto perto da porta, tremendo.

Uma voz baixa e calma veio da bola de fogo:

— Eu sou Oz, Grande e Terrível. Quem é você e por que me procura?

E o Leão respondeu:

— Eu sou um Leão Covarde que tem medo de tudo. Venho até você pedir que me dê um pouco de coragem. Quem sabe assim eu me torne o Rei dos Animais, que é como os homens me chamam?

— Por que eu lhe daria coragem? — Oz quis saber.

— Porque, de todos os magos, você é o maior. Só você tem poder para atender ao meu pedido — respondeu o Leão.

A bola de fogo queimou intensamente por algum tempo e a voz disse:

— Traga-me uma prova de que a Bruxa Malvada está morta e no mesmo instante eu lhe darei sua coragem. Enquanto a Bruxa viver você continuará sendo um covarde.

O Leão ficou furioso, mas não podia responder. Enquanto mirava silenciosamente a bola de fogo, ela ficou tão quente que ele colocou seu rabo entre as pernas e saiu da sala correndo. Ficou feliz ao encontrar seus amigos e contou-lhes então sobre sua terrível entrevista com Oz.

— O que faremos agora? — perguntou Dorothy, tristemente.

— Só há uma coisa a fazer — respondeu o Leão. — Vamos procurar e destruir a Bruxa Malvada.

— Mas e se não conseguirmos? — disse a garota.

— Então nunca terei coragem — declarou o Leão.

— Nunca terei miolos — adicionou o Espantalho.

— Nunca terei um coração — falou o Lenhador de Lata.

— E eu nunca verei Tia Em e Tio Henry de novo — disse Dorothy e começou a chorar.

— Cuidado! — gritou a Garota Verde. — As lágrimas vão cair no seu vestido verde de seda e manchá-lo.

Dorothy secou as lágrimas e disse:

— Acho que temos de tentar. Mas não estou certa se quero matar alguém, mesmo que seja para ver Tia Em de novo.

— Eu irei com você. Mas eu sou covarde demais para matar a Bruxa — disse o Leão.

— Eu também irei — declarou o Espantalho. — Talvez eu não seja lá de muita ajuda porque sou um idiota.

— Mesmo sem ter um coração, não consigo machucar nem mesmo uma bruxa — lembrou o Lenhador de Lata. — Mas se vocês vão, certamente irei junto.

Assim, decidiram voltar à sua jornada na manhã seguinte. O Lenhador afiou seu machado em uma pedra verde de amolar e lubrificou suas juntas cuidadosamente. O Espantalho trocou sozinho seu enchimento por palha nova e Dorothy pintou novos olhos nele, para que pudesse ver melhor. A Garota Verde, sempre muito gentil, encheu a cesta de Dorothy com comidas deliciosas e amarrou um sininho em volta do pescoço de Totó com uma fita verde.

Foram para a cama bem cedo e dormiram profundamente até o dia raiar. Acordaram com o canto de um galo verde que morava nos fundos do palácio e o cacarejar de uma galinha que tinha botado um ovo verde.



# A BUSCA PELA BRUXA MALVADA

O Soldado de Bigode Verde os conduziu pelas ruas da Cidade Esmeralda até a sala do Guardião dos Portões. O funcionário destrancou os óculos de todos e os devolveu à grande caixa. Depois, com toda a cerimônia, abriu o portão para nossos amigos.

— Qual estrada leva até a Bruxa Malvada do Oeste? — perguntou Dorothy.

— Não há estrada — respondeu o Guardião. — Ninguém deseja ir naquela direção.

— Então como iremos achá-la? — perguntou novamente.

— Isto é fácil — respondeu o homem. — Quando ela souber que vocês estão na terra dos mansins, irá encontrá-los e fazer de vocês escravos.

— Talvez não — disse o Espantalho. — Nossa missão é destruí-la.

— Ah, assim é diferente — disse o Guardião dos Portões. — Ninguém a destruiu antes, por isso pensei naturalmente que ela os escravizaria como sempre fez com o resto. Mas tomem cuidado. Ela é malvada e violenta. Duvido que permita que vocês a destruam. Dirijam-se para Oeste, onde o sol se põe. Sem dúvida, vocês a encontrarão.

Todos agradeceram, se despediram e rumaram para Oeste, caminhando sobre campos de grama verde pontilhados por

margaridas e ranúnculos. Dorothy ainda vestia o bonito vestido que usou no palácio, mas, para sua surpresa, percebeu que ele não era mais verde e sim totalmente branco. A fita em volta do pescoço de Totó também tinha perdido sua cor e era branca como o vestido de Dorothy.

A Cidade Esmeralda logo ficou para trás. À medida que avançavam, o solo se tornava cada vez mais acidentado e montanhoso. Não haviam mais fazendas ou casas nessa região onde a terra não era cultivada.

À tarde, o sol quente queimava seus rostos, pois não havia árvores que fizessem sombra. Por isso, antes de anoitecer, Dorothy, Totó e o Leão estavam exaustos, deitaram-se no chão e dormiram. O Espantalho e o Lenhador de Lata se mantiveram alertas.

A Bruxa Malvada do Oeste tinha apenas um olho, mas era tão poderoso quanto um telescópio e podia ver tudo. Assim que sentou na porta de seu castelo, olhou em volta e viu Dorothy dormindo com seus amigos. Era uma longa distância, mas a Bruxa Malvada ficou furiosa por estarem em suas terras. Sem rodeios, soou um apito prateado que pendia em seu pescoço.

Imediatamente vieram, de todas as direções, matilhas de grandes lobos. Tinham pernas compridas, olhos ferozes e dentes afiados.

— Corram até eles — disse a Bruxa — e façam todos em pedaços.

— Você não quer escravizá-los? — perguntou o Líder dos Lobos.

— Não — respondeu. — Um é de lata, outro de palha, uma é uma criança e o último é um leão. Nenhum deles é bom para trabalhar, então podem picá-los em pedacinhos.

— Muito bem — disse o lobo, e disparou a toda, seguido pelos outros.

Foi sorte o Espantalho e o Lenhador estarem acordados e ouvirem os lobos chegando.

— Essa briga é minha — disse o Lenhador de Lata. — Fique atrás de mim. Eu vou enfrentá-los.

Preparou seu machado que tinha afiado há pouco. Quando o Líder dos Lobos chegou, o Lenhador de Lata rodou sua ferramenta e o matou na hora, cortando sua cabeça fora. Assim que ergueu seu machado novamente, outro lobo atacou e também sentiu o fio da navalha da arma do Lenhador de Lata. Havia quarenta lobos e, um por um, até o quadragésimo, todos foram mortos e terminaram empilhados diante do Lenhador.

Quando descansou seu machado, sentou-se ao lado do Espantalho e disse:

— Que bela briga, amigo.

Esperaram até Dorothy acordar na manhã seguinte. A garotinha ficou apavorada quando viu a grande pilha de lobos mortos. Após o Lenhador de Lata contar o que havia acontecido, Dorothy agradeceu e sentou-se para tomar o café da manhã, antes de retomarem a jornada.

Nessa mesma manhã, a Bruxa Malvada foi até a porta do castelo e vasculhou o território com seu olho único de visão espetacular. Ela avistou os lobos mortos e os estrangeiros

caminhando em suas terras. Isso a deixou ainda mais furiosa e soou seu apito de prata duas vezes.

Um grande bando de corvos escureceu o céu acima dela. A Bruxa Malvada disse ao Rei Corvo:

— Voem imediatamente até os estrangeiros. Arranquem seus olhos e os façam em pedacinhos.

Os corvos selvagens voaram como uma nuvem negra em direção a Dorothy e seus companheiros. Quando a garotinha os viu chegando, ficou assustada.

Mas o Espantalho disse:

— Essa briga é minha. Fiquem deitados em volta de mim e se protejam.

Assim, todos se deitaram no chão, exceto o Espantalho, que ficou em pé e estendeu os braços. Quando os corvos o viram, ficaram apavorados, como é o costume desses bichos ao encontrarem espantalhos. Nenhum ousou chegar perto até que o Rei Corvo disse:

— E só um homem empalhado. Vou arrancar os olhos dele.

O Rei Corvo voou até o Espantalho, que o pegou pela cabeça e torceu seu pescoço até a morte. Outro corvo atacou e o Espantalho também torceu o pescoço dele. Foram quarenta corvos e, um por um, até o quadragésimo, todos tiveram seus pescoços destroncados, até que, no final, estavam mortos espalhados pelo chão. Em seguida, avisou a seus companheiros que poderiam prosseguir a jornada.

Quando a Bruxa Malvada olhou de novo e viu todos os seus corvos empilhados e mortos, ficou terrivelmente irada e

assoprou três vezes seu apito prateado.

Sem demora, ouviu-se um grande zumbido pelo ar e um enxame de abelhas negras veio voando até ela.

— Vão até os estrangeiros e ferroem todos até a morte! — ordenou a Bruxa.

As abelhas tomaram seu rumo e voaram rapidamente até onde Dorothy e seus amigos caminhavam. O Lenhador as avistou antes e o Espantalho decidiu o que fazer:

— Tire minha palha e cubra a menina, o cachorro e o leão — disse ao Lenhador. — Assim, as abelhas não poderão ferroá-los.

O Lenhador obedeceu, cobrindo completamente Dorothy e os outros, que estavam deitados no chão.

As abelhas chegaram e encontraram somente o Lenhador para ferroar. Voaram até ele e quebraram seus ferrões contra a lataria, sem lhe causar nenhum arranhão. Como as abelhas não sobrevivem depois de usar seus ferrões, esse foi o seu fim. Todas caíram em um montinho compacto perto do Lenhador como se fossem cinzas de carvão.

Dorothy e o Leão se levantaram e ela ajudou o Lenhador de Lata a colocar a palha de volta no Espantalho até que ficasse novo em folha. Mais uma vez voltaram a caminhar.

A Bruxa Malvada ficou mais do que ensandecida quando viu suas abelhas negras em montinhos feito carvão. Bateu com os pés no chão, arrancou tufo de seu próprio cabelo e rangeu os dentes. Chamou uma dúzia de seus escravos, os mansins, e entregou lanças afiadas a todos, ordenando que destruíssem os estrangeiros.

Mesmo sem ser um povo corajoso, os mansins seguiram as ordens. Marcharam até perto de Dorothy, mas o Leão deu um grande rugido e saltou na frente deles. Os pobres mansins ficaram tão apavorados que fugiram o mais rápido que puderam.

De volta ao castelo, a Bruxa Malvada os surrou com uma cinta de couro e os mandou voltar ao trabalho. Depois, decidiu sentar-se e pensar o que faria a seguir. Mesmo sabendo que todos os seus planos para destruir os estrangeiros tinham falhado e por ser uma Bruxa poderosa e muito malvada, logo decidiu seu próximo ataque.

Ela guardava em seu armário uma boina dourada, com um círculo de diamantes e rubis na borda. Era encantada: quem a usasse poderia chamar os Macacos Alados três vezes. Eles deveriam obedecer qualquer ordem que lhes fosse dada. O caso é que nenhuma pessoa poderia controlar essas criaturas mais do que três vezes, e a Bruxa Malvada já tinha usado o encanto da boina por duas vezes. Uma foi quando ela fez dos mansins seus escravos e se tornou a tirana daquela região com a ajuda dos Macacos Alados. A segunda foi quando ela enfrentou o próprio Oz e o expulsou da Terra do Oeste. Os Macacos Alados também a ajudaram dessa vez. Agora, só restava mais um desejo da boina dourada, razão pela qual evitava a ideia de usá-la até que todos os seus outros poderes falhassem. Depois de usar lobos ferozes, corvos selvagens, abelhas mortíferas e ver seus escravos se pelarem de medo do Leão Covarde ela sabia que só havia um jeito de destruir Dorothy e seus amigos.

Ela tirou a boina dourada do armário e a vestiu. Ficou equilibrada sobre seu pé esquerdo e disse bem devagar:

— Ol-lo, rol-lo, bol-lo!

A seguir, ficou sobre o pé direito e disse:

— E-lá, i-lá, o-lá!

E depois, sobre os dois pés, gritou bem alto:

— Faz-il, fiz-il, fir-rá!

O encanto entrou em ação. O céu escureceu e um estrondo grave tomou os ares. Ouvia-se o bater de muitas asas e um grande tropel com muito falatório e risadas. O sol ressurgiu em meio às silhuetas no céu escuro e revelou a Bruxa Malvada rodeada por uma multidão de macacos, cada um com um par de asas imensas e poderosas em suas costas.

Um deles, muito maior do que os outros, parecia ser o líder. Aproximou-se e disse:

— É a terceira e última vez que você nos convoca. Quais são as suas ordens?

— Vá até os estrangeiros que estão em minhas terras e destrua todos, menos o Leão — disse a Bruxa. — Traga a fera para mim, pois quero que trabalhe como animal de carga.

— Suas ordens serão obedecidas — disse o líder.

Então, entre barulho e balbúrdia, os Macacos Alados se dirigiram para onde Dorothy e seus amigos estavam.

Alguns agarraram o Lenhador de Lata e o seguraram no ar até uma região coberta por rochas pontiagudas. Do alto, soltaram o pobre Lenhador, que caiu nas rochas e ficou tão torto e amassado que não podia se mexer nem se lamentar.

Outros Macacos Alados pegaram o Espantalho e, com seus dedos longos, tiraram toda a palha de seu corpo. Fizeram um pequeno pacote com seu chapéu e suas roupas e jogaram tudo no alto dos galhos de uma grande árvore.

Os macacos restantes imobilizaram o Leão com uma corda grossa e a enrolaram em volta de seu corpo, cabeça e pernas, até que ficasse incapaz de morder, arranhar ou de atacar de algum modo. Então o içaram e o levaram até o castelo da Bruxa, onde foi colocado em um pequeno pátio cercado com altas grades de ferro para que não escapasse.

Somente Dorothy não foi tocada. Ela assistiu, imóvel, com Totó em seus braços, ao triste destino de seus camaradas, imaginando que seria a próxima. O Rei dos Macacos Alados se aproximou dela com os braços longos e peludos estendidos e um sorriso irônico em sua cara feia. Quando viu a marca do beijo da Bruxa Boa em sua testa, estancou e gesticulou para que os outros não a tocassem.

— Não nos atrevemos a tocar nessa garotinha — disse aos outros. — Ela está protegida pelo Poder do Bem, que é maior do que o Poder do Mal. Só o que podemos fazer é carregá-la até o castelo da Bruxa Malvada e deixá-la por lá.

Com muita gentileza, ergueram Dorothy e voaram pelos ares até o castelo onde a pousaram na entrada. Em seguida, o Rei disse para a Bruxa:

— Obedecemos na medida do possível. O Lenhador de Lata e o Espantalho foram destruídos. O Leão está amarrado no pátio. Quanto à garotinha, não ousamos machucá-la, nem o cachorro



em seu colo. Seu poder sobre o nosso bando se acabou e você nunca mais nos verá.

E assim todos os Macacos Alados, com muitas gargalhadas e alvoroço, voaram até sumir do alcance dos olhos.

A Bruxa Malvada ficou ao mesmo tempo surpresa e preocupada quando viu a marca na testa de Dorothy, pois sabia muito bem que nem ela nem os Macacos Alados poderiam fazer algum mal à essa garota. Ela olhou para os pés de Dorothy e viu os sapatos prateados. Começou a tremer de medo, pois sabia do poderoso encanto embutido neles. A princípio, a Bruxa ficou tentada a fugir de Dorothy, mas calhou de olhar nos olhos da criança e ver como a alma por trás deles era simplória. Percebeu que a garotinha não sabia do poder maravilhoso que os sapatos prateados davam a ela. A Bruxa Malvada riu-se por dentro e pensou: “Ainda posso fazer dela minha escrava porque ela não sabe como usar seu poder”. Dirigiu-se a Dorothy, de modo duro e severo:

— Venha comigo e faça tudo o que eu mandar, senão darei a você o mesmo fim do Lenhador de Lata e do Espantalho.

Dorothy a seguiu pelos lindos aposentos do castelo até chegarem à cozinha. A Bruxa ordenou que ela polisse potes e chaleiras, varresse o chão e mantivesse o fogo alimentado com lenha.

Dorothy começou a trabalhar humildemente, tentando dar o melhor de si, afinal, estava grata pela Bruxa Malvada não ter decidido matá-la.

Com Dorothy ocupada e trabalhando duro, a Bruxa achou que poderia ir até o pátio e colocar arreios de cavalo no Leão Covarde. Estava certa de que seria bem divertido. Teria uma fera puxando sua carruagem para onde quer que fosse. Assim que abriu o portão, porém, o Leão rugiu tão alto e feroz em sua direção que a Bruxa ficou com medo e fugiu, fechando o portão atrás de si.

— Ou coloco arreios em você — disse a Bruxa para o Leão por entre as barras do portão —, ou vai morrer de fome. Não comerá nada enquanto não fizer o que eu quero.

Depois desse episódio, nunca mais levou comida para o animal aprisionado. Todo dia, ao meio-dia, ela ia até o portão e perguntava:

— Está pronto para usar arreios como um cavalo?

E o Leão respondia:

— Não. Se você entrar neste pátio, eu te devorarei.

A razão de o Leão não fazer o que a Bruxa queria era simples: toda noite, enquanto a mulher dormia, Dorothy levava comida da despensa para ele. Depois de ter comido, ele se deitava em sua cama de palha e Dorothy deitava-se a seu lado com a cabeça na juba macia. Conversavam sobre seus problemas e tentavam planejar um modo de escapar. Mas nunca encontravam um jeito de fugir do castelo fortemente vigiado por guardas mansins, escravos da Bruxa Malvada, que morriam de medo de desobedecer as ordens dela.

A garota trabalhava muito durante o dia e, frequentemente, a Bruxa ameaçava bater nela com o guarda-chuva que sempre

trazia consigo. Na verdade, ela nunca ousaria tocar em Dorothy, graças à marca na testa da menina. A criança não sabia disso e continuava temendo por ela e por Totó. Uma vez, a Bruxa deu um golpe violento com seu guarda-chuva em Totó. O valente cachorrinho voou para cima dela e revidou mordendo sua perna. A Bruxa não sangrou porque, de tão malvada que era, seu sangue estava seco havia muitos anos.

A vida de Dorothy tornou-se muito triste à medida que compreendia que seria mais difícil do que nunca retornar ao Kansas. Algumas vezes, ela chorava amargamente por horas, com Totó sentado a seu lado. O cachorrinho olhava para o rosto dela, ganindo de um jeito desanimado para mostrar o quanto sentia por sua pobre dona. Na verdade, Totó não se importava em estar no Kansas ou na Terra de Oz, desde que Dorothy estivesse com ele. Mas ele sabia que a garotinha estava infeliz e isso o deixava infeliz também.

A Bruxa Malvada nutria um grande desejo pelos sapatos prateados da garota. Suas abelhas, seus corvos e seus lobos estavam mortos, secando em pilhas, e ela tinha usado todo o poder da boina dourada. Se conseguisse se apoderar dos sapatos prateados, eles poderiam dar a ela mais poder do que todas as outras coisas que havia perdido. Observava Dorothy cuidadosamente para ver se a menina alguma vez tiraria os sapatos. Pretendia roubá-los. Mas a criança era tão orgulhosa de seus lindos sapatos que nunca os tirava, a não ser na hora de dormir e na hora do banho. A Bruxa tinha muito medo do escuro para ousar ir ao quarto de Dorothy à noite roubar os sapatos. Para piorar, seu medo de água era ainda maior do que do escuro.

Por isso, nunca chegou perto de Dorothy nessas situações. De fato, a velha Bruxa nunca tinha tocado a água, nem mesmo deixado a água tocá-la de modo algum.

Apesar disso, a malvada criatura era muito astuta e finalmente criou um truque que poderia realizar seu desejo. Colocou uma barra de ferro no meio do chão da cozinha e, com seus feitiços, tornou a barra invisível aos olhos humanos. Quando Dorothy passou por ali, tropeçou na barra e se esborrachou no chão. Não foi grave, mas um dos sapatos prateados acabou saindo do seu pé na queda. Antes que pudesse alcançá-lo, a Bruxa o apanhou e o calçou.

A mulher ficou muito satisfeita com o sucesso de sua artimanha. Enquanto tivesse um dos sapatos, teria metade do poder mágico deles. Estava, dessa forma, protegida, pois Dorothy não poderia usá-lo contra ela mesmo que soubesse como fazê-lo.

A garotinha, vendo que havia perdido um de seus belos sapatos, ficou irritada e disse para a Bruxa:

— Devolva meu sapato!

— Não — retrucou a Bruxa. — Agora não é mais seu. É meu.

— Você é uma criatura malvada! — gritou Dorothy. — Você não tem o direito de tirar o sapato de mim.

— Vai ficar comigo mesmo assim — disse a Bruxa, rindo da garota. — Algum dia, pegarei o outro também.

Dorothy ficou tão zangada que pegou um balde de água e o jogou sobre a Bruxa, que ficou ensopada da cabeça aos pés.

Instantaneamente, ela berrou de medo. Dorothy olhou para ela sem acreditar no que acontecia: a Bruxa começou a encolher

cada vez mais.

— Veja o que você fez! — ralhou. — Vou acabar completamente derretida!

— Olha, eu sinto muito — disse Dorothy, que estava verdadeiramente assustada ao ver a Bruxa derretendo como açúcar diante de seus olhos.

— Não sabia que água para mim é a morte? — disse a Bruxa, em um misto de lamúria e desespero.

— Claro que não — respondeu Dorothy. — Como eu poderia saber?

— Bem, em alguns minutos terei derretido inteira e você herdará o meu castelo. Tenho sido malvada a vida toda, mas nunca pensei que uma garotinha como você seria capaz de me derreter e acabar com a minha maldade. Olhe só... lá vou eu!

Com essas palavras, a Bruxa desapareceu, deixando uma massa marrom, gosmenta e disforme que escorria pelos cantos do chão da cozinha. Ao ver que ela realmente havia derretido, Dorothy pegou outro balde e jogou água para lavar a bagunça. Varreu tudo para fora e pegou de volta o sapato prateado, que foi tudo o que restou da velha. Ela limpou e secou o sapato com um pano antes de colocá-lo de volta em seu pé. Finalmente livre para fazer o que quisesse, correu até o pátio contar ao Leão que a Bruxa Malvada do Oeste tinha conhecido seu fim. Não eram mais prisioneiros naquela terra estranha.

# O RESGATE

O Leão Covarde ficou muito satisfeito em ouvir que a Bruxa Malvada tinha derretido com um balde de água. Dorothy imediatamente destrancou o portão e o libertou. Em seguida, entraram juntos no castelo e o primeiro ato de Dorothy foi reunir todos os mansins amarelos e anunciar que eles não eram mais escravos.

Uma grande euforia tomou os mansins, pois já eram escravos da Bruxa Malvada há muito tempo. Ela sempre os tratou com muita crueldade. Declararam aquele dia feriado e, desde então, só festejaram e dançaram.

— Se nossos amigos, o Espantalho e o Lenhador de Lata, ainda estivessem conosco — disse o Leão —, eu estaria ainda mais feliz.

— Será que podemos resgatá-los? — perguntou a garota, ansiosa.

— Podemos tentar — respondeu o Leão.

Chamaram os mansins e perguntaram se ajudariam no resgate de seus camaradas. Todos disseram que ficariam alegres em fazer todo o possível para ajudar Dorothy, sua libertadora. Assim, escolheram os mansins que pareciam mais espertos e partiram. Viajaram aquele dia e parte do outro até a planície rochosa na qual jazia o Lenhador de Lata todo torto e amassado.

Seu machado estava caído próximo a ele. A lâmina estava enferrujada e o cabo quebrado perto da lâmina.

Os mansins o ergueram delicadamente e o carregaram de volta para o Castelo Amarelo. Dorothy derramou algumas lágrimas pelo caminho ao ver péssima condição de seu velho amigo. O Leão parecia calmo e chateado. Quando chegaram ao castelo, Dorothy disse para os mansins:

— Há algum serralheiro entre seu povo?

— Sim, temos. Alguns de nós são serralheiros muito bons — disseram.

— Pois peça que um deles venha aqui — ela disse.

Os serralheiros chegaram trazendo toda sorte de ferramentas em seus baús. Dorothy perguntou:

— Conseguem arrumar os amassados do Lenhador de Lata, desentortá-lo e soldá-lo onde está quebrado para que fique como antes?

Os serralheiros examinaram o Lenhador cuidadosamente e responderam que talvez pudessem deixá-lo novo em folha. Logo começaram a trabalhar em uma das grandes salas amarelas do castelo. Trabalharam por três dias e quatro noites, martelando, entortando, dobrando, soldando, polindo e batendo nas pernas, tronco e cabeça, até que o Lenhador de Lata recuperasse sua velha forma. Suas juntas também voltaram a funcionar. Na verdade, havia muitos remendos nele, mas os serralheiros fizeram um bom trabalho de funilaria. O Lenhador não era lá muito vaidoso e não se incomodou com os remendos.

Quando, enfim, ele andou até o quarto de Dorothy para agradecer pelo resgate, estava tão feliz que chorava lágrimas de alegria. Dorothy teve de enxugar cada uma delas com seu avental para que as juntas dele não enferrujassem. Ao mesmo tempo, ela chorava de alegria por encontrar seu velho amigo novamente, e essas lágrimas não precisavam ser enxugadas. Já o Leão secou tantas lágrimas com a ponta do rabo que se viu obrigado a sair para o pátio e secá-lo ao sol.

Quando Dorothy terminou de contar a ele tudo o que havia acontecido, o Lenhador de Lata disse:

— Eu ficaria muito feliz se ao menos tivéssemos o Espantalho conosco novamente.

— Precisamos encontrá-lo — disse a garota.

Chamou os mansins para ajudá-la mais uma vez. Andaram o dia todo e parte do outro até encontrarem a árvore onde os Macacos Alados tinham jogado as roupas do Espantalho.

Era uma árvore tão alta e de tronco tão liso que era impossível escalar. Prontamente, o Lenhador disse:

— Vou cortá-la e, daí, pegamos as roupas do Espantalho.

Quando os serralheiros consertaram o Lenhador, um mansim ourives substituiu o velho cabo quebrado do machado por outro de ouro maciço. Outros mansins lixaram tanto a lâmina para tirar a ferrugem que agora ela reluzia como se fosse de prata polida.

Imediatamente o Lenhador de Lata começou a cortar. Em pouco tempo, a árvore caiu com um estrondo. As roupas do Espantalho se soltaram dos galhos e rolaram para o chão.



Dorothy pegou as roupas e pediu aos mansins que as levassem de volta ao castelo, onde foram preenchidas com palha nova e limpa. E, vejam só! Ali estava o Espantalho, novo em folha, agradecendo sem parar a todos por ter sido salvo.

Agora que estavam todos reunidos, Dorothy e seus amigos passaram alguns dias felizes no Castelo Amarelo, onde tinham todo o necessário para ficarem bem acomodados. Dias depois, a garota pensou na Tia Em e disse:

— Vamos voltar e cobrar a promessa de Oz.

— Sim — disse o Lenhador. — Enfim terei meu coração.

— Eu terei miolos — adicionou alegremente o Espantalho.

— Eu terei coragem — disse pensativamente o Leão.

— E eu voltarei para o Kansas — gritou Dorothy, batendo palmas. — Então, amanhã partiremos para a Cidade Esmeralda!

E assim fizeram. No dia seguinte, convocaram os mansins e se despediram deles. Ficaram tristes pela partida dos viajantes, pois ficaram tão amigos do Lenhador de Lata que pediram que ficasse e governasse o povo e a Terra Amarela do Oeste. Vendo que o grupo estava determinado a partir, os mansins deram um colar de ouro para Totó e outro para o Leão. Dorothy recebeu um lindo bracelete cravejado de diamantes. Para o Espantalho deram uma bengala com cabo de ouro, para evitar que ficasse tropeçando. Ao Lenhador ofereceram uma lata de óleo de prata ornada em ouro e enfeitada com joias preciosas.

Cada um retribuiu aos mansins com um discurso de agradecimento. Todos se cumprimentaram até seus braços cansarem.

Quando Dorothy foi até o armário da Bruxa para encher sua cesta com comida, encontrou a boina dourada. Ela lhe servia direitinho. Mesmo sem saber nada sobre o encanto da boina dourada, gostou dela e decidiu usá-la. Guardou seu gorro de sol na cesta.

Enfim preparados para a jornada, partiram rumo à Cidade Esmeralda. Os mansins os homenagearam com três salves e lhes desejaram toda a sorte do mundo.

# OS MACACOS ALADOS

**V**ocê se lembra de que não havia estrada, nem mesmo trilha, entre o castelo da Bruxa Malvada e a Cidade Esmeralda? Quando os quatro viajantes saíram em busca da Bruxa, ela os avistou e enviou os Macacos Alados para capturá-los. Não era nada fácil encontrar o caminho de volta em meio aos grandes campos de ranúnculos e margaridas amarelas por onde passavam. Sabiam, é claro, que o sentido certo era na direção Leste, rumo ao nascer do sol. Ao meio-dia, porém, quando o sol ficou a pino, não sabiam mais onde era o Leste ou o Oeste. Foi assim que se perderam na vastidão daqueles campos. Andaram até a noite, quando a lua brilhava intensamente. Deitaram-se entre as flores amarelas de aroma doce e dormiram profundamente até de manhã, exceto o Espantalho e o Lenhador de Lata.

Na manhã seguinte, o sol se escondia por trás de uma nuvem, mas prosseguiram como se tivessem certeza absoluta do caminho a trilhar.

— Se andarmos o bastante — disse Dorothy — estou certa de que chegaremos a algum lugar.

Mas os dias passavam e não se via nada a não ser os prados avermelhados. O Espantalho começou a resmungar:

— Certamente estamos perdidos. Se não encontrarmos a Cidade Esmeralda, nunca terei meus miolos.

— Nem eu terei meu coração — declarou o Lenhador de Lata.  
— Mal posso esperar para chegar a Oz. Vocês têm de admitir que está sendo uma jornada bem longa.

— Sabe — disse o Leão Covarde, choramingando —, não tenho coragem de ficar vagando por aí para sempre sem chegar a lugar nenhum.

Foi então que Dorothy se desiludiu. Sentou-se no gramado, olhou para seus companheiros e todos sentaram-se ao seu redor. Totó percebeu que, pela primeira vez na vida, estava cansado demais para correr atrás de uma borboleta que voava por cima de sua cabeça. Ele colocou a língua para fora, ofegou e olhou para Dorothy como se perguntasse o que fariam em seguida.

— Que tal chamarmos os ratos campestres? Talvez saibam o caminho para a Cidade Esmeralda — ela sugeriu.

— É claro que eles sabem — exclamou o Espantalho. — Por que não pensamos nisso antes?

Dorothy soprou o pequeno apito que trazia no pescoço, o presente da Rainha dos Ratos. Em minutos, ouviram o som dos passinhos e muitos dos pequenos ratos acinzentados correram até ela. Entre eles estava a própria rainha, que perguntou com sua vozinha estridente:

— O que podemos fazer pelos meus amigos?

— Estamos perdidos — disse Dorothy. — Podem nos dizer onde fica a Cidade Esmeralda?

— Certamente — respondeu a Rainha —, mas está bem longe. Vocês ficaram de costas para ela o tempo todo.

Quando a Rainha viu a boina dourada de Dorothy perguntou:

— Por que você não usa o poder da boina e convoca os Macacos Alados? São capazes de levar vocês até a Cidade de Oz em menos de uma hora.

— Eu não sabia que ela tinha poderes — respondeu Dorothy, surpresa. — Como funciona?

— Está escrito no fundo da boina dourada — respondeu a Rainha dos Ratos. — Se você for chamar os Macacos Alados, precisaremos fugir, pois eles adoram travessuras e acham muito engraçado nos perseguir.

— Eles não vão me machucar? — perguntou a garota, ansiosa.

— Não! Eles devem obedecer ao dono da boina. Até mais! — e correu para longe, seguida por todos os outros ratos atrás dela.

Dorothy olhou a parte interna da boina dourada e encontrou palavras escritas no forro. “Este”, ela pensou, “deve ser o encanto”. Leu as instruções cuidadosamente e colocou a boina em sua cabeça:

— Ol-lo, rol-lo, bol-lo! — ela disse, equilibrando-se sobre o pé esquerdo.

— O que você disse? — perguntou o Espantalho, que não sabia o que ela estava fazendo.

— E-lá, i-lá, o-lá! — Dorothy prosseguiu, desta vez sobre o pé direito.

— Olá! — respondeu o Lenhador de Lata, calmamente.

— Faz-il, Fiz-il, Fir-rá! — completou Dorothy, que agora estava com os dois pés no chão.

Ao terminar de recitar o encanto, ouviram um grande falatório e o bater de asas do bando dos Macacos Alados. O Rei fez uma reverência diante de Dorothy e perguntou:

— Qual é a sua ordem?

— Queremos ir até a Cidade Esmeralda — disse a criança —, mas estamos perdidos.

— Nós levaremos vocês — respondeu o Rei.

Ao terminar a frase, dois dos macacos seguraram Dorothy pelos braços e saíram voando com ela. Outras duplas pegaram o Espantalho, o Lenhador e o Leão. Um macaquinho apanhou Totó e seguiu os outros, tentando evitar as mordidas do cachorro.

No início, o Espantalho e o Lenhador de Lata ficaram apreensivos, pois se lembravam de como haviam sido tratados pelos Macacos Alados pouco tempo atrás. Logo perceberam que não tinham intenção de machucá-los. Foram pelo ar alegremente em uma viagem incrível sobre os lindos jardins e florestas lá embaixo.

Dorothy viajava tranquilamente entre dois dos maiores Macacos, sendo um deles o próprio Rei. Ambos fizeram uma cadeira com os braços, tomando cuidado para não machucá-la.

— Por que vocês têm de obedecer ao encanto da boina dourada? — ela perguntou.

— É uma longa história — respondeu o Rei, com uma risada.  
— Mas como temos uma boa jornada pela frente, contarei para passarmos o tempo. Que tal?

— Eu adoraria ouvir — ela respondeu.

— Há muito tempo — começou o Rei —, éramos um povo livre que vivia feliz na grande floresta, voando pelas árvores, comendo castanhas e frutas, fazendo apenas o que queríamos, sem que ninguém nos desse ordens. Talvez alguns tenham exagerado nas travessuras, dando rasantes para puxar o rabo de animais sem asas, caçando pássaros e jogando castanhas nas pessoas que passavam pela floresta. Éramos despreocupados, felizes e alegres. Cada minuto do dia era uma festa. Isso foi há muito tempo, antes de Oz descer das nuvens para governar esta terra.

“Naquela época — continuou — uma linda princesa vivia por aqui. Também era uma poderosa feiticeira. Usava toda sua mágica para ajudar as pessoas e nunca machucou ninguém, pois era boa. Seu nome era Gayelette e vivia em um elegante palácio, construído com grandes blocos de rubi. Todos a amavam, mas seu grande pesar era nunca ter encontrado alguém que também amasse de verdade. Todos os homens eram muito estúpidos e feios para se casar com alguém tão bela e sábia. No entanto, um dia ela encontrou um garoto bonito, forte e sábio, apesar de muito jovem. Gayelette decidiu que, quando ele crescesse e se tornasse um homem, seria seu marido. Então ela o levou para o palácio de rubi e usou todos os poderes mágicos para fazer com que ele ficasse tão forte, bondoso e adorável que qualquer mulher se apaixonaria por ele. Quando Quelala, esse era o seu nome, ficou adulto, era conhecido como o melhor e mais sábio homem em toda a terra. Sua beleza masculina era tão grande que Gayelette se apaixonou perdidamente e se apressou em deixar tudo pronto para o casamento.

“Meu avô era então o Rei dos Macacos Alados. Vivíamos na floresta próxima do palácio de Gayelette. O velho gostava mais de uma piada do que de um bom jantar. Um dia, logo antes do casamento, meu avô voava com seu bando quando viu Quelala na beira do rio. Ele vestia um rico traje de seda rosa e veludo púrpura. Meu avô pensou em uma brincadeira. Ao seu comando, o bando deu um rasante, ergueram Quelala até o meio do rio e o jogaram na água. ‘Nade, meu bom amigo’, gritou meu avô. ‘Cuidado para a água não manchar suas roupas.’ Quelala sabia muito bem que precisava nadar e, por sorte, não estava machucado. Sorriu quando voltou à tona e nadou até a margem. Quando o rapaz voltou para o palácio e a princesa viu a seda e o veludo arruinados, ficou furiosa. É claro que ela sabia quem tinha feito aquilo. Chamou todos os Macacos Alados à sua presença e ordenou que suas asas fossem amarradas, pois deveriam ser tratados como trataram Quelala. Todos foram jogados no rio. Meu avô suplicou, pois sabia que os Macacos afundariam com as asas atadas. Quelala os defendeu gentilmente. Afinal, Gayelette os poupou com a condição de que os Macacos Alados sempre atendessem por três vezes às ordens do dono da boina dourada, a qual foi confeccionada como presente de casamento para Quelala e dizem que custou à princesa metade de seu reino. Meu avô e todos os outros Macacos concordaram imediatamente com a condição. Eis o motivo de sermos, por três vezes, escravos do dono da boina dourada, seja lá quem for.”

— E o que aconteceu com eles? — perguntou Dorothy, muito interessada na história.



— Quelala foi o primeiro dono da boina dourada — respondeu o Macaco. — Foi também o primeiro a fazer seus pedidos para nós. Como sua noiva não parava de nos vigiar, ele nos chamou na floresta após o casamento e ordenou que ficássemos onde ela não pudesse vigiar mais nenhum dos Macacos Alados. Isso nos deixou muito felizes, pois tínhamos medo dela.

“Essa é toda a história, até o dia em que a boina dourada caiu nas mãos da Bruxa Malvada do Oeste, que escravizou os Macacos, os mansins amarelos, e expulsou o próprio Oz da Terra do Oeste. Agora a boina dourada é sua e, por três vezes, você tem o direito de pedir seus desejos para nós.”

À medida que Rei Macaco acabava sua história, Dorothy olhou para baixo e viu os muros verdes e brilhantes da Cidade Esmeralda. Estava maravilhada com a velocidade dos Macacos e feliz pela jornada terminar. As estranhas criaturas pousaram os viajantes cuidadosamente diante do portão da Cidade. O Rei curvou-se para Dorothy e, sem demora, partiu seguido por seu bando.

— Foi uma excelente viagem — disse a garotinha.

— Sim, e uma solução rápida para nossos problemas — completou o Leão. — Que sorte você ter essa boina maravilhosa!

# DESMASCARANDO O TERRÍVEL OZ

**O**s quatro viajantes se aproximaram do grande portão da Cidade Esmeralda e tocaram a campainha diversas vezes. A porta foi aberta pelo mesmo Guardião dos Portões:

— O quê! Vocês de novo? — perguntou, surpreso.

— Não está vendo que somos nós? — respondeu o Espantalho.

— Pensei que iam visitar a Bruxa Malvada do Oeste.

— E fomos — disse o Espantalho.

— E ela deixou vocês partirem? — perguntou o homem, maravilhado.

— Ela não deixou porque derreteu antes — explicou o Espantalho.

— Derreteu? Bem, de fato, são boas notícias — disse o homem. — Quem a derreteu?

— Dorothy — disse o Leão, sério.

— Cacilda! — exclamou o homem curvando-se quase até o chão diante dela.

Em seguida, ele os levou até sua salinha e prendeu os óculos da grande caixa em todos, exatamente como antes. Seguiram pelo portão até a Cidade Esmeralda. Quando o Guardião dos Portões anunciou ao povo que Dorothy havia derretido a Bruxa

Malvada do Oeste, todos a rodearam, formando uma grande multidão que os seguiu até o Palácio de Oz.

O Soldado de Bigode Verde ainda guardava a porta, mas os deixou entrar imediatamente. Encontraram a linda Garota Verde, que os levou até seus antigos quartos para que descansassem até que o Grande Oz se aprontasse para recebê-los.

O Soldado levou as notícias diretamente para Oz, avisando que Dorothy e os outros haviam retornado depois de destruir a Bruxa Malvada. Oz não respondeu. Todos pensavam que o Grande Mágico os chamaria imediatamente, mas não foi o caso. Não tiveram notícias no dia seguinte, nem no outro e nem no próximo. A espera foi cansativa, desgastante e, enfim, ficaram contrariados por Oz tratá-los com descaso. Ele os havia mandado em uma missão tão difícil que chegou a resultar em escravidão. O Espantalho, enfim, pediu que a Garota Verde enviasse outra mensagem a Oz. Se não os chamasse logo, os Macacos Alados descobririam se o Mágico mantém ou não suas promessas. Quando Oz recebeu a mensagem, ficou tão apavorado que os chamou quatro minutos depois das nove da manhã do dia seguinte. Ele se lembrava dos Macacos Alados na Terra do Oeste e não gostaria de encontrá-los de novo.

Os quatro passaram a noite em claro pensando nos presentes que Oz lhes havia prometido. Dorothy dormiu pouco e sonhou que estava no Kansas. Tia Em dizia a ela que estava feliz em ter sua garotinha de volta em casa.

O Soldado de Bigode Verde os chamou exatamente às nove. Quatro minutos depois, todos eles entraram na Sala do Trono do

Grande Oz.

Cada um deles esperava ver o Mágico nas formas que ele já tinha tomado antes. Ficaram extremamente surpresos quando olharam em volta e não viram ninguém na sala. Se mantiveram próximos à porta e ainda mais perto uns dos outros, pois o silêncio ali era mais opressor do que qualquer das formas que Oz havia tomado antes.

Não demorou e ouviram uma voz solene que parecia vir de algum lugar no topo do grande domo. A voz disse:

— Eu sou Oz, Grande e Terrível. Por que me procuram?

Todos olharam novamente pelos cantos da sala e, sem encontrar ninguém, Dorothy perguntou:

— Onde você está?

— Estou em todos os lugares — respondeu a voz. — Para olhos mortais comuns sou invisível. Agora me sentarei no trono para que conversem comigo.

De fato, a voz agora parecia vir diretamente do próprio trono. Dirigiram-se até a poltrona em fila. Dorothy disse:

— Viemos cobrar sua promessa, Grande Oz.

— Que promessa? — perguntou Oz.

— Você prometeu me mandar de volta para o Kansas quando a Bruxa Malvada fosse destruída — disse a garota.

— Você me prometeu miolos — disse o Espantalho.

— Você me prometeu um coração — disse o Lenhador de Lata.

— Você me prometeu coragem — disse o Leão Covarde.

— Estão certos de que a Bruxa Malvada foi destruída? —  
perguntou a voz.

Dorothy percebeu que ele hesitava.

— Sim — ela respondeu. — Eu a derreti com um balde d'água.

— Ora, ora — disse a voz —, que surpresa! Bem, voltem  
amanhã, porque preciso de tempo para pensar.

— Você já teve tempo suficiente — irritou-se o Lenhador de  
Lata.

— Não vamos esperar nem mais um dia — disse o  
Espantalho.

— Você precisa honrar a sua promessa! — exclamou Dorothy.

O Leão pensou que seria uma boa ideia assustar o Mágico e  
disparou um rugido forte e ensurdecedor. Foi tão terrível que  
Totó saltou das costas dele, alarmado, e derrubou um biombo  
que estava no canto da sala com um grande estrondo. Todos  
olharam para aquele lado e se assombraram. Ali, parado onde  
antes estava o biombo, um velhinho careca e enrugado parecia  
tão surpreso quanto eles. O Lenhador de Lata levantou seu  
machado, correu até o homenzinho e gritou:

— Quem é você?

— Eu sou Oz, Grande e Terrível — disse o homenzinho,  
tremendo. — Mas não me ataque, por favor. Farei tudo o que  
vocês quiserem.

Os amigos o olharam com surpresa e piedade.

— Pensei que Oz fosse uma grande cabeça — disse Dorothy.

— Pensei que Oz fosse uma adorável dama — disse o Espantalho.

— Pensei que Oz fosse uma terrível fera — disse o Lenhador de Lata.

— Pensei que Oz fosse uma bola de fogo — exclamou o Leão.

— Não, vocês estão errados — disse o homenzinho humildemente. — Era tudo faz-de-conta.

— Faz-de-conta? — gritou Dorothy. — Você não é um Grande Mágico?

— Mais baixo, minha querida — ele disse. — Não fale tão alto senão nos ouvirão lá fora... e eu estaria arruinado. Eu deveria sim ser um Grande Mágico.

— E não é? — ela perguntou.

— Nem um pouco, minha querida. Sou apenas um homem comum.

— É pior do que isso — disse o Espantalho com um tom de voz ofendido. — Você é uma farsa.

— Exatamente! — declarou o homenzinho, esfregando suas mãos como se isso lhe fizesse bem. — Sou uma farsa.

— Mas isso é terrível — disse o Lenhador de Lata. — Como vou conseguir meu coração?

— E a minha coragem? — perguntou o Leão.

— E os meus miolos? — chorou o Espantalho, limpando suas lágrimas na manga do casaco.

— Meus caros amigos — disse Oz —, imploro que não mencionem esses detalhes. Coloquem-se no meu lugar e vejam o

problema terrível em que me meti.

— Alguém mais sabe que você é uma farsa? — perguntou Dorothy.

— Além de vocês, ninguém. Só eu mesmo — respondeu Oz. — Venho enganando a todos por tanto tempo que pensei que nunca seria descoberto. Foi um grande erro deixar que entrassem na Sala do Trono. Não recebo nem mesmo meus súditos e, por isso mesmo, têm muito medo de mim.

— Mas eu não entendo — disse Dorothy, perplexa. — Como foi que você apareceu para mim como uma grande cabeça?

— É um dos meus truques — respondeu Oz. — Cheguem mais perto, por favor, e mostrarei a vocês.

Ele apontou para um pequeno cômodo no fundo da Sala do Trono, e todos o seguiram. Em um canto estava a grande cabeça feita de muitas camadas de papel e cuidadosamente pintada.

— Ela fica pendurada no teto por um arame — disse Oz. — Eu fico atrás do biombo e puxo um fio para que os olhos e a boca se mexam.

— Mas e a voz? — ela perguntou.

— Ah, eu sou ventríloquo — disse o homenzinho. — Consigo projetar minha voz aonde eu quiser. Por isso você achou que ela vinha da cabeça. Aqui estão as outras coisas que usei para enganar vocês.

Apresentou ao Espantalho o vestido e a máscara que vestiu para se tornar a adorável dama. O Lenhador de Lata viu que a terrível fera não passava de um monte de peles costuradas com uma armação interna de ripas de madeira. A bola de fogo

também ficava pendurada no teto. Na verdade era uma bola de algodão que queimava com maior fúria quando se jogava óleo sobre ela.

— Realmente — disse o Espantalho —, você deveria se envergonhar dessa imensa farsa.

— Sim, e muito! — respondeu o homenzinho, arrependido. — Mas essa era a única coisa que eu poderia fazer. Sentem-se nestas cadeiras, por favor. Contarei minha história a vocês.

Todos se sentaram e ouviram a história:

— Eu nasci em Omaha...

— Ora, mas isso não é muito longe do Kansas! — exclamou Dorothy.

— Não, mas é muito longe daqui — ele disse, balançando a cabeça com tristeza. — Cresci e me tornei ventríloquo. Fui treinado por um grande mestre. Consigo imitar qualquer tipo de pássaro ou animal.

Ele então miou de forma tão idêntica a um gatinho que Totó espichou as orelhas e procurou um bichano por todos os lados.

— Depois de um tempo — continuou —, enjoei daquilo e me tornei um balonista.

— O que é isso? — perguntou Dorothy.

— Alguém que sobe em um balão quando há espetáculo no circo para juntar um monte de gente e levá-las para comprar os ingressos — explicou.

— Entendi! — ela disse.



— Um dia eu subi num balão e as cordas se embaraçaram. Eu não conseguia descer. Subi acima das nuvens, tão alto que uma corrente de ar apanhou o balão e me carregou por muitos e muitos quilômetros. Viajei por um dia e uma noite pelos ares. Acordei na manhã do segundo dia e percebi que o balão flutuava sobre uma região estranha e linda.

“O balão desceu suavemente sem me machucar. Estava em meio a um povo estranho que achou que eu era um grande mágico por eu ter vindo das nuvens. É claro que não desmenti. Ficaram com medo de mim e prometeram fazer tudo o que eu mandasse.

“Só por diversão e para manter essas boas pessoas ocupadas, ordenei que construíssem a Cidade e o meu Palácio. Cumpriram minhas ordens de boa vontade. Por ser uma terra tão verde e linda, resolvi chamá-la de Cidade Esmeralda. Para fazer o nome ficar ainda melhor, coloquei óculos verdes em todas as pessoas, para que vissem tudo na cor verde.”

— Mas não tem nada verde por aqui? — perguntou Dorothy.

— Não mais do que em qualquer outra cidade — respondeu Oz. — Mas, quando se coloca óculos verdes, é claro que tudo se torna verde. A Cidade Esmeralda foi construída muitos anos atrás, quando eu era jovem e o balão me trouxe para cá. Agora já estou velho. Meu povo tem usado os óculos verdes há tanto tempo que a maioria realmente pensa que a cidade é feita de esmeraldas. A ideia de joias abundantes, metais preciosos e coisas assim são necessárias para mantê-los felizes. Tenho sido bom com o povo e eles gostam de mim. Mas, desde que o Palácio foi construído, me fechei aqui e não vi mais ninguém.

“Um dos meus grandes medos eram as Bruxas, pois não tenho poderes. Logo que cheguei descobri que elas eram capazes de fazer coisas realmente inacreditáveis. Havia quatro delas nestas terras, cada uma governava seus povos no Norte, Sul, Leste e Oeste. Por sorte, as Bruxas do Norte e do Sul eram boas e eu sabia que não me fariam mal. As Bruxas do Leste e do Oeste eram terrivelmente malvadas e, se não pensassem que eu era ainda mais poderoso do que elas, certamente teriam me destruído. Por isso, convivi com esse medo mortal por muitos anos. Agora, imaginem como fiquei contente quando ouvi que uma casa tinha caído em cima da Bruxa Malvada do Leste. Quando você veio até mim, eu estava disposto a prometer qualquer coisa para que vocês liquidassem a outra Bruxa. Mas agora que você a derreteu, estou envergonhado por não poder manter a minha promessa.”

— Acho que você é uma péssima pessoa — disse Dorothy.

— Ah, não, minha querida. Na verdade, sou um homem muito bom. Mas reconheço que sou um péssimo mágico.

— Você não vai me dar miolos? — perguntou o Espantalho.

— Você não precisa deles. Você aprende algo novo todos os dias. Um bebê tem miolos, mas não sabe quase nada. É a experiência que gera conhecimento. Quanto mais tempo vivemos, mais experiência acumulamos.

— Talvez seja mesmo verdade — disse o Espantalho —, mas continuarei infeliz se não me der miolos.

O falso mágico olhou para ele cuidadosamente:

— Bem — suspirou —, como eu disse, não sou bem um mágico. Mas prometo que se você voltar aqui amanhã cedo, encherei sua cabeça com miolos. No entanto, não poderei dizer a você como usá-los. Você terá de descobrir por si mesmo.

— Ah, obrigado... obrigado! — gritou o Espantalho. — Não se preocupe! Encontrarei um jeito de usá-los.

— E quanto à minha coragem? — perguntou o Leão, ansioso.

— Você já é muito corajoso, disso eu tenho certeza — respondeu Oz. — Tudo o que você precisa é de confiança em si mesmo. Não há coisa viva que não tenha medo quando enfrenta o perigo. A verdadeira coragem está em enfrentar o perigo quando se está com medo. Esse tipo de coragem você tem de sobra.

— Talvez eu tenha, mas continuo apavorado como sempre — disse o Leão. — Ficarei infeliz se você não me der o tipo de coragem que faz alguém esquecer que está com medo.

— Muito bem, eu lhe darei esse tipo de coragem amanhã — respondeu Oz.

— E quanto ao meu coração? — perguntou o Lenhador de Lata.

— Ora, sobre isso — respondeu Oz —, acho que você está errado em querer um coração. Ter sentimentos faz a maioria das pessoas infeliz. Queria que você ao menos soubesse que tem sorte por não ter um coração.

— Essa é a sua opinião — disse o Lenhador de Lata. — Suportarei toda a infelicidade do mundo sem dar um pio se você me der um coração.

— Muito bem — respondeu humildemente. — Volte aqui amanhã e eu lhe darei um coração. Já faço papel de mágico há tantos anos que eu talvez continue com esse hábito um pouco mais.

— E agora — disse Dorothy —, como voltarei para o Kansas?

— Teremos de pensar sobre isso — respondeu o homenzinho. — Preciso de uns dois ou três dias para considerar o problema e encontrar um jeito de levar você sobre o deserto. Nesse meio tempo, serão meus convidados. Peço apenas uma coisa em troca: que mantenham meu segredo e não contem a ninguém que sou uma farsa.

Todos concordaram em não dizer nada e seguiram para os seus aposentos, felizes e empolgados. Até mesmo Dorothy esperava que a “Grande e Terrível Farsa”, como ela o chamava, encontrasse um jeito de mandá-la de volta para o Kansas. Se ele o fizesse, ela o perdoaria completamente.

# A ARTE MÁGICA DA GRANDE FARSA

**N**a manhã seguinte, o Espantalho disse aos seus amigos:

— Podem me dar os parabéns. Vou até Oz para, enfim, pegar meus miolos. Quando voltar, serei como os outros homens.

— Sempre gostei de você como você é — disse Dorothy com simplicidade.

— Que gentil da sua parte gostar de um Espantalho — ele respondeu. — Mas certamente você terá uma opinião melhor sobre mim quando ouvir os pensamentos esplêndidos que meu novo cérebro produzirá.

Então ele se despediu com uma voz animada e foi bater na porta da Sala do Trono.

— Entre — disse Oz.

O Espantalho entrou e encontrou o homenzinho sentado perto da janela, imerso em pensamentos.

— Vim pegar os meus miolos — lembrou o Espantalho, meio incomodado.

— Ah, sim, sente-se naquela cadeira, por favor — respondeu Oz. — Vai me desculpar, mas preciso tirar a sua cabeça para colocar os miolos nos seus devidos lugares.

— Tudo bem — disse o Espantalho. — Não tem problema tirar a minha cabeça, contanto que me devolva uma cabeça melhor quando terminar.

Então, o Mágico descosturou e esvaziou a cabeça. Na sala dos fundos, pegou um pouco de cereais e misturou tudo com uma boa quantidade de pregos e agulhas. Sacudiu e misturou bem, colocou tudo aquilo na cabeça do Espantalho e completou o resto com palha para que ficasse bem firme.

Quando costurou a cabeça de volta no corpo, o Mágico disse:

— De agora em diante, você será um grande homem, pois enchi sua cabeça de ondas cereais... digo, cerebrais!

O Espantalho ficou satisfeito e orgulhoso por realizar seu grande desejo. Agradeceu Oz calorosamente e voltou para contar aos seus amigos.

Dorothy o olhou com curiosidade. O topo de sua cabeça estava um pouco diferente com os miolos novos.

— Como você se sente? — ela perguntou.

— Muito sábio — respondeu sinceramente. — Quando me acostumar a usar meus miolos, saberei de tudo.

— O que são esses pregos e agulhas saindo da sua cabeça? — perguntou o Lenhador de Lata.

— São a prova de que seus pensamentos são afiados — apontou o Leão.

— Bem, então vou até Oz pegar meu coração — disse o Lenhador.

E lá se foi o Lenhador bater à porta da Sala do Trono.

— Entre — chamou Oz.

O Lenhador entrou e disse:

— Vim pegar meu coração.

— Muito bem — respondeu o homenzinho. — Farei um corte em seu peito para colocar o coração no lugar correto. Espero que não doa muito.

— Ah, não — respondeu o Lenhador. — Não sentirei nada.

Oz trouxe um par de tesouras de cortar latas e abriu um pequeno buraco quadrado no lado esquerdo do peito do Lenhador de Lata. Em sua cômoda, pegou um lindo coração de seda recheado com serragem.

— Não é uma beleza? — Oz perguntou.

— Sim, é lindo! — respondeu o Lenhador, extremamente satisfeito. — Mas é um coração sensível?

— Ah, muito sensível! — respondeu Oz.

Encaixou o coração no peito do Lenhador, recolocou o quadrado de lata e o soldou de volta com muita destreza.

— Pronto. Agora você tem um coração do qual qualquer homem sentiria orgulho. Me desculpe pelo remendo no peito, mas realmente não havia outro jeito.

— Não me importo — exclamou o Lenhador feliz. — Sou muito agradecido a você. Jamais me esquecerei de sua bondade.

— Não há de quê — Oz respondeu.

O Lenhador de Lata voltou para os seus amigos, que desejavam compartilhar de sua alegria.

Em seguida, o Leão foi bater à porta da Sala do Trono.

— Entre — disse Oz.

— Vim pegar a minha coragem — anunciou o Leão, entrando na Sala.

— Muito bem — respondeu o homenzinho. — Você a terá.

Dirigiu-se até um armário e pegou uma garrafa quadrada verde no alto de uma prateleira. Derramou o conteúdo em um prato auriverde lindamente entalhado. Colocou-o diante do Leão Covarde, que cheirou aquilo como se não gostasse nem um pouco do odor. O Mágico disse:

— Beba.

— O que é isso? — perguntou o Leão.

— Bem — disse Oz —, se estivesse dentro de você, se chamaria “coragem”. Todos sabem, é claro, que o lugar da coragem é dentro de alguém. Então, não podemos chamar isso de coragem antes que você beba. No entanto, aconselho que beba tudo o mais rápido possível.

O Leão não hesitou e bebeu até a última gota.

— Como se sente agora? — perguntou Oz.

— Cheio de coragem — respondeu o Leão, que voltou alegremente para compartilhar com seus amigos sua mudança.

Oz sorriu sozinho ao pensar em seu sucesso. Conseguiu dar ao Espantalho, ao Lenhador de Lata e ao Leão exatamente o que eles achavam que precisavam.

— Como posso evitar ser uma farsa — ele disse — quando todos me pedem coisas que sabem muito bem serem impossíveis? Foi fácil fazer o Espantalho, o Leão e o Lenhador felizes, pois imaginaram que sou capaz de tudo. Mas precisarei de mais do que pura imaginação para levar Dorothy de volta ao Kansas. Não faço ideia de como resolver esse problema.



# COMO O BALÃO FOI LANÇADO

**T**rês dias se passaram sem que Oz chamasse Dorothy. Foram dias tristes para ela, ainda que todos os seus amigos estivessem felizes e contentes. O Espantalho contou que pensamentos magníficos agora habitavam sua cabeça, mas que não devia falar deles porque ninguém os entenderia a não ser ele mesmo. Quando o Lenhador de Lata saiu para caminhar, sentiu seu coração chacoalhando dentro do peito. Ele disse a Dorothy que esse coração era ainda mais gentil e sensível do que o antigo de carne e osso. O Leão declarou que não tinha medo de mais nada no mundo inteiro e que enfrentaria alegremente um exército inteiro ou uma dúzia dos ferozes Kaliferas.

E, assim, cada integrante do pequeno grupo estava satisfeito, exceto Dorothy. Ela agora desejava mais do que nunca voltar para o Kansas.

No quarto dia, para sua grande alegria, Oz finalmente mandou chamá-la. Quando entrou na Sala do Trono, ele a cumprimentou com satisfação:

— Sente-se, minha querida. Creio que encontrei o melhor jeito para tirar você desta terra.

— E voltar para o Kansas? — perguntou ansiosamente.

— Não estou bem certo quanto ao Kansas — disse Oz —, pois não tenho a menor ideia da direção em que ele fica. A primeira

coisa a se fazer é cruzar o deserto e, de lá, será mais fácil encontrar o caminho para o Kansas.

— Como vou cruzar o deserto? — ela perguntou.

— Vou contar meu plano a você — disse o homenzinho. — Veja, eu vim para cá em um balão. Você também veio pelo ar, trazida por um ciclone. Por isso, acredito que o melhor jeito para cruzar o deserto seja pelo ar. Criar um ciclone está bem além dos meus poderes. Ruminei muito o problema e acho que pelo menos um balão eu consigo fazer.

— O quê? — perguntou Dorothy.

— Um balão — disse Oz — é feito de seda revestida com cola para manter o gás em seu interior. Há muita seda no palácio, portanto não teremos problema para fazer o balão. Por outro lado, o gás para encher e fazê-lo flutuar não existe em nenhum lugar desta terra.

— Se ele não flutuar — lembrou Dorothy —, para que vai servir?

— Tem razão — respondeu Oz. — Porém, há um outro modo de fazê-lo flutuar: enchê-lo com ar quente. Não é tão bom quanto gás porque se o ar esfriar, o balão cairá no deserto e ficaremos perdidos.

— “Ficaremos”? — exclamou a garota. — Você vai junto?

— Sim, é claro — respondeu Oz. — Estou cansado de toda essa farsa. Se eu sair do palácio, meu povo descobrirá que não sou mágico. Ficariam muito aborrecidos comigo por eu tê-los enganado. Estou cansado de ficar trancado nestas salas o dia

todo. Prefiro ir para o Kansas com você e retomar minha vida no circo.

— Seria ótimo ter a sua companhia — disse Dorothy.

— Obrigado — ele respondeu. — Agora, se você me ajudar a costurar, começaremos a trabalhar em nosso balão.

Dorothy pegou linha e agulha. Tão rápido como Oz cortava as tiras de seda no formato adequado, a garota as costurava. A primeira foi uma tira de seda verde-clara, depois uma verde-escura, então uma verde-esmeralda. Oz gostava de balões com diferentes tons de cor. Quando terminaram, tinham produzido um grande saco de seda verde com mais de seis metros de comprimento.

Em seguida, Oz usou um pincel para passar uma camada fina de cola por todo o interior, para vedá-lo completamente. Quando terminou, anunciou que o balão estava pronto.

— Agora só precisamos de um cesto que comporte nós dois dentro — ele disse.

Então ele chamou o Soldado de Bigode Verde e ordenou que encontrasse um cesto grande de roupas, que fixou com várias cordas na parte inferior do balão.

Quando estava tudo pronto, Oz enviou um comunicado ao seu povo sobre sua partida para visitar seu grande irmão mágico que vivia entre as nuvens. A notícia se espalhou pela cidade rapidamente e todos vieram contemplar a magnífica cena.

Seguindo as ordens de Oz, o balão foi levado para a frente do Palácio sob o olhar curioso do povo. O Lenhador de Lata cortou uma grande pilha de madeira, que logo virou uma fogueira.

Enquanto Oz segurava o fundo do balão sobre as chamas, o ar quente subia e se alojava dentro do grande saco de seda. Aos poucos o balão inflou e cresceu em direção ao céu até ficar redondo. O cesto já mal tocava o chão quando Oz entrou nele e declarou em voz alta:

— Estou partindo para fazer uma visita. Em minha ausência, o Espantalho será seu governador. Ordeno que todos o obedeçam como me obedeciam.

Nesse momento, o balão esticava a corda que o prendia ao solo com toda a força. O ar aquecido dentro dele era muito mais leve do que o ar em volta, empurrando-o para cima.

— Venha, Dorothy! — gritou o Mágico. — Depressa, ou o balão irá embora.

— Não consigo achar Totó! — respondeu Dorothy, que não partiria sem seu cachorrinho.

Totó havia sumido por entre a multidão atrás de um gatinho. Dorothy, enfim, conseguiu encontrá-lo. Segurando o cãozinho no colo, correu em direção ao balão.

Oz esticava suas mãos para ajudá-la a entrar no cesto quando a corda se rompeu com um estalo. E o balão se elevou no ar sem ela.

— Volte aqui! — ela berrou. — Quero ir junto com você!

— Não há como voltar, querida — disse Oz de dentro do cesto. — Adeus!

— Adeus! — gritaram todos com os olhos voltados para cima, vendo o Mágico dentro do cesto subir cada vez mais para o alto.

Esta foi a última vez que Oz, o Magnífico Mágico, foi visto. Talvez ele tenha chegado em Omaha com segurança e esteja lá agora. Pode ser que sim. As pessoas se lembrarão dele com amor e dirão umas às outras:

— Oz sempre foi nosso amigo. Enquanto esteve aqui, construiu esta bela Cidade Esmeralda para nós. Agora que ele se foi, deixou o sábio Espantalho para nos governar.

Mesmo assim, por muitos e muitos dias, todos lamentaram a ausência do Magnífico Mágico, desconsolados.

# PARA O SUL

**D**orothy chorou lágrimas amargas ao perder sua esperança de voltar para o Kansas. Ao pensar melhor sobre isso, porém, ficou feliz por não estar voando em um balão neste momento. Mas, mesmo assim, ela e seus amigos também sentiam muito pela partida de Oz.

O Lenhador de Lata foi até ela e disse:

— Eu seria um verdadeiro ingrato se não chorasse pelo homem que me deu meu amado coração. Vou chorar um pouquinho por Oz se você puder secar minhas lágrimas para que eu não enferruje.

— Mas é claro — ela respondeu e foi imediatamente pegar uma toalha.

Assim, o Lenhador de Lata chorou por um bom tempo enquanto ela secava atentamente as lágrimas com a toalha. Quando terminaram, ele agradeceu a gentileza e deu uma boa lubrificada com o óleo da lata incrustada de joias, só para prevenir.

O Espantalho era o novo governador da Cidade Esmeralda e, mesmo sem ser mágico, o povo se orgulhava dele:

— Porque — diziam — não existe nenhuma cidade no mundo governada por um homem de palha.

Até onde eles sabiam, era a mais pura verdade.

Na manhã após a partida de Oz no balão, os quatro andarilhos se encontraram na Sala do Trono e conversaram sobre o futuro. O Espantalho sentou-se no grande trono e os outros ficaram respeitosamente diante dele.

— A sorte não nos abandonou completamente — disse o novo governador. — Este Palácio e a Cidade Esmeralda agora nos pertencem e podemos fazer o que acharmos melhor. Fico bem satisfeito com meu destino quando me lembro de que até pouco tempo atrás eu estava fincado em uma estaca no meio do milharal. Agora, sou o governador desta linda cidade.

— Eu também — disse o Lenhador de Lata — estou bem satisfeito com meu novo coração. Realmente, era o meu maior desejo.

— De minha parte, estou contente em saber que sou tão ou mais corajoso do que qualquer outro animal — disse o Leão, modestamente.

— Se Dorothy ficasse contente em morar na Cidade Esmeralda — emendou o Espantalho —, seríamos todos felizes juntos.

— Mas eu não quero morar aqui — exclamou Dorothy. — Eu quero ir para o Kansas, morar com a Tia Em e o Tio Henry.

— Bem, então, o que podemos fazer? — perguntou o Lenhador.

O Espantalho decidiu pensar. Pensou tanto que os pregos e agulhas começaram a despontar de sua cabeça. Finalmente, disse:

— Por que não chamamos os Macacos Alados e pedimos para carregá-la sobre o deserto?

— Eu nunca tinha pensado nisso! — disse Dorothy, alegremente. — É a melhor ideia. Vou agora pegar a boina dourada.

Quando ela a trouxe até a Sala do Trono, recitou as palavras mágicas. Sem demora, o bando de Macacos Alados entrou voando pela janela aberta e se apresentou diante dela.

— Esta é a segunda vez que você nos convoca — disse o Rei Macaco, curvando-se diante da garotinha. — Qual é o seu desejo?

— Quero que me levem voando até o Kansas — disse Dorothy.

Mas o Rei Macaco balançou a cabeça.

— Isto é impossível de ser realizado — ele disse. — Somos parte desta terra e não podemos sair dela. Nunca houve um Macaco Alado no Kansas e suponho que nunca haverá, pois não é o nosso lugar. Ficaremos felizes em servi-la desde que seu pedido esteja ao nosso alcance, mas não podemos cruzar o deserto. Adeus.

Com outra reverência, o Rei Macaco abriu suas asas e saiu voando pela janela, seguido por todo o bando.

Dorothy estava pronta para começar a chorar.

— Desperdicei o feitiço da boina dourada à toa — ela disse. — Os Macacos Alados não podem me ajudar.

— Realmente, foi muito decepcionante! — disse o Lenhador de bom coração.

O Espantalho começou a pensar outra vez e sua cabeça inchou de um modo tão horrível que Dorothy teve medo que



fosse estourar.

— Vamos chamar o Soldado de Bigode Verde e pedir sua opinião.

O Soldado foi convocado e entrou na Sala do Trono timidamente, afinal, enquanto Oz estava por ali, nunca tinha passado por aquela porta.

— Esta garotinha — disse o Espantalho para o Soldado — deseja cruzar o deserto. O que ela precisa fazer?

— Não sei — respondeu o Soldado. — Ninguém nunca cruzou o deserto, a não ser o próprio Oz.

— Não há ninguém que possa me ajudar? — perguntou Dorothy, sinceramente.

— Talvez Glinda — ele sugeriu.

— Quem é Glinda? — perguntou o Espantalho.

— É a Bruxa do Sul. Ela é a mais poderosa das Bruxas e governa os fraqins. Além disso, seu castelo fica na fronteira com o deserto. Talvez ela saiba como cruzá-lo.

— Glinda é uma Bruxa Boa, não é? — perguntou a criança.

— Os fraqins dizem que ela é boa — disse o Soldado. — Ela é gentil com todos. Ouvi dizerem que Glinda é uma mulher que sabe como se manter jovem e bela mesmo já tendo vivido por muito tempo.

— Como posso chegar ao seu castelo? — perguntou Dorothy.

— A estrada segue direto para o Sul — ele respondeu —, mas preciso avisar que é cheia de perigos para os viajantes. Há animais ferozes na floresta e uma raça de pessoas estranhas que

não gosta que estrangeiros cruzem sua região. É por isso que nenhum dos fraquins jamais visitou a Cidade Esmeralda.

O Soldado saiu e o Espantalho disse:

— Parece que, apesar dos perigos, a melhor coisa que Dorothy pode fazer é viajar para a Terra do Sul e pedir ajuda a Glinda. Está claro que, sentada aqui, Dorothy nunca vai chegar ao Kansas.

— Acho que você está pensando de novo — observou o Lenhador de Lata.

— Sim, estou — disse o Espantalho.

— Irei com Dorothy — declarou o Leão. — Já me cansei desta cidade e estou com saudades da floresta e dos campos. Todos sabem que sou um animal selvagem. Além do mais, Dorothy precisará de proteção.

— É verdade — concordou o Lenhador. — Meu machado poderá ser muito útil. Decido que os acompanharei à Terra do Sul.

— Quando partimos? — perguntou o Espantalho.

— Você vai? — perguntaram, surpresos.

— Mas é claro. Se não fosse por Dorothy, eu nunca teria meus miolos. Ela me tirou da estaca no milharal e me trouxe para a Cidade Esmeralda. Devo tudo o que tenho a ela e ficarei ao seu lado até que ela se vá para o Kansas de uma vez por todas.

— Muito obrigada — disse Dorothy, realmente grata. — Vocês são muito gentis comigo. Eu gostaria de partir o mais rápido possível.

— Partiremos amanhã cedo — respondeu o Espantalho. —  
Vamos nos preparar. Temos uma longa jornada pela frente.

# O ATAQUE DAS ÁRVORES LUTADORAS

**N**a manhã seguinte, Dorothy se despediu da bela Garota Verde com um beijo e todos cumprimentaram o Soldado de Bigode Verde, que os acompanhou até o portão.

Quando chegaram ao Guardiã dos Portões, ele ficou se perguntando o que os levava a deixar novamente a Cidade Esmeralda em busca de novos problemas. Destrancou imediatamente os óculos verdes, guardou-os de volta na caixa, e desejou-lhes muito boa sorte.

— Você é nosso novo governador — ele disse ao Espantalho.

— Volte o mais rápido possível.

— Certamente. Voltarei assim que puder — respondeu o Espantalho. — Mas antes devo ajudar Dorothy a voltar para casa.

Assim que Dorothy se despediu pela última vez do bem-humorado Guardiã, ela disse:

— Fui tratada com gentileza em sua adorável cidade e todos foram muito bons comigo. Não tenho como expressar minha gratidão.

— Não precisa, minha cara — ele respondeu. — Gostaríamos que você ficasse conosco, mas como sua vontade é voltar para o Kansas, espero que encontre seu caminho.

Ele abriu o portão do muro externo e todos seguiram adiante, começando a nova jornada.

O sol brilhava intensamente enquanto nossos amigos se dirigiam à Terra do Sul. Estavam todos no melhor dos humores. Riam e conversavam. Dorothy sentiu-se preenchida mais uma vez pela esperança de voltar ao seu lar. O Espantalho e o Lenhador de Lata estavam felizes por serem úteis. O Leão respirava o ar puro deliciado e balançava a cauda de um lado para o outro. Era o sinal de sua alegria por estar no campo novamente. Totó corria em volta deles, latindo e perseguindo mariposas e borboletas sem parar.

— A vida da cidade não tem nada a ver comigo — lembrou o Leão, acelerando o ritmo. — Emagreci muito enquanto vivi aqui e agora estou ansioso por uma chance de mostrar aos outros animais como fiquei corajoso.

Eles se viraram para uma última olhada na Cidade Esmeralda. A paisagem se resumia a uma massa de torres e campanários por trás da grande muralha e, mais alto do que tudo, o domo abobadado do Palácio de Oz.

— Oz não era um mágico tão ruim, afinal — disse o Lenhador de Lata, enquanto sentia seu coração balançar dentro do peito.

— Ele conseguiu me dar os miolos, e dos bons — disse o Espantalho.

— Se Oz tivesse tomado uma dose da mesma coragem que me deu — adicionou o Leão —, teria se transformado em alguém muito valente.

Dorothy permaneceu calada. Ela havia perdoado Oz por não cumprir sua promessa, pois sabia que ele deu o seu melhor. Ele

mesmo disse que era um bom homem, ainda que fosse um péssimo mágico.

O primeiro dia da jornada foi pelos campos verdes. Flores brilhantes se espalhavam a partir de todos os lados da Cidade Esmeralda. Passaram a noite no gramado, cobertos apenas pelas estrelas. Todos dormiram muito bem.

Pela manhã, viajaram até chegar a uma mata densa. Não havia jeito de contorná-la, pois se estendia para os lados até onde a vista alcançava. Além disso, não ousaram mudar de direção por medo de se perderem. Então, procuraram por um ponto onde seria mais fácil adentrar a floresta fechada.

O Espantalho, que liderava o grupo, finalmente descobriu uma grande árvore com galhos tão compridos que dava espaço suficiente para que o grupo passasse por baixo deles. Caminhou em direção à árvore mas, assim que se agachou, os primeiros galhos se fecharam em torno dele. No minuto seguinte, foi levantado do chão e arremessado sobre seus parceiros de viagem.

Isso não o machucou, mas o deixou tão surpreso que ainda estava um pouco zozzo quando Dorothy o ergueu.

— Aqui tem outro espaço entre as árvores — chamou o Leão.

— Vou na frente — disse o Espantalho. — Não me machuco se me arremessarem.

Caminhou até a outra árvore, mas os galhos imediatamente o ergueram e o arremessaram de volta.

— Que esquisito — exclamou Dorothy. — O que faremos?

— Parece que as árvores decidiram lutar contra nós e interromper nossa viagem — observou o Leão.

— Acho que é minha vez de tentar — disse o Lenhador.

Marchou com seu machado no ombro até a primeira árvore que arremessou o Espantalho de forma tão indelicada. Quando um grande galho desceu para agarrá-lo, o Lenhador deu um golpe tão violento que o rachou em dois. Imediatamente a árvore começou a tremer seus galhos como se estivesse sentindo uma dor profunda e o Lenhador de Lata passou em segurança por baixo dela.

— Venham! — ele gritou para os outros. — Rápido!

Todos correram e passaram agachados sem serem molestados, exceto Totó, que foi pego por um galhinho e sacudido no ar. O Lenhador rapidamente cortou o galho e o libertou.

As outras árvores da floresta nada fizeram para afastá-los. Os amigos se convenceram de que apenas a primeira fileira era capaz de dobrar seus galhos. Provavelmente elas eram as vigias da floresta, às quais foi dado esse extraordinário poder para manter os estranhos afastados.

Os quatro continuaram tranquilamente por entre as árvores até chegarem à fronteira mais distante da floresta. Então, para sua surpresa, depararam-se com um grande muro que parecia ser feito de porcelana branca. Era liso como a superfície de um prato e mais alto do que todos eles.

— E agora? — perguntou Dorothy.

— Farei uma escada — disse o Lenhador de Lata. — Está claro que precisaremos passar por cima dele.

# A REGIÃO DA FINA PORCELANA

**E**nquanto Lenhador construía a escada com a madeira da floresta, Dorothy se deitou e dormiu. Estava cansada de tanto caminhar. O Leão também rolou no chão para dormir e Totó se deitou ao lado dele.

O Espantalho observava o Lenhador trabalhar e disse:

— Por que será que este muro está aqui? Do que ele é feito?

— Descanse seus miolos e não se preocupe com o muro — respondeu o Lenhador. — Quando tivermos pulado sobre ele, saberemos o que há do outro lado.

Algum tempo depois a escada ficou pronta. Parecia grosseira, mas o Lenhador de Lata estava certo de que era forte e serviria muito bem. O Espantalho acordou Dorothy, o Leão e Totó, avisando que a escada estava pronta. Ele subiu primeiro, mas era tão desajeitado que Dorothy teve de segui-lo de perto para evitar que despencasse. Quando conseguiu olhar por cima do muro, exclamou:

— Mas que coisa!

— Não pare! — exclamou Dorothy.

Ele escalou um pouco mais e sentou-se no topo do muro. Dorothy, colocou sua cabeça sobre a borda e gritou:

— Mas que coisa! — exatamente como o Espantalho havia feito.



Depois foi a vez de Totó, que imediatamente começou a latir. Dorothy o segurou com ainda mais força.

O Leão subiu os degraus em seguida, deixando o Lenhador de Lata por último. Os dois também exclamaram “Mas que coisa!” assim que olharam por sobre o muro. Quando todos estavam sentados em fila no topo, olharam para baixo e viram algo muito estranho.

Diante deles se espalhava uma grande extensão de chão tão liso, brilhante e branco como o fundo de uma grande travessa. Aqui e ali haviam casas inteiras feitas de porcelana pintadas em cores brilhantes. As casas eram bem pequenas. A maior delas não passava da altura da cintura de Dorothy. Havia também pequenos celeiros com cercas de porcelana e grupos de vacas, ovelhas, cavalos, porcos e galinhas, todos feitos de porcelana.

O mais estranho de tudo, porém, eram as pessoas que viviam nessa região. Eram ordenhadoras e pastoras com corpetes brilhantes coloridos pontilhados de dourado; princesas com os mais lindos trajes em prata, ouro e púrpura; pastores vestindo calções listrados de rosa, amarelo e azul, com sapatos de fivelas azuis; príncipes com coroas cravejadas de joias, trajando mantos de arminho e gibões de seda; e palhaços com togas plissadas e círculos vermelhos nas bochechas com chapéus compridos e pontudos. Mais estranho ainda é que todas essas pessoas e roupas eram feitas de porcelana. Elas eram tão pequenas que mesmo a mais alta delas não chegava aos joelhos de Dorothy.

Ninguém se importou muito com os viajantes, a não ser por um cachorrinho de porcelana roxa com uma cabeça

desproporcionalmente grande que ficou latindo ao pé do muro com sua voz fininha.

— Como vamos descer? — perguntou Dorothy.

Descobriram que a escada era tão pesada que seria impossível puxá-la para cima. O Espantalho teve a ideia de se jogar lá embaixo para que os outros pulassem em cima dele e não se machucassem ao cair naquele chão duro. É claro que evitaram pousar em sua cabeça para não se espetarem com os pregos. Quando todos já estavam em segurança, levantaram o corpo todo amassado do Espantalho e afofaram sua palha até que ele ficasse em forma.

— Precisamos cruzar este lugar estranho para chegar até o outro lado — disse Dorothy. — Não seria inteligente da nossa parte seguir por qualquer outro caminho que não seja para o Sul.

Começaram a caminhar pela terra das pessoas de porcelana e a primeira coisa que viram foi uma ordenhadora tirando leite de uma vaca de porcelana. Assim que se aproximaram, a vaca subitamente deu um coice e derrubou o banquinho, o balde e a própria ordenhadora. Tudo aquilo caiu no chão de porcelana com um grande estardalhaço.

Dorothy ficou chocada ao ver que a vaca tinha quebrado a perna e que o balde se estilhaçou todo em pedaços. A pobre ordenhadora agora tinha uma trinca no cotovelo esquerdo.

— Veja isso! — gritou a ordenhadora, irritada. — Veja o que fizeram! Minha vaca quebrou a perna. Agora preciso ir até a oficina de reparos e colar de novo. Vocês acham que podem chegar aqui assim, assustando a minha vaca?

— Mil desculpas — respondeu Dorothy. — Por favor, nos perdoe.

Mas a bela ordenhadora estava aborrecida demais para dar qualquer resposta. De cara fechada, recolheu a perna e levou a vaca manca com três pernas embora. Ao se afastar, a ordenhadora lançou olhares de censura por sobre seu ombro, mantendo o cotovelo rachado próximo do corpo.

Dorothy ficou desconsolada com o acidente.

— Precisamos tomar o máximo de cuidado aqui — disse o Lenhador de bom coração. — Não queremos machucar essas lindas pessoinhas.

Pouco depois, Dorothy encontrou uma jovem princesa vestida primorosamente. Ela estancou por um momento ao ver os estrangeiros e depois se pôs a fugir.

Dorothy queria ver a princesa mais de perto. Correu atrás dela, mas a garota de porcelana gritou:

— Não me persiga! Não me persiga!

Sua vozinha estava tão apavorada que Dorothy parou e disse:

— Por que não?

— Porque — respondeu a princesa, parando a uma distância segura — se eu correr, posso cair e me quebrar.

— Você não pode ser consertada? — perguntou a garota.

— Posso. Mas depois de remendadas as coisas não são mais tão bonitas — respondeu a princesa.

— Acho que você tem razão — disse Dorothy.

— Um de nossos palhaços, o sr. Curinga — continuou a dama de porcelana —, sempre tenta ficar de cabeça para baixo. Já se quebrou tanto que foi remendado mais de cem vezes e agora não tem mais um pingo de beleza. Ali vem ele. Veja se não concorda comigo.

De fato, um palhacinho engraçado vinha andando na direção delas. Dorothy viu que, por baixo de sua linda roupa vermelha, amarela e verde, ele era todo coberto de rachaduras e remendos.

O Palhaço colocou suas mãos nos bolsos e, depois de encher as bochechas para bufar e balançar a cabeça de um jeito impertinente, disse:

*— Minha linda donzela, Por que você encara O pobre sr. Palhaço? Parece até que a bela Engoliu uma vara Com uma ponta de aço!*

— Silêncio, senhor! — disse a princesa. — Não vê que são estrangeiros e merecem ser tratados com respeito?

— Bem, isso é respeito, eu suspeito — declarou o palhaço que, imediatamente, ficou de cabeça para baixo.

— Não ligue para o sr. Curinga — disse a princesa para Dorothy. — Já quebrou tantas vezes a cabeça que ficou desmiolado.

— Não tem problema não — disse Dorothy. — Mas você é tão linda que eu adoraria levar você comigo. Gostaria de ir comigo para o Kansas? Eu colocaria você no armário da cozinha da Tia Em. Posso levar você na minha cesta.

— Eu ficaria muito triste — respondeu a princesa de porcelana. — Veja como vivemos contentes. Aqui, podemos falar e nos movimentar à vontade. Se somos levados daqui, nossas

articulações se endurecem e viramos pequenas e lindas estatuetas. É claro que isso é tudo o que se espera de nós quando estamos em uma estante ou sobre a mesa da sala, mas nossa vida é muito mais agradável aqui na nossa terra.

— Não quero deixar você infeliz de jeito nenhum! — exclamou Dorothy. — Melhor só dizer adeus, então.

— Adeus — respondeu a princesa.

Passaram cuidadosamente pela terra de porcelana, com os bichinhos e as pessoinhas se afastando de seu caminho, temendo serem quebrados pelos estrangeiros. Depois de cerca de uma hora naquele lugar, alcançaram outro muro de porcelana, não era tão alto como o primeiro. Conseguiram passar por cima dele subindo nas costas do Leão. Depois, o Leão flexionou suas patas e saltou sobre o muro. Infelizmente, assim que pulou, derrubou uma igreja de porcelana com seu rabo e a espatifou.

— Que pena — disse Dorothy. — Mas, no final, acho que demos muita sorte em apenas ter quebrado a perna de uma vaca e uma igreja. São todos tão frágeis!

— É mesmo — disse o Espantalho. — Ainda bem que sou feito de palha, assim não me machuco facilmente. Há coisas piores no mundo do que ser um Espantalho.

# O LEÃO SE TORNA O REI DOS ANIMAIS

**A**pós descerem do muro de porcelana, os viajantes se viram em uma região nada agradável, repleta de brejos, pântanos e coberta por um capim alto e denso. Era difícil andar sem afundar os pés, pois o mato espesso encobria poças de lama. No entanto, ao escolher cuidadosamente cada passo do caminho, continuaram sem grandes problemas até a terra firme. A partir desse ponto o terreno parecia ainda mais selvagem. Depois de outra caminhada longa e cansativa pela vegetação rasteira, adentraram uma nova floresta com árvores maiores e mais antigas do que qualquer outra que já tinham visto.

— Esta floresta é absolutamente deliciosa — declarou o Leão, olhando em volta com alegria. — Nunca vi um lugar tão lindo.

— Parece sombrio — disse o Espantalho.

— Nem um pouco — respondeu o Leão. — Eu viveria aqui pelo resto da vida. Veja como são macias as folhas secas sob os nossos pés e como o musgo que reveste estas velhas árvores é abundante e verde. Certamente não há lugar mais agradável para uma fera viver.

— Aposto que animais selvagens estão nos observando neste instante — disse Dorothy.

— Talvez sim — respondeu o Leão —, mas não vejo nenhum.

Caminharam pela floresta até que ficou escuro demais para seguir em frente. Dorothy, Totó e o Leão se deitaram para dormir. O Lenhador e o Espantalho ficaram de guarda, como de costume.

Quando a manhã despontou, seguiram viagem. Pouco tempo depois, ouviram um rosnado grave, parecido com o ronco de um animal selvagem. Totó choramingou, mas nenhum dos outros ficou assustado. Seguiram por uma trilha bem marcada até chegarem a uma clareira na floresta onde encontraram centenas de animais de todos os tipos. Havia tigres, elefantes, ursos, lobos, raposas e todas as outras criaturas do reino animal. Por um momento, Dorothy ficou com medo. Mas o Leão explicou que os bichos estavam fazendo uma reunião. Pelos rosnados, deduziu que estavam com algum grande problema.

Enquanto discutiam, vários dos animais perceberam a presença do grupo. Imediatamente, a grande assembleia se calou, como por mágica. O maior dos tigres foi até o Leão e se curvou, dizendo:

— Bem-vindo, ó Rei dos Animais! Chegou em boa hora para enfrentar nosso inimigo e trazer a paz de volta aos animais desta floresta.

— Qual é o problema? — perguntou o Leão, calmamente.

— Estamos em perigo — respondeu o tigre. — Um inimigo cruel chegou recentemente à floresta. Trata-se de um monstro dos mais tremendos, como uma grande aranha. Tem um corpo enorme como o de um elefante e pernas compridas como troncos de árvore. São oito pernas imensas. Quando ele se

esgueira pela floresta, ergue um animal com uma das patas e o leva até a boca. Ele come o bicho como uma aranha come uma mosca. Nenhum de nós está a salvo enquanto essa criatura viver. Convocamos uma reunião para decidir como tratar desse assunto e agora você se juntou a nós.

O Leão pensou por um instante.

— Existe outro leão nesta floresta? — ele perguntou.

— Não. O monstro já comeu todos os que viviam aqui. Além disso, nenhum era tão grande e corajoso como você, nem de longe.

— Se eu der um fim ao seu inimigo, vocês me saudarão como o Rei da Floresta e me obedecerão? — quis saber o Leão.

— Sim, com prazer — respondeu o tigre.

Todos os outros animais se juntaram em um poderoso rugido coletivo:

— Sim!

— Onde está essa grande aranha? — perguntou o Leão.

— Lá, entre os carvalhos — disse o tigre, apontando com a pata dianteira.

— Tomem conta dos meus amigos — disse o Leão. — Irei imediatamente enfrentar o monstro.

Ele se despediu e marchou orgulhoso para lutar contra o inimigo.

A grande aranha dormia quando o Leão a encontrou. Era tão feia que o corajoso adversário torceu o focinho, enojado. Suas pernas eram compridas como o tigre havia descrito e seu corpo



era coberto por pelos negros e grosseiros. Sua boca era enorme, com uma fileira de dentes afiados de quase meio metro. A cabeça era ligada ao corpo arredondado por um pescoço fino como a cintura de uma vespa. Aquilo deu ao Leão uma ideia de como atacar a criatura. Sabendo que seria melhor pegá-la de surpresa, ainda dormindo, deu um grande salto e pousou exatamente nas costas do monstro. Com um golpe potente de sua pata e as garras afiadas à mostra, golpeou a cabeça da aranha contra o próprio corpo dela. Saltou de volta para o chão e esperou até que as longas pernas parassem de se agitar: era o sinal de que estava morta.

O Leão retornou à clareira onde os animais da floresta esperavam por ele, e declarou, orgulhoso:

— Não há mais motivos para temer seu inimigo.

Assim, os animais se curvaram diante do Leão como seus súditos. Ele prometeu retornar para governá-los assim que Dorothy estivesse a caminho do Kansas.

# A TERRA DOS FRAQINS

**O**s quatro atravessaram o resto da floresta sem problemas. Ao saírem das trevas, viram logo adiante uma colina íngreme coberta do topo ao chão por grandes rochas pontiagudas.

— Será uma escalada difícil — disse o Espantalho —, mas temos que superar essa colina de qualquer jeito.

Ele se adiantou e foi seguido pelos outros. Já haviam quase alcançado a primeira rocha quando ouviram uma voz rouca gritar:

— Caiam fora!

— Quem é? — perguntou o Espantalho.

Uma cabeça apareceu por trás da rocha e a mesma voz disse:

— A colina nos pertence e não permitimos que ninguém passe por ela.

— Mas nós precisamos — disse o Espantalho. — Estamos a caminho da terra dos fraqins.

— Não vão não! — retrucou a voz.

De trás da pedra saiu o homem mais estranho que os viajantes jamais viram. Ele era muito baixo, corpulento, e tinha uma grande cabeça achatada no topo, sustentada por um pescoço grosso cheio de dobras. Quando o Espantalho percebeu que a criatura não tinha braços, perdeu o medo, pois achou impossível

que uma criatura tão inofensiva pudesse impedi-los de escalar a colina.

— Desculpe não atender ao seu pedido, mas precisamos passar pela sua colina quer você goste ou não — decidido, seguiu em frente.

Rápida como um raio, a cabeça do homem se projetou para frente. Seu pescoço se esticou até que o topo chato atingisse em cheio o Espantalho, que desceu quicando colina abaixo. Quase tão rápido como se lançou, a cabeça se retraiu para o corpo do homem, que gargalhava cruelmente:

— Não será tão fácil como você pensa!

Um violento coro de risadas veio das rochas e Dorothy viu que haviam centenas de cabeças-de-martelo sem braços ao longo da colina, um atrás de cada pedra.

O Leão ficou muito irritado com as risadas pela desgraça do Espantalho. Rugiu como um trovão e disparou colina acima.

Uma outra cabeça disparou rapidamente e o grande Leão desceu rolando pela colina como se tivesse sido atingido por uma bala de canhão.

Dorothy correu para levantar o Espantalho. O Leão foi até eles, todo dolorido e machucado, e disse:

— É inútil lutar contra pessoas que atiram suas próprias cabeças. Ninguém pode contra eles.

— O que faremos, então? — ela perguntou.

— Chame os Macacos Alados — sugeriu o Lenhador de Lata.

— Você ainda tem direito de convocá-los mais uma vez.

— Muito bem — ela respondeu.

Ao colocar a boina dourada, Dorothy pronunciou as palavras mágicas. Os Macacos vieram de imediato como de costume e, em poucos instantes, o bando todo se posicionou à sua frente.

— Quais são suas ordens? — perguntou o Rei dos Macacos fazendo uma reverência.

— Leve-nos por cima da colina até a terra dos fraqins — respondeu a garota.

— Isso pode ser feito — disse o Rei.

Imediatamente os Macacos Alados pegaram os quatro amigos e Totó em seus braços e alçaram voo. Ao passarem por sobre a colina, os cabeças-de-martelo berravam contrariados, lançando suas cabeças para o alto, sem alcançar os Macacos Alados. Dorothy e seus camaradas foram deixados em segurança no sopé do outro lado da colina, na bela terra dos fraqins.

— Esta foi a última vez que você nos convocou — disse o Rei para Dorothy. — Adeus e boa sorte.

— Adeus e muito obrigada — respondeu a garota.

Os Macacos bateram suas asas e, em um piscar de olhos, já estavam fora de vista.

A terra dos fraqins parecia fértil e feliz. Havia campos e mais campos de grãos prontos para serem colhidos e estradas bem pavimentadas separando cada um deles. Lindos ribeirões com corredeiras agitadas eram cruzados por sólidas pontes. Todas as cercas, casas e pontes eram pintadas de vermelho vivo, como eram as amarelas na terra dos mansins e azuis na terra dos miudins. Os próprios fraqins, que eram baixos, gorduchos e

pareciam bonachões, se vestiam de vermelho e se destacavam contra a grama verde e os grãos maduros.

Os Macacos deixaram os viajantes perto de uma fazenda. Os quatro foram até lá bater na porta. A mulher do fazendeiro os atendeu e Dorothy pediu algo para comer. A mulher preparou uma ótima refeição para todos, com três tipos de bolo e quatro de biscoitos, além de uma tigela de leite para Totó.

— O castelo de Glinda está muito longe? — perguntou a criança.

— Não muito — respondeu a mulher do fazendeiro. — Siga pela estrada rumo ao Sul e logo chegará.

Agradeceram à boa mulher e partiram. Renovados, passaram pelos campos e por sobre lindas pontes até que viram diante deles um belíssimo castelo. Em frente aos portões estavam três jovens garotas vestidas com belos uniformes vermelhos adornados com tranças douradas. Dorothy chegou mais perto. Uma delas se antecipou e disse:

— Por que vieram para a Terra do Sul?

— Para ver a Bruxa Boa que rege este reino — Dorothy respondeu. — Vocês me levam até ela?

— Digam-me seus nomes e perguntarei se Glinda irá recebê-los.

Depois de se apresentarem, a garota-soldado entrou no castelo. Alguns momentos depois, voltou e disse que Dorothy e seus amigos deveriam entrar imediatamente.

# GLINDA CONCEDE O DESEJO DE DOROTHY

**A**ntes de serem recebidos por Glinda, foram encaminhados até uma das salas do castelo. Ali Dorothy lavou o rosto e penteou seus cabelos. O Leão sacudiu a poeira de sua juba, o Espantalho se afofou para ficar em sua melhor forma e o Lenhador poliu sua lataria e lubrificou as juntas.

Quando estavam mais apresentáveis, seguiram a garota-soldado até uma grande sala onde a Bruxa Glinda estava sentada em seu trono de rubis.

Ela era linda e jovem. Seu cabelo era de um vermelho intenso, com cachos flutuantes que caíam sobre seus ombros. O vestido era do mais puro branco e seus olhos azuis miravam docemente a garotinha.

— O que posso fazer por você, minha criança? — ela perguntou.

Dorothy contou toda a história para a Bruxa: desde como o ciclone a tinha trazido para a Terra de Oz, passando pelo encontro com seus companheiros e, por fim, todas as aventuras maravilhosas que viveram juntos.

— Meu grande desejo agora — ela concluiu — é voltar para o Kansas, pois Tia Em certamente deve estar pensando que algo terrível aconteceu comigo. Se ela decidir usar roupas de luto por minha causa, a colheita deste ano precisará ser melhor do que a

do ano passado. Se não for, Tio Henry não terá como comprar um vestido preto para ela.

Glinda inclinou-se para frente e beijou o rosto meigo da adorável garotinha:

— Abençoado seja seu lindo coração. Tenho certeza de que há um jeito de levar você de volta ao Kansas — e completou: — Mas, se eu fizer isso, você deverá me dar a boina dourada.

— Com prazer! — exclamou Dorothy. — Além do mais, ela não tem mais serventia para mim. Quando ela for sua, você poderá convocar os Macacos Alados três vezes.

— Acho mesmo que precisarei do serviço deles justamente três vezes — respondeu Glinda, sorrindo.

Dorothy deu a ela a boina dourada e a Bruxa se dirigiu ao Espantalho:

— O que você fará quando Dorothy for embora?

— Eu voltarei para a Cidade Esmeralda — ele respondeu. — Oz me fez seu governador e o povo gosta de mim. A única coisa que me preocupa é como passar pela colina dos cabeças-de-martelo na volta.

— Usarei a boina dourada para que os Macacos Alados levem você até os portões da Cidade Esmeralda — disse Glinda. — Não posso privar o povo de um governante tão magnífico.

— Você me acha mesmo magnífico? — perguntou o Espantalho.

— Você é fora do comum — respondeu Glinda.

Voltando-se para o Lenhador de Lata, ela perguntou:

— O que você fará depois que Dorothy deixar esta terra?

Ele se apoiou em seu machado por um momento antes de responder:

— Os mansins foram muito gentis comigo e queriam que eu os governasse depois que a Bruxa Malvada morreu. Gostei muito deles. Se eu pudesse voltar para a Terra do Oeste, não pensaria em nada melhor do que governá-los para sempre.

— Será minha segunda ordem para os Macacos Alados — disse Glinda. — Que levem você em segurança para a terra dos mansins. Seu cérebro pode não ser tão grande como o do Espantalho, mas quando você está polido, parece muito mais brilhante do que ele. Tenho certeza de que governará os mansins com sabedoria e bondade.

Depois, a Bruxa se voltou para o grande e peludo Leão:

— Quando Dorothy voltar para casa, o que você fará?

— Além da colina dos cabeças-de-martelo — ele respondeu — há uma grande floresta. Os animais que vivem ali me elegeram seu rei. Se eu pudesse voltar, ficaria muito feliz em passar o resto da minha vida ali.

— Minha terceira ordem para os Macacos Alados — disse Glinda — será levá-lo até essa floresta. Depois de usar os poderes da boina dourada, eu a darei de presente ao Rei dos Macacos, para que ele e seu povo sejam, finalmente, livres outra vez.

O Espantalho, o Lenhador de Lata e o Leão agradeceram à Bruxa Boa com sinceridade por sua gentileza. Dorothy exclamou:



— Está claro que você é tão boa quanto é linda! Mas ainda não me disse como é que eu vou voltar para o Kansas.

— Seus sapatos prateados irão levá-la sobre o deserto — respondeu Glinda. — Se você soubesse que eles têm esse poder, poderia ter voltado para sua Tia Em já logo no primeiro dia em que chegou nesta terra.

— Mas se fosse assim eu não teria os meus magníficos miolos! — assustou-se o Espantalho. — Talvez eu tivesse passado minha vida inteira no milharal do fazendeiro!

— Eu não teria meu amado coração — disse o Lenhador de Lata. — Eu poderia ter ficado parado e enferrujado na floresta até o mundo acabar!

— Eu teria vivido como um covarde para sempre — declarou o Leão. — Nenhum animal da floresta me respeitaria!

— Tudo isso é verdade — disse Dorothy. — Estou contente por ter ajudado meus bons amigos. Agora que cada um deles tem o que mais desejava e estão felizes por terem um reino para governar, posso voltar para o Kansas.

— Os sapatos prateados têm poderes maravilhosos — disse a Bruxa Boa. — Uma das coisas mais curiosas sobre eles é que podem levar você para qualquer lugar do mundo em três passadas. Cada passo é dado com um piscar de olhos. Tudo o que você precisa fazer é bater os saltos três vezes e dizer aos sapatos aonde quer ir.

— Se é só isso — disse a criança, alegremente —, pedirei que me levem de volta ao Kansas imediatamente.

Ela passou seus braços em volta do pescoço do Leão e o beijou, alisando sua juba com ternura. Depois, beijou o Lenhador de Lata, que estava chorando de um jeito muito arriscado para suas juntas. Em vez de beijar a cara pintada do Espantalho, abraçou seu corpo macio e empalhado. Foi quando percebeu que ela mesma estava chorando ao se despedir de seus queridos amigos.

A boa Glinda desceu de seu trono de rubi para dar um beijo na garotinha. Dorothy agradeceu a extrema bondade que demonstrou com todos eles e, pegando Totó solenemente em seus braços, disse seu último adeus. Bateu os saltos dos sapatos um no outro três vezes, dizendo:

— Levem-me de volta para casa da Tia Em!

Instantaneamente, ela rodopiou no ar tão rápido que tudo o que via e sentia era o vento assobiando em seus ouvidos.

Os sapatos prateados deram apenas três passos e, então ela parou tão repentinamente que rolou pelo capim às cambalhotas antes de entender onde estava. Algum tempo depois, no entanto, ela sentou-se e olhou em volta:

— Minha nossa! — exclamou.

Estava na imensa pradaria do Kansas. Bem diante dela podia ver a nova casa que Tio Henry construiu na fazenda depois que o ciclone levou a antiga. Tio Henry ordenhava uma das vacas no celeiro e Totó pulou dos braços dela, latindo furiosamente.

Dorothy se levantou e percebeu que estava descalça. Os sapatos prateados haviam caído durante o voo e estavam perdidos para sempre no deserto.

# DE VOLTA AO LAR

**T**ia Em acabava de sair da casa para regar os repolhos quando ergueu o olhar e viu Dorothy correndo em sua direção:

— Minha criança amada! — ela gritou, abraçando a garotinha com força e cobrindo seu rosto de beijos. — De onde foi que você veio, minha menina?

— Da Terra de Oz — disse Dorothy, muito séria. — E Totó voltou comigo. Nossa, Tia Em! Que felicidade estar de volta!



*Lyman Frank Baum* nasceu em Chittenango, nos Estados Unidos, em 15 de maio de 1856. Sétimo filho de nove irmãos, foi enviado aos doze anos de idade a uma rígida escola militar. Saiu de lá dois anos depois ao sofrer um ataque cardíaco de fundo psicogênico, talvez causado pela repressão a seus devaneios criativos. Publicou seu primeiro livro aos trinta, sobre a criação de galinhas especiais que tinha em sua propriedade. Em 1900 lançou *O Magnífico Mágico de Oz*, que se manteve por dois anos no topo da lista dos mais vendidos. Publicou ainda outras treze histórias sobre esse mundo. Morreu em Hollywood, Califórnia, em 6 de maio de 1919.

THE WONDERFUL WIZARD  
OF



L. Frank Baum

# INTRODUCTION

Folklore, legends, myths and fairy tales have followed childhood through the ages, for every healthy youngster has a wholesome and instinctive love for stories fantastic, marvelous and manifestly unreal. The winged fairies of Grimm and Andersen have brought more happiness to childish hearts than all other human creations.

Yet the old time fairy tale, having served for generations, may now be classed as "historical" in the children's library; for the time has come for a series of newer "wonder tales" in which the stereotyped genie, dwarf and fairy are eliminated, together with all the horrible and blood-curdling incidents devised by their authors to point a fearsome moral to each tale. Modern education includes morality; therefore the modern child seeks only entertainment in its wonder tales and gladly dispenses with all disagreeable incident.

Having this thought in mind, the story of "The Wonderful Wizard of Oz" was written solely to please children of today. It aspires to being a modernized fairy tale, in which the wonderment and joy are retained and the heartaches and nightmares are left out.

# THE CYCLONE

Dorothy lived in the midst of the great Kansas prairies, with Uncle Henry, who was a farmer, and Aunt Em, who was the farmer's wife. Their house was small, for the lumber to build it had to be carried by wagon many miles. There were four walls, a floor and a roof, which made one room; and this room contained a rusty looking cookstove, a cupboard for the dishes, a table, three or four chairs, and the beds. Uncle Henry and Aunt Em had a big bed in one corner, and Dorothy a little bed in another corner. There was no garret at all, and no cellar--except a small hole dug in the ground, called a cyclone cellar, where the family could go in case one of those great whirlwinds arose, mighty enough to crush any building in its path. It was reached by a trap door in the middle of the floor, from which a ladder led down into the small, dark hole.

When Dorothy stood in the doorway and looked around, she could see nothing but the great gray prairie on every side. Not a tree nor a house broke the broad sweep of flat country that reached to the edge of the sky in all directions. The sun had baked the plowed land into a gray mass, with little cracks running through it. Even the grass was not green, for the sun had burned the tops of the long blades until they were the same gray color to be seen everywhere. Once the house had been painted, but the sun blistered the paint and the rains washed it away, and now the house was as dull and gray as everything else.

When Aunt Em came there to live she was a young, pretty wife. The sun and wind had changed her, too. They had taken the sparkle from her eyes and left them a sober gray; they had taken the red from her cheeks and lips, and they were gray also. She was thin and gaunt, and never smiled now. When Dorothy, who was an orphan, first came to her, Aunt Em had been so startled by the child's laughter that she would scream and press her hand upon her heart whenever Dorothy's merry voice reached her ears; and she still looked at the little girl with wonder that she could find anything to laugh at.

Uncle Henry never laughed. He worked hard from morning till night and did not know what joy was. He was gray also, from his long beard to his rough boots, and he looked stern and solemn, and rarely spoke.

It was Toto that made Dorothy laugh, and saved her from growing as gray as her other surroundings. Toto was not gray; he was a little black dog, with long silky hair and small black eyes that twinkled merrily on either side of his funny, wee nose. Toto played all day long, and Dorothy played with him, and loved him dearly.

Today, however, they were not playing. Uncle Henry sat upon the doorstep and looked anxiously at the sky, which was even grayer than usual. Dorothy stood in the door with Toto in her arms, and looked at the sky too. Aunt Em was washing the dishes.

From the far north they heard a low wail of the wind, and Uncle Henry and Dorothy could see where the long grass bowed in waves before the coming storm. There now came a sharp



whistling in the air from the south, and as they turned their eyes that way they saw ripples in the grass coming from that direction also.

Suddenly Uncle Henry stood up.

"There's a cyclone coming, Em," he called to his wife. "I'll go look after the stock." Then he ran toward the sheds where the cows and horses were kept.

Aunt Em dropped her work and came to the door. One glance told her of the danger close at hand.

"Quick, Dorothy!" she screamed. "Run for the cellar!"

Toto jumped out of Dorothy's arms and hid under the bed, and the girl started to get him. Aunt Em, badly frightened, threw open the trap door in the floor and climbed down the ladder into the small, dark hole. Dorothy caught Toto at last and started to follow her aunt. When she was halfway across the room there came a great shriek from the wind, and the house shook so hard that she lost her footing and sat down suddenly upon the floor.

Then a strange thing happened.

The house whirled around two or three times and rose slowly through the air. Dorothy felt as if she were going up in a balloon.

The north and south winds met where the house stood, and made it the exact center of the cyclone. In the middle of a cyclone the air is generally still, but the great pressure of the wind on every side of the house raised it up higher and higher, until it was at the very top of the cyclone; and there it remained and was carried miles and miles away as easily as you could carry a feather.

It was very dark, and the wind howled horribly around her, but Dorothy found she was riding quite easily. After the first few whirls around, and one other time when the house tipped badly, she felt as if she were being rocked gently, like a baby in a cradle.

Toto did not like it. He ran about the room, now here, now there, barking loudly; but Dorothy sat quite still on the floor and waited to see what would happen.

Once Toto got too near the open trap door, and fell in; and at first the little girl thought she had lost him. But soon she saw one of his ears sticking up through the hole, for the strong pressure of the air was keeping him up so that he could not fall. She crept to the hole, caught Toto by the ear, and dragged him into the room again, afterward closing the trap door so that no more accidents could happen.

Hour after hour passed away, and slowly Dorothy got over her fright; but she felt quite lonely, and the wind shrieked so loudly all about her that she nearly became deaf. At first she had wondered if she would be dashed to pieces when the house fell again; but as the hours passed and nothing terrible happened, she stopped worrying and resolved to wait calmly and see what the future would bring. At last she crawled over the swaying floor to her bed, and lay down upon it; and Toto followed and lay down beside her.

In spite of the swaying of the house and the wailing of the wind, Dorothy soon closed her eyes and fell fast asleep.

# THE COUNCIL WITH THE MUNCHKINS

She was awakened by a shock, so sudden and severe that if Dorothy had not been lying on the soft bed she might have been hurt. As it was, the jar made her catch her breath and wonder what had happened; and Toto put his cold little nose into her face and whined dismally. Dorothy sat up and noticed that the house was not moving; nor was it dark, for the bright sunshine came in at the window, flooding the little room. She sprang from her bed and with Toto at her heels ran and opened the door.

The little girl gave a cry of amazement and looked about her, her eyes growing bigger and bigger at the wonderful sights she saw.

The cyclone had set the house down very gently--for a cyclone--in the midst of a country of marvelous beauty. There were lovely patches of greensward all about, with stately trees bearing rich and luscious fruits. Banks of gorgeous flowers were on every hand, and birds with rare and brilliant plumage sang and fluttered in the trees and bushes. A little way off was a small brook, rushing and sparkling along between green banks, and murmuring in a voice very grateful to a little girl who had lived so long on the dry, gray prairies.

While she stood looking eagerly at the strange and beautiful sights, she noticed coming toward her a group of the queerest

people she had ever seen. They were not as big as the grown folk she had always been used to; but neither were they very small. In fact, they seemed about as tall as Dorothy, who was a well-grown child for her age, although they were, so far as looks go, many years older.

Three were men and one a woman, and all were oddly dressed. They wore round hats that rose to a small point a foot above their heads, with little bells around the brims that tinkled sweetly as they moved. The hats of the men were blue; the little woman's hat was white, and she wore a white gown that hung in pleats from her shoulders. Over it were sprinkled little stars that glistened in the sun like diamonds. The men were dressed in blue, of the same shade as their hats, and wore well-polished boots with a deep roll of blue at the tops. The men, Dorothy thought, were about as old as Uncle Henry, for two of them had beards. But the little woman was doubtless much older. Her face was covered with wrinkles, her hair was nearly white, and she walked rather stiffly.

When these people drew near the house where Dorothy was standing in the doorway, they paused and whispered among themselves, as if afraid to come farther. But the little old woman walked up to Dorothy, made a low bow and said, in a sweet voice:

"You are welcome, most noble Sorceress, to the land of the Munchkins. We are so grateful to you for having killed the Wicked Witch of the East, and for setting our people free from bondage."

Dorothy listened to this speech with wonder. What could the little woman possibly mean by calling her a sorceress, and saying she had killed the Wicked Witch of the East? Dorothy was an innocent, harmless little girl, who had been carried by a cyclone many miles from home; and she had never killed anything in all her life.

But the little woman evidently expected her to answer; so Dorothy said, with hesitation, "You are very kind, but there must be some mistake. I have not killed anything."

"Your house did, anyway," replied the little old woman, with a laugh, "and that is the same thing. See!" she continued, pointing to the corner of the house. "There are her two feet, still sticking out from under a block of wood."

Dorothy looked, and gave a little cry of fright. There, indeed, just under the corner of the great beam the house rested on, two feet were sticking out, shod in silver shoes with pointed toes.

"Oh, dear! Oh, dear!" cried Dorothy, clasping her hands together in dismay. "The house must have fallen on her. Whatever shall we do?"

"There is nothing to be done," said the little woman calmly.

"But who was she?" asked Dorothy.

"She was the Wicked Witch of the East, as I said," answered the little woman. "She has held all the Munchkins in bondage for many years, making them slave for her night and day. Now they are all set free, and are grateful to you for the favor."

"Who are the Munchkins?" inquired Dorothy.

"They are the people who live in this land of the East where the Wicked Witch ruled."

"Are you a Munchkin?" asked Dorothy.

"No, but I am their friend, although I live in the land of the North. When they saw the Witch of the East was dead the Munchkins sent a swift messenger to me, and I came at once. I am the Witch of the North."

"Oh, gracious!" cried Dorothy. "Are you a real witch?"

"Yes, indeed," answered the little woman. "But I am a good witch, and the people love me. I am not as powerful as the Wicked Witch was who ruled here, or I should have set the people free myself."

"But I thought all witches were wicked," said the girl, who was half frightened at facing a real witch. "Oh, no, that is a great mistake. There were only four witches in all the Land of Oz, and two of them, those who live in the North and the South, are good witches. I know this is true, for I am one of them myself, and cannot be mistaken. Those who dwelt in the East and the West were, indeed, wicked witches; but now that you have killed one of them, there is but one Wicked Witch in all the Land of Oz-- the one who lives in the West."

"But," said Dorothy, after a moment's thought, "Aunt Em has told me that the witches were all dead--years and years ago."

"Who is Aunt Em?" inquired the little old woman.

"She is my aunt who lives in Kansas, where I came from."

The Witch of the North seemed to think for a time, with her head bowed and her eyes upon the ground. Then she looked up

and said, "I do not know where Kansas is, for I have never heard that country mentioned before. But tell me, is it a civilized country?"

"Oh, yes," replied Dorothy.

"Then that accounts for it. In the civilized countries I believe there are no witches left, nor wizards, nor sorceresses, nor magicians. But, you see, the Land of Oz has never been civilized, for we are cut off from all the rest of the world. Therefore we still have witches and wizards amongst us."

"Who are the wizards?" asked Dorothy.

"Oz himself is the Great Wizard," answered the Witch, sinking her voice to a whisper. "He is more powerful than all the rest of us together. He lives in the City of Emeralds."

Dorothy was going to ask another question, but just then the Munchkins, who had been standing silently by, gave a loud shout and pointed to the corner of the house where the Wicked Witch had been lying.

"What is it?" asked the little old woman, and looked, and began to laugh. The feet of the dead Witch had disappeared entirely, and nothing was left but the silver shoes.

"She was so old," explained the Witch of the North, "that she dried up quickly in the sun. That is the end of her. But the silver shoes are yours, and you shall have them to wear." She reached down and picked up the shoes, and after shaking the dust out of them handed them to Dorothy.

"The Witch of the East was proud of those silver shoes," said one of the Munchkins, "and there is some charm connected with

them; but what it is we never knew."

Dorothy carried the shoes into the house and placed them on the table. Then she came out again to the Munchkins and said:

"I am anxious to get back to my aunt and uncle, for I am sure they will worry about me. Can you help me find my way?"

The Munchkins and the Witch first looked at one another, and then at Dorothy, and then shook their heads.

"At the East, not far from here," said one, "there is a great desert, and none could live to cross it."

"It is the same at the South," said another, "for I have been there and seen it. The South is the country of the Quadlings."

"I am told," said the third man, "that it is the same at the West. And that country, where the Winkies live, is ruled by the Wicked Witch of the West, who would make you her slave if you passed her way."

"The North is my home," said the old lady, "and at its edge is the same great desert that surrounds this Land of Oz. I'm afraid, my dear, you will have to live with us."

Dorothy began to sob at this, for she felt lonely among all these strange people. Her tears seemed to grieve the kind-hearted Munchkins, for they immediately took out their handkerchiefs and began to weep also. As for the little old woman, she took off her cap and balanced the point on the end of her nose, while she counted "One, two, three" in a solemn voice. At once the cap changed to a slate, on which was written in big, white chalk marks:



# "LET DOROTHY GO TO THE CITY OF EMERALDS"

The little old woman took the slate from her nose, and having read the words on it, asked, "Is your name Dorothy, my dear?"

"Yes," answered the child, looking up and drying her tears.

"Then you must go to the City of Emeralds. Perhaps Oz will help you."

"Where is this city?" asked Dorothy.

"It is exactly in the center of the country, and is ruled by Oz, the Great Wizard I told you of."

"Is he a good man?" inquired the girl anxiously.

"He is a good Wizard. Whether he is a man or not I cannot tell, for I have never seen him."

"How can I get there?" asked Dorothy.

"You must walk. It is a long journey, through a country that is sometimes pleasant and sometimes dark and terrible. However, I will use all the magic arts I know of to keep you from harm."

"Won't you go with me?" pleaded the girl, who had begun to look upon the little old woman as her only friend.

"No, I cannot do that," she replied, "but I will give you my kiss, and no one will dare injure a person who has been kissed by the Witch of the North."

She came close to Dorothy and kissed her gently on the forehead. Where her lips touched the girl they left a round, shining mark, as Dorothy found out soon after.

"The road to the City of Emeralds is paved with yellow brick," said the Witch, "so you cannot miss it. When you get to Oz do not be afraid of him, but tell your story and ask him to help you. Good-bye, my dear."

The three Munchkins bowed low to her and wished her a pleasant journey, after which they walked away through the trees. The Witch gave Dorothy a friendly little nod, whirled around on her left heel three times, and straightway disappeared, much to the surprise of little Toto, who barked after her loudly enough when she had gone, because he had been afraid even to growl while she stood by.

But Dorothy, knowing her to be a witch, had expected her to disappear in just that way, and was not surprised in the least.

# HOW DOROTHY SAVED THE SCARECROW

When Dorothy was left alone she began to feel hungry. So she went to the cupboard and cut herself some bread, which she spread with butter. She gave some to Toto, and taking a pail from the shelf she carried it down to the little brook and filled it with clear, sparkling water. Toto ran over to the trees and began to bark at the birds sitting there. Dorothy went to get him, and saw such delicious fruit hanging from the branches that she gathered some of it, finding it just what she wanted to help out her breakfast.

Then she went back to the house, and having helped herself and Toto to a good drink of the cool, clear water, she set about making ready for the journey to the City of Emeralds.

Dorothy had only one other dress, but that happened to be clean and was hanging on a peg beside her bed. It was gingham, with checks of white and blue; and although the blue was somewhat faded with many washings, it was still a pretty frock. The girl washed herself carefully, dressed herself in the clean gingham, and tied her pink sunbonnet on her head. She took a little basket and filled it with bread from the cupboard, laying a white cloth over the top. Then she looked down at her feet and noticed how old and worn her shoes were.

"They surely will never do for a long journey, Toto," she said. And Toto looked up into her face with his little black eyes and wagged his tail to show he knew what she meant.

At that moment Dorothy saw lying on the table the silver shoes that had belonged to the Witch of the East.

"I wonder if they will fit me," she said to Toto. "They would be just the thing to take a long walk in, for they could not wear out."

She took off her old leather shoes and tried on the silver ones, which fitted her as well as if they had been made for her.

Finally she picked up her basket.

"Come along, Toto," she said. "We will go to the Emerald City and ask the Great Oz how to get back to Kansas again."

She closed the door, locked it, and put the key carefully in the pocket of her dress. And so, with Toto trotting along soberly behind her, she started on her journey.

There were several roads nearby, but it did not take her long to find the one paved with yellow bricks. Within a short time she was walking briskly toward the Emerald City, her silver shoes tinkling merrily on the hard, yellow road-bed. The sun shone bright and the birds sang sweetly, and Dorothy did not feel nearly so bad as you might think a little girl would who had been suddenly whisked away from her own country and set down in the midst of a strange land.

She was surprised, as she walked along, to see how pretty the country was about her. There were neat fences at the sides of the road, painted a dainty blue color, and beyond them were fields of grain and vegetables in abundance. Evidently the Munchkins

were good farmers and able to raise large crops. Once in a while she would pass a house, and the people came out to look at her and bow low as she went by; for everyone knew she had been the means of destroying the Wicked Witch and setting them free from bondage. The houses of the Munchkins were odd-looking dwellings, for each was round, with a big dome for a roof. All were painted blue, for in this country of the East blue was the favorite color.

Toward evening, when Dorothy was tired with her long walk and began to wonder where she should pass the night, she came to a house rather larger than the rest. On the green lawn before it many men and women were dancing. Five little fiddlers played as loudly as possible, and the people were laughing and singing, while a big table near by was loaded with delicious fruits and nuts, pies and cakes, and many other good things to eat.

The people greeted Dorothy kindly, and invited her to supper and to pass the night with them; for this was the home of one of the richest Munchkins in the land, and his friends were gathered with him to celebrate their freedom from the bondage of the Wicked Witch.

Dorothy ate a hearty supper and was waited upon by the rich Munchkin himself, whose name was Boq. Then she sat upon a settee and watched the people dance.

When Boq saw her silver shoes he said, "You must be a great sorceress."

"Why?" asked the girl.

"Because you wear silver shoes and have killed the Wicked Witch. Besides, you have white in your frock, and only witches and sorceresses wear white."

"My dress is blue and white checked," said Dorothy, smoothing out the wrinkles in it.

"It is kind of you to wear that," said Boq. "Blue is the color of the Munchkins, and white is the witch color. So we know you are a friendly witch."

Dorothy did not know what to say to this, for all the people seemed to think her a witch, and she knew very well she was only an ordinary little girl who had come by the chance of a cyclone into a strange land.

When she had tired watching the dancing, Boq led her into the house, where he gave her a room with a pretty bed in it. The sheets were made of blue cloth, and Dorothy slept soundly in them till morning, with Toto curled up on the blue rug beside her.

She ate a hearty breakfast, and watched a wee Munchkin baby, who played with Toto and pulled his tail and crowed and laughed in a way that greatly amused Dorothy. Toto was a fine curiosity to all the people, for they had never seen a dog before.

"How far is it to the Emerald City?" the girl asked.

"I do not know," answered Boq gravely, "for I have never been there. It is better for people to keep away from Oz, unless they have business with him. But it is a long way to the Emerald City, and it will take you many days. The country here is rich and

pleasant, but you must pass through rough and dangerous places before you reach the end of your journey."

This worried Dorothy a little, but she knew that only the Great Oz could help her get to Kansas again, so she bravely resolved not to turn back.

She bade her friends good-bye, and again started along the road of yellow brick. When she had gone several miles she thought she would stop to rest, and so climbed to the top of the fence beside the road and sat down. There was a great cornfield beyond the fence, and not far away she saw a Scarecrow, placed high on a pole to keep the birds from the ripe corn.

Dorothy leaned her chin upon her hand and gazed thoughtfully at the Scarecrow. Its head was a small sack stuffed with straw, with eyes, nose, and mouth painted on it to represent a face. An old, pointed blue hat, that had belonged to some Munchkin, was perched on his head, and the rest of the figure was a blue suit of clothes, worn and faded, which had also been stuffed with straw. On the feet were some old boots with blue tops, such as every man wore in this country, and the figure was raised above the stalks of corn by means of the pole stuck up its back.

While Dorothy was looking earnestly into the queer, painted face of the Scarecrow, she was surprised to see one of the eyes slowly wink at her. She thought she must have been mistaken at first, for none of the scarecrows in Kansas ever wink; but presently the figure nodded its head to her in a friendly way. Then she climbed down from the fence and walked up to it, while Toto ran around the pole and barked.

"Good day," said the Scarecrow, in a rather husky voice.

"Did you speak?" asked the girl, in wonder.

"Certainly," answered the Scarecrow. "How do you do?"

"I'm pretty well, thank you," replied Dorothy politely. "How do you do?"

"I'm not feeling well," said the Scarecrow, with a smile, "for it is very tedious being perched up here night and day to scare away crows."

"Can't you get down?" asked Dorothy.

"No, for this pole is stuck up my back. If you will please take away the pole I shall be greatly obliged to you."

Dorothy reached up both arms and lifted the figure off the pole, for, being stuffed with straw, it was quite light.

"Thank you very much," said the Scarecrow, when he had been set down on the ground. "I feel like a new man."

Dorothy was puzzled at this, for it sounded queer to hear a stuffed man speak, and to see him bow and walk along beside her.

"Who are you?" asked the Scarecrow when he had stretched himself and yawned. "And where are you going?"

"My name is Dorothy," said the girl, "and I am going to the Emerald City, to ask the Great Oz to send me back to Kansas."

"Where is the Emerald City?" he inquired. "And who is Oz?"

"Why, don't you know?" she returned, in surprise.

"No, indeed. I don't know anything. You see, I am stuffed, so I have no brains at all," he answered sadly.



"Oh," said Dorothy, "I'm awfully sorry for you."

"Do you think," he asked, "if I go to the Emerald City with you, that Oz would give me some brains?"

"I cannot tell," she returned, "but you may come with me, if you like. If Oz will not give you any brains you will be no worse off than you are now."

"That is true," said the Scarecrow. "You see," he continued confidentially, "I don't mind my legs and arms and body being stuffed, because I cannot get hurt. If anyone treads on my toes or sticks a pin into me, it doesn't matter, for I can't feel it. But I do not want people to call me a fool, and if my head stays stuffed with straw instead of with brains, as yours is, how am I ever to know anything?"

"I understand how you feel," said the little girl, who was truly sorry for him. "If you will come with me I'll ask Oz to do all he can for you."

"Thank you," he answered gratefully.

They walked back to the road. Dorothy helped him over the fence, and they started along the path of yellow brick for the Emerald City.

Toto did not like this addition to the party at first. He smelled around the stuffed man as if he suspected there might be a nest of rats in the straw, and he often growled in an unfriendly way at the Scarecrow.

"Don't mind Toto," said Dorothy to her new friend. "He never bites."

"Oh, I'm not afraid," replied the Scarecrow. "He can't hurt the straw. Do let me carry that basket for you. I shall not mind it, for I can't get tired. I'll tell you a secret," he continued, as he walked along. "There is only one thing in the world I am afraid of."

"What is that?" asked Dorothy; "the Munchkin farmer who made you?"

"No," answered the Scarecrow; "it's a lighted match."

# THE ROAD THROUGH THE FOREST

After a few hours the road began to be rough, and the walking grew so difficult that the Scarecrow often stumbled over the yellow bricks, which were here very uneven. Sometimes, indeed, they were broken or missing altogether, leaving holes that Toto jumped across and Dorothy walked around. As for the Scarecrow, having no brains, he walked straight ahead, and so stepped into the holes and fell at full length on the hard bricks. It never hurt him, however, and Dorothy would pick him up and set him upon his feet again, while he joined her in laughing merrily at his own mishap.

The farms were not nearly so well cared for here as they were farther back. There were fewer houses and fewer fruit trees, and the farther they went the more dismal and lonesome the country became.

At noon they sat down by the roadside, near a little brook, and Dorothy opened her basket and got out some bread. She offered a piece to the Scarecrow, but he refused.

"I am never hungry," he said, "and it is a lucky thing I am not, for my mouth is only painted, and if I should cut a hole in it so I could eat, the straw I am stuffed with would come out, and that would spoil the shape of my head."

Dorothy saw at once that this was true, so she only nodded and went on eating her bread.

"Tell me something about yourself and the country you came from," said the Scarecrow, when she had finished her dinner. So she told him all about Kansas, and how gray everything was there, and how the cyclone had carried her to this queer Land of Oz.

The Scarecrow listened carefully, and said, "I cannot understand why you should wish to leave this beautiful country and go back to the dry, gray place you call Kansas."

"That is because you have no brains" answered the girl. "No matter how dreary and gray our homes are, we people of flesh and blood would rather live there than in any other country, be it ever so beautiful. There is no place like home."

The Scarecrow sighed.

"Of course I cannot understand it," he said. "If your heads were stuffed with straw, like mine, you would probably all live in the beautiful places, and then Kansas would have no people at all. It is fortunate for Kansas that you have brains."

"Won't you tell me a story, while we are resting?" asked the child.

The Scarecrow looked at her reproachfully, and answered:

"My life has been so short that I really know nothing whatever. I was only made day before yesterday. What happened in the world before that time is all unknown to me. Luckily, when the farmer made my head, one of the first things he did was to paint my ears, so that I heard what was going on. There was another Munchkin with him, and the first thing I heard was the farmer saying, 'How do you like those ears?'

"They aren't straight," answered the other.

"Never mind," said the farmer. "They are ears just the same," which was true enough.

"Now I'll make the eyes," said the farmer. So he painted my right eye, and as soon as it was finished I found myself looking at him and at everything around me with a great deal of curiosity, for this was my first glimpse of the world.

"That's a rather pretty eye," remarked the Munchkin who was watching the farmer. "Blue paint is just the color for eyes.'

"I think I'll make the other a little bigger," said the farmer. And when the second eye was done I could see much better than before. Then he made my nose and my mouth. But I did not speak, because at that time I didn't know what a mouth was for. I had the fun of watching them make my body and my arms and legs; and when they fastened on my head, at last, I felt very proud, for I thought I was just as good a man as anyone.

"This fellow will scare the crows fast enough,' said the farmer. 'He looks just like a man.'

"Why, he is a man,' said the other, and I quite agreed with him. The farmer carried me under his arm to the cornfield, and set me up on a tall stick, where you found me. He and his friend soon after walked away and left me alone.

"I did not like to be deserted this way. So I tried to walk after them. But my feet would not touch the ground, and I was forced to stay on that pole. It was a lonely life to lead, for I had nothing to think of, having been made such a little while before. Many crows and other birds flew into the cornfield, but as soon as they

saw me they flew away again, thinking I was a Munchkin; and this pleased me and made me feel that I was quite an important person. By and by an old crow flew near me, and after looking at me carefully he perched upon my shoulder and said:

"I wonder if that farmer thought to fool me in this clumsy manner. Any crow of sense could see that you are only stuffed with straw.' Then he hopped down at my feet and ate all the corn he wanted. The other birds, seeing he was not harmed by me, came to eat the corn too, so in a short time there was a great flock of them about me.

"I felt sad at this, for it showed I was not such a good Scarecrow after all; but the old crow comforted me, saying, 'If you only had brains in your head you would be as good a man as any of them, and a better man than some of them. Brains are the only things worth having in this world, no matter whether one is a crow or a man.'

"After the crows had gone I thought this over, and decided I would try hard to get some brains. By good luck you came along and pulled me off the stake, and from what you say I am sure the Great Oz will give me brains as soon as we get to the Emerald City."

"I hope so," said Dorothy earnestly, "since you seem anxious to have them."

"Oh, yes; I am anxious," returned the Scarecrow. "It is such an uncomfortable feeling to know one is a fool."

"Well," said the girl, "let us go." And she handed the basket to the Scarecrow.

There were no fences at all by the roadside now, and the land was rough and untilled. Toward evening they came to a great forest, where the trees grew so big and close together that their branches met over the road of yellow brick. It was almost dark under the trees, for the branches shut out the daylight; but the travelers did not stop, and went on into the forest.

"If this road goes in, it must come out," said the Scarecrow, "and as the Emerald City is at the other end of the road, we must go wherever it leads us."

"Anyone would know that," said Dorothy.

"Certainly; that is why I know it," returned the Scarecrow. "If it required brains to figure it out, I never should have said it."

After an hour or so the light faded away, and they found themselves stumbling along in the darkness. Dorothy could not see at all, but Toto could, for some dogs see very well in the dark; and the Scarecrow declared he could see as well as by day. So she took hold of his arm and managed to get along fairly well.

"If you see any house, or any place where we can pass the night," she said, "you must tell me; for it is very uncomfortable walking in the dark."

Soon after the Scarecrow stopped.

"I see a little cottage at the right of us," he said, "built of logs and branches. Shall we go there?"

"Yes, indeed," answered the child. "I am all tired out."

So the Scarecrow led her through the trees until they reached the cottage, and Dorothy entered and found a bed of dried leaves in one corner. She lay down at once, and with Toto beside her

soon fell into a sound sleep. The Scarecrow, who was never tired, stood up in another corner and waited patiently until morning came.



# THE RESCUE OF THE TIN WOODMAN

When Dorothy awoke the sun was shining through the trees and Toto had long been out chasing birds around him and squirrels. She sat up and looked around her. There was the Scarecrow, still standing patiently in his corner, waiting for her.

"We must go and search for water," she said to him.

"Why do you want water?" he asked.

"To wash my face clean after the dust of the road, and to drink, so the dry bread will not stick in my throat."

"It must be inconvenient to be made of flesh," said the Scarecrow thoughtfully, "for you must sleep, and eat and drink. However, you have brains, and it is worth a lot of bother to be able to think properly."

They left the cottage and walked through the trees until they found a little spring of clear water, where Dorothy drank and bathed and ate her breakfast. She saw there was not much bread left in the basket, and the girl was thankful the Scarecrow did not have to eat anything, for there was scarcely enough for herself and Toto for the day.

When she had finished her meal, and was about to go back to the road of yellow brick, she was startled to hear a deep groan near by.

"What was that?" she asked timidly.

"I cannot imagine," replied the Scarecrow; "but we can go and see."

Just then another groan reached their ears, and the sound seemed to come from behind them. They turned and walked through the forest a few steps, when Dorothy discovered something shining in a ray of sunshine that fell between the trees. She ran to the place and then stopped short, with a little cry of surprise.

One of the big trees had been partly chopped through, and standing beside it, with an uplifted axe in his hands, was a man made entirely of tin. His head and arms and legs were jointed upon his body, but he stood perfectly motionless, as if he could not stir at all.

Dorothy looked at him in amazement, and so did the Scarecrow, while Toto barked sharply and made a snap at the tin legs, which hurt his teeth.

"Did you groan?" asked Dorothy.

"Yes," answered the tin man, "I did. I've been groaning for more than a year, and no one has ever heard me before or come to help me."

"What can I do for you?" she inquired softly, for she was moved by the sad voice in which the man spoke.

"Get an oil-can and oil my joints," he answered. "They are rusted so badly that I cannot move them at all; if I am well oiled I shall soon be all right again. You will find an oil-can on a shelf in my cottage."

Dorothy at once ran back to the cottage and found the oil-can, and then she returned and asked anxiously, "Where are your joints?"

"Oil my neck, first," replied the Tin Woodman. So she oiled it, and as it was quite badly rusted the Scarecrow took hold of the tin head and moved it gently from side to side until it worked freely, and then the man could turn it himself.

"Now oil the joints in my arms," he said. And Dorothy oiled them and the Scarecrow bent them carefully until they were quite free from rust and as good as new.

The Tin Woodman gave a sigh of satisfaction and lowered his axe, which he leaned against the tree.

"This is a great comfort," he said. "I have been holding that axe in the air ever since I rusted, and I'm glad to be able to put it down at last. Now, if you will oil the joints of my legs, I shall be all right once more."

So they oiled his legs until he could move them freely; and he thanked them again and again for his release, for he seemed a very polite creature, and very grateful.

"I might have stood there always if you had not come along," he said; "so you have certainly saved my life. How did you happen to be here?"

"We are on our way to the Emerald City to see the Great Oz," she answered, "and we stopped at your cottage to pass the night."

"Why do you wish to see Oz?" he asked.

"I want him to send me back to Kansas, and the Scarecrow wants him to put a few brains into his head," she replied.

The Tin Woodman appeared to think deeply for a moment. Then he said:

"Do you suppose Oz could give me a heart?"

"Why, I guess so," Dorothy answered. "It would be as easy as to give the Scarecrow brains."

"True," the Tin Woodman returned. "So, if you will allow me to join your party, I will also go to the Emerald City and ask Oz to help me."

"Come along," said the Scarecrow heartily, and Dorothy added that she would be pleased to have his company. So the Tin Woodman shouldered his axe and they all passed through the forest until they came to the road that was paved with yellow brick.

The Tin Woodman had asked Dorothy to put the oil-can in her basket. "For," he said, "if I should get caught in the rain, and rust again, I would need the oil-can badly."

It was a bit of good luck to have their new comrade join the party, for soon after they had begun their journey again they came to a place where the trees and branches grew so thick over the road that the travelers could not pass. But the Tin Woodman set to work with his axe and chopped so well that soon he cleared a passage for the entire party.

Dorothy was thinking so earnestly as they walked along that she did not notice when the Scarecrow stumbled into a hole and rolled over to the side of the road. Indeed he was obliged to call to her to help him up again.

"Why didn't you walk around the hole?" asked the Tin Woodman.

"I don't know enough," replied the Scarecrow cheerfully. "My head is stuffed with straw, you know, and that is why I am going to Oz to ask him for some brains."

"Oh, I see," said the Tin Woodman. "But, after all, brains are not the best things in the world."

"Have you any?" inquired the Scarecrow.

"No, my head is quite empty," answered the Woodman. "But once I had brains, and a heart also; so, having tried them both, I should much rather have a heart."

"And why is that?" asked the Scarecrow.

"I will tell you my story, and then you will know."

So, while they were walking through the forest, the Tin Woodman told the following story:

"I was born the son of a woodman who chopped down trees in the forest and sold the wood for a living. When I grew up, I too became a woodchopper, and after my father died I took care of my old mother as long as she lived. Then I made up my mind that instead of living alone I would marry, so that I might not become lonely.

"There was one of the Munchkin girls who was so beautiful that I soon grew to love her with all my heart. She, on her part, promised to marry me as soon as I could earn enough money to build a better house for her; so I set to work harder than ever. But the girl lived with an old woman who did not want her to marry anyone, for she was so lazy she wished the girl to remain

with her and do the cooking and the housework. So the old woman went to the Wicked Witch of the East, and promised her two sheep and a cow if she would prevent the marriage.

Thereupon the Wicked Witch enchanted my axe, and when I was chopping away at my best one day, for I was anxious to get the new house and my wife as soon as possible, the axe slipped all at once and cut off my left leg.

"This at first seemed a great misfortune, for I knew a one-legged man could not do very well as a wood-chopper. So I went to a tinsmith and had him make me a new leg out of tin. The leg worked very well, once I was used to it. But my action angered the Wicked Witch of the East, for she had promised the old woman I should not marry the pretty Munchkin girl. When I began chopping again, my axe slipped and cut off my right leg. Again I went to the tinsmith, and again he made me a leg out of tin. After this the enchanted axe cut off my arms, one after the other; but, nothing daunted, I had them replaced with tin ones. The Wicked Witch then made the axe slip and cut off my head, and at first I thought that was the end of me. But the tinsmith happened to come along, and he made me a new head out of tin.

"I thought I had beaten the Wicked Witch then, and I worked harder than ever; but I little knew how cruel my enemy could be. She thought of a new way to kill my love for the beautiful Munchkin maiden, and made my axe slip again, so that it cut right through my body, splitting me into two halves. Once more the tinsmith came to my help and made me a body of tin, fastening my tin arms and legs and head to it, by means of joints, so that I could move around as well as ever. But, alas! I had now

no heart, so that I lost all my love for the Munchkin girl, and did not care whether I married her or not. I suppose she is still living with the old woman, waiting for me to come after her.

"My body shone so brightly in the sun that I felt very proud of it and it did not matter now if my axe slipped, for it could not cut me. There was only one danger--that my joints would rust; but I kept an oil-can in my cottage and took care to oil myself whenever I needed it. However, there came a day when I forgot to do this, and, being caught in a rainstorm, before I thought of the danger my joints had rusted, and I was left to stand in the woods until you came to help me. It was a terrible thing to undergo, but during the year I stood there I had time to think that the greatest loss I had known was the loss of my heart. While I was in love I was the happiest man on earth; but no one can love who has not a heart, and so I am resolved to ask Oz to give me one. If he does, I will go back to the Munchkin maiden and marry her."

Both Dorothy and the Scarecrow had been greatly interested in the story of the Tin Woodman, and now they knew why he was so anxious to get a new heart.

"All the same," said the Scarecrow, "I shall ask for brains instead of a heart; for a fool would not know what to do with a heart if he had one."

"I shall take the heart," returned the Tin Woodman; "for brains do not make one happy, and happiness is the best thing in the world."

Dorothy did not say anything, for she was puzzled to know which of her two friends was right, and she decided if she could only get back to Kansas and Aunt Em, it did not matter so much whether the Woodman had no brains and the Scarecrow no heart, or each got what he wanted.

What worried her most was that the bread was nearly gone, and another meal for herself and Toto would empty the basket. To be sure, neither the Woodman nor the Scarecrow ever ate anything, but she was not made of tin nor straw, and could not live unless she was fed.



# THE COWARDLY LION

All this time Dorothy and her companions had been walking through the thick woods. The road was still paved with yellow brick, but these were much covered by dried branches and dead leaves from the trees, and the walking was not at all good.

There were few birds in this part of the forest, for birds love the open country where there is plenty of sunshine. But now and then there came a deep growl from some wild animal hidden among the trees. These sounds made the little girl's heart beat fast, for she did not know what made them; but Toto knew, and he walked close to Dorothy's side, and did not even bark in return.

"How long will it be," the child asked of the Tin Woodman, "before we are out of the forest?"

"I cannot tell," was the answer, "for I have never been to the Emerald City. But my father went there once, when I was a boy, and he said it was a long journey through a dangerous country, although nearer to the city where Oz dwells the country is beautiful. But I am not afraid so long as I have my oil-can, and nothing can hurt the Scarecrow, while you bear upon your forehead the mark of the Good Witch's kiss, and that will protect you from harm."

"But Toto!" said the girl anxiously. "What will protect him?"

"We must protect him ourselves if he is in danger," replied the Tin Woodman.

Just as he spoke there came from the forest a terrible roar, and the next moment a great Lion bounded into the road. With one blow of his paw he sent the Scarecrow spinning over and over to the edge of the road, and then he struck at the Tin Woodman with his sharp claws. But, to the Lion's surprise, he could make no impression on the tin, although the Woodman fell over in the road and lay still.

Little Toto, now that he had an enemy to face, ran barking toward the Lion, and the great beast had opened his mouth to bite the dog, when Dorothy, fearing Toto would be killed, and heedless of danger, rushed forward and slapped the Lion upon his nose as hard as she could, while she cried out:

"Don't you dare to bite Toto! You ought to be ashamed of yourself, a big beast like you, to bite a poor little dog!"

"I didn't bite him," said the Lion, as he rubbed his nose with his paw where Dorothy had hit it.

"No, but you tried to," she retorted. "You are nothing but a big coward."

"I know it," said the Lion, hanging his head in shame. "I've always known it. But how can I help it?"

"I don't know, I'm sure. To think of your striking a stuffed man, like the poor Scarecrow!"

"Is he stuffed?" asked the Lion in surprise, as he watched her pick up the Scarecrow and set him upon his feet, while she patted him into shape again.

"Of course he's stuffed," replied Dorothy, who was still angry.

"That's why he went over so easily," remarked the Lion. "It astonished me to see him whirl around so. Is the other one stuffed also?"

"No," said Dorothy, "he's made of tin." And she helped the Woodman up again.

"That's why he nearly blunted my claws," said the Lion. "When they scratched against the tin it made a cold shiver run down my back. What is that little animal you are so tender of?"

"He is my dog, Toto," answered Dorothy.

"Is he made of tin, or stuffed?" asked the Lion.

"Neither. He's a--a--a meat dog," said the girl.

"Oh! He's a curious animal and seems remarkably small, now that I look at him. No one would think of biting such a little thing, except a coward like me," continued the Lion sadly.

"What makes you a coward?" asked Dorothy, looking at the great beast in wonder, for he was as big as a small horse.

"It's a mystery," replied the Lion. "I suppose I was born that way. All the other animals in the forest naturally expect me to be brave, for the Lion is everywhere thought to be the King of Beasts. I learned that if I roared very loudly every living thing was frightened and got out of my way. Whenever I've met a man I've been awfully scared; but I just roared at him, and he has always run away as fast as he could go. If the elephants and the tigers and the bears had ever tried to fight me, I should have run myself--I'm such a coward; but just as soon as they hear me roar they all try to get away from me, and of course I let them go."

"But that isn't right. The King of Beasts shouldn't be a coward," said the Scarecrow.

"I know it," returned the Lion, wiping a tear from his eye with the tip of his tail. "It is my great sorrow, and makes my life very unhappy. But whenever there is danger, my heart begins to beat fast."

"Perhaps you have heart disease," said the Tin Woodman.

"It may be," said the Lion.

"If you have," continued the Tin Woodman, "you ought to be glad, for it proves you have a heart. For my part, I have no heart; so I cannot have heart disease."

"Perhaps," said the Lion thoughtfully, "if I had no heart I should not be a coward."

"Have you brains?" asked the Scarecrow.

"I suppose so. I've never looked to see," replied the Lion.

"I am going to the Great Oz to ask him to give me some," remarked the Scarecrow, "for my head is stuffed with straw."

"And I am going to ask him to give me a heart," said the Woodman.

"And I am going to ask him to send Toto and me back to Kansas," added Dorothy.

"Do you think Oz could give me courage?" asked the Cowardly Lion.

"Just as easily as he could give me brains," said the Scarecrow.

"Or give me a heart," said the Tin Woodman.

"Or send me back to Kansas," said Dorothy.

"Then, if you don't mind, I'll go with you," said the Lion, "for my life is simply unbearable without a bit of courage."

"You will be very welcome," answered Dorothy, "for you will help to keep away the other wild beasts. It seems to me they must be more cowardly than you are if they allow you to scare them so easily."

"They really are," said the Lion, "but that doesn't make me any braver, and as long as I know myself to be a coward I shall be unhappy."

So once more the little company set off upon the journey, the Lion walking with stately strides at Dorothy's side. Toto did not approve of this new comrade at first, for he could not forget how nearly he had been crushed between the Lion's great jaws. But after a time he became more at ease, and presently Toto and the Cowardly Lion had grown to be good friends.

During the rest of that day there was no other adventure to mar the peace of their journey. Once, indeed, the Tin Woodman stepped upon a beetle that was crawling along the road, and killed the poor little thing. This made the Tin Woodman very unhappy, for he was always careful not to hurt any living creature; and as he walked along he wept several tears of sorrow and regret. These tears ran slowly down his face and over the hinges of his jaw, and there they rusted. When Dorothy presently asked him a question the Tin Woodman could not open his mouth, for his jaws were tightly rusted together. He became greatly frightened at this and made many motions to Dorothy to relieve him, but she could not understand. The Lion was also puzzled to know what was wrong. But the Scarecrow seized the

oil-can from Dorothy's basket and oiled the Woodman's jaws, so that after a few moments he could talk as well as before.

"This will serve me a lesson," said he, "to look where I step. For if I should kill another bug or beetle I should surely cry again, and crying rusts my jaws so that I cannot speak."

Thereafter he walked very carefully, with his eyes on the road, and when he saw a tiny ant toiling by he would step over it, so as not to harm it. The Tin Woodman knew very well he had no heart, and therefore he took great care never to be cruel or unkind to anything.

"You people with hearts," he said, "have something to guide you, and need never do wrong; but I have no heart, and so I must be very careful. When Oz gives me a heart of course I needn't mind so much."

# THE JOURNEY TO THE GREAT OZ

They were obliged to camp out that night under a large tree in the forest, for there were no houses near. The tree made a good, thick covering to protect them from the dew, and the Tin Woodman chopped a great pile of wood with his axe and Dorothy built a splendid fire that warmed her and made her feel less lonely. She and Toto ate the last of their bread, and now she did not know what they would do for breakfast.

"If you wish," said the Lion, "I will go into the forest and kill a deer for you. You can roast it by the fire, since your tastes are so peculiar that you prefer cooked food, and then you will have a very good breakfast."

"Don't! Please don't," begged the Tin Woodman. "I should certainly weep if you killed a poor deer, and then my jaws would rust again."

But the Lion went away into the forest and found his own supper, and no one ever knew what it was, for he didn't mention it. And the Scarecrow found a tree full of nuts and filled Dorothy's basket with them, so that she would not be hungry for a long time. She thought this was very kind and thoughtful of the Scarecrow, but she laughed heartily at the awkward way in which the poor creature picked up the nuts. His padded hands were so clumsy and the nuts were so small that he dropped almost as many as he put in the basket. But the Scarecrow did not mind how long it took him to fill the basket, for it enabled

him to keep away from the fire, as he feared a spark might get into his straw and burn him up. So he kept a good distance away from the flames, and only came near to cover Dorothy with dry leaves when she lay down to sleep. These kept her very snug and warm, and she slept soundly until morning.

When it was daylight, the girl bathed her face in a little rippling brook, and soon after they all started toward the Emerald City.

This was to be an eventful day for the travelers. They had hardly been walking an hour when they saw before them a great ditch that crossed the road and divided the forest as far as they could see on either side. It was a very wide ditch, and when they crept up to the edge and looked into it they could see it was also very deep, and there were many big, jagged rocks at the bottom. The sides were so steep that none of them could climb down, and for a moment it seemed that their journey must end.

"What shall we do?" asked Dorothy despairingly.

"I haven't the faintest idea," said the Tin Woodman, and the Lion shook his shaggy mane and looked thoughtful.

But the Scarecrow said, "We cannot fly, that is certain. Neither can we climb down into this great ditch. Therefore, if we cannot jump over it, we must stop where we are."

"I think I could jump over it," said the Cowardly Lion, after measuring the distance carefully in his mind.

"Then we are all right," answered the Scarecrow, "for you can carry us all over on your back, one at a time."

"Well, I'll try it," said the Lion. "Who will go first?"



"I will," declared the Scarecrow, "for, if you found that you could not jump over the gulf, Dorothy would be killed, or the Tin Woodman badly dented on the rocks below. But if I am on your back it will not matter so much, for the fall would not hurt me at all."

"I am terribly afraid of falling, myself," said the Cowardly Lion, "but I suppose there is nothing to do but try it. So get on my back and we will make the attempt."

The Scarecrow sat upon the Lion's back, and the big beast walked to the edge of the gulf and crouched down.

"Why don't you run and jump?" asked the Scarecrow.

"Because that isn't the way we Lions do these things," he replied. Then giving a great spring, he shot through the air and landed safely on the other side. They were all greatly pleased to see how easily he did it, and after the Scarecrow had got down from his back the Lion sprang across the ditch again.

Dorothy thought she would go next; so she took Toto in her arms and climbed on the Lion's back, holding tightly to his mane with one hand. The next moment it seemed as if she were flying through the air; and then, before she had time to think about it, she was safe on the other side. The Lion went back a third time and got the Tin Woodman, and then they all sat down for a few moments to give the beast a chance to rest, for his great leaps had made his breath short, and he panted like a big dog that has been running too long.

They found the forest very thick on this side, and it looked dark and gloomy. After the Lion had rested they started along

the road of yellow brick, silently wondering, each in his own mind, if ever they would come to the end of the woods and reach the bright sunshine again. To add to their discomfort, they soon heard strange noises in the depths of the forest, and the Lion whispered to them that it was in this part of the country that the Kalidahs lived.

"What are the Kalidahs?" asked the girl.

"They are monstrous beasts with bodies like bears and heads like tigers," replied the Lion, "and with claws so long and sharp that they could tear me in two as easily as I could kill Toto. I'm terribly afraid of the Kalidahs."

"I'm not surprised that you are," returned Dorothy. "They must be dreadful beasts."

The Lion was about to reply when suddenly they came to another gulf across the road. But this one was so broad and deep that the Lion knew at once he could not leap across it.

So they sat down to consider what they should do, and after serious thought the Scarecrow said:

"Here is a great tree, standing close to the ditch. If the Tin Woodman can chop it down, so that it will fall to the other side, we can walk across it easily."

"That is a first-rate idea," said the Lion. "One would almost suspect you had brains in your head, instead of straw."

The Woodman set to work at once, and so sharp was his axe that the tree was soon chopped nearly through. Then the Lion put his strong front legs against the tree and pushed with all his

might, and slowly the big tree tipped and fell with a crash across the ditch, with its top branches on the other side.

They had just started to cross this queer bridge when a sharp growl made them all look up, and to their horror they saw running toward them two great beasts with bodies like bears and heads like tigers.

"They are the Kalidahs!" said the Cowardly Lion, beginning to tremble.

"Quick!" cried the Scarecrow. "Let us cross over."

So Dorothy went first, holding Toto in her arms, the Tin Woodman followed, and the Scarecrow came next. The Lion, although he was certainly afraid, turned to face the Kalidahs, and then he gave so loud and terrible a roar that Dorothy screamed and the Scarecrow fell over backward, while even the fierce beasts stopped short and looked at him in surprise.

But, seeing they were bigger than the Lion, and remembering that there were two of them and only one of him, the Kalidahs again rushed forward, and the Lion crossed over the tree and turned to see what they would do next. Without stopping an instant the fierce beasts also began to cross the tree. And the Lion said to Dorothy:

"We are lost, for they will surely tear us to pieces with their sharp claws. But stand close behind me, and I will fight them as long as I am alive."

"Wait a minute!" called the Scarecrow. He had been thinking what was best to be done, and now he asked the Woodman to chop away the end of the tree that rested on their side of the

ditch. The Tin Woodman began to use his axe at once, and, just as the two Kalidahs were nearly across, the tree fell with a crash into the gulf, carrying the ugly, snarling brutes with it, and both were dashed to pieces on the sharp rocks at the bottom.

"Well," said the Cowardly Lion, drawing a long breath of relief, "I see we are going to live a little while longer, and I am glad of it, for it must be a very uncomfortable thing not to be alive. Those creatures frightened me so badly that my heart is beating yet."

"Ah," said the Tin Woodman sadly, "I wish I had a heart to beat."

This adventure made the travelers more anxious than ever to get out of the forest, and they walked so fast that Dorothy became tired, and had to ride on the Lion's back. To their great joy the trees became thinner the farther they advanced, and in the afternoon they suddenly came upon a broad river, flowing swiftly just before them. On the other side of the water they could see the road of yellow brick running through a beautiful country, with green meadows dotted with bright flowers and all the road bordered with trees hanging full of delicious fruits. They were greatly pleased to see this delightful country before them.

"How shall we cross the river?" asked Dorothy.

"That is easily done," replied the Scarecrow. "The Tin Woodman must build us a raft, so we can float to the other side."

So the Woodman took his axe and began to chop down small trees to make a raft, and while he was busy at this the Scarecrow

found on the riverbank a tree full of fine fruit. This pleased Dorothy, who had eaten nothing but nuts all day, and she made a hearty meal of the ripe fruit.

But it takes time to make a raft, even when one is as industrious and untiring as the Tin Woodman, and when night came the work was not done. So they found a cozy place under the trees where they slept well until the morning; and Dorothy dreamed of the Emerald City, and of the good Wizard Oz, who would soon send her back to her own home again.

# THE DEADLY POPPY FIELD

Our little party of travelers awakened the next morning refreshed and full of hope, and Dorothy breakfasted like a princess off peaches and plums from the trees beside the river. Behind them was the dark forest they had passed safely through, although they had suffered many discouragements; but before them was a lovely, sunny country that seemed to beckon them on to the Emerald City.

To be sure, the broad river now cut them off from this beautiful land. But the raft was nearly done, and after the Tin Woodman had cut a few more logs and fastened them together with wooden pins, they were ready to start. Dorothy sat down in the middle of the raft and held Toto in her arms. When the Cowardly Lion stepped upon the raft it tipped badly, for he was big and heavy; but the Scarecrow and the Tin Woodman stood upon the other end to steady it, and they had long poles in their hands to push the raft through the water.

They got along quite well at first, but when they reached the middle of the river the swift current swept the raft downstream, farther and farther away from the road of yellow brick. And the water grew so deep that the long poles would not touch the bottom.

"This is bad," said the Tin Woodman, "for if we cannot get to the land we shall be carried into the country of the Wicked

Witch of the West, and she will enchant us and make us her slaves."

"And then I should get no brains," said the Scarecrow.

"And I should get no courage," said the Cowardly Lion.

"And I should get no heart," said the Tin Woodman.

"And I should never get back to Kansas," said Dorothy.

"We must certainly get to the Emerald City if we can," the Scarecrow continued, and he pushed so hard on his long pole that it stuck fast in the mud at the bottom of the river. Then, before he could pull it out again--or let go--the raft was swept away, and the poor Scarecrow was left clinging to the pole in the middle of the river.

"Good-bye!" he called after them, and they were very sorry to leave him. Indeed, the Tin Woodman began to cry, but fortunately remembered that he might rust, and so dried his tears on Dorothy's apron.

Of course this was a bad thing for the Scarecrow.

"I am now worse off than when I first met Dorothy," he thought. "Then, I was stuck on a pole in a cornfield, where I could make-believe scare the crows, at any rate. But surely there is no use for a Scarecrow stuck on a pole in the middle of a river. I am afraid I shall never have any brains, after all!"

Down the stream the raft floated, and the poor Scarecrow was left far behind. Then the Lion said:

"Something must be done to save us. I think I can swim to the shore and pull the raft after me, if you will only hold fast to the tip of my tail."

So he sprang into the water, and the Tin Woodman caught fast hold of his tail. Then the Lion began to swim with all his might toward the shore. It was hard work, although he was so big; but by and by they were drawn out of the current, and then Dorothy took the Tin Woodman's long pole and helped push the raft to the land.

They were all tired out when they reached the shore at last and stepped off upon the pretty green grass, and they also knew that the stream had carried them a long way past the road of yellow brick that led to the Emerald City.

"What shall we do now?" asked the Tin Woodman, as the Lion lay down on the grass to let the sun dry him.

"We must get back to the road, in some way," said Dorothy.

"The best plan will be to walk along the riverbank until we come to the road again," remarked the Lion.

So, when they were rested, Dorothy picked up her basket and they started along the grassy bank, to the road from which the river had carried them. It was a lovely country, with plenty of flowers and fruit trees and sunshine to cheer them, and had they not felt so sorry for the poor Scarecrow, they could have been very happy.

They walked along as fast as they could, Dorothy only stopping once to pick a beautiful flower; and after a time the Tin Woodman cried out: "Look!"

Then they all looked at the river and saw the Scarecrow perched upon his pole in the middle of the water, looking very lonely and sad.



"What can we do to save him?" asked Dorothy.

The Lion and the Woodman both shook their heads, for they did not know. So they sat down upon the bank and gazed wistfully at the Scarecrow until a Stork flew by, who, upon seeing them, stopped to rest at the water's edge.

"Who are you and where are you going?" asked the Stork.

"I am Dorothy," answered the girl, "and these are my friends, the Tin Woodman and the Cowardly Lion; and we are going to the Emerald City."

"This isn't the road," said the Stork, as she twisted her long neck and looked sharply at the queer party.

"I know it," returned Dorothy, "but we have lost the Scarecrow, and are wondering how we shall get him again."

"Where is he?" asked the Stork.

"Over there in the river," answered the little girl.

"If he wasn't so big and heavy I would get him for you," remarked the Stork.

"He isn't heavy a bit," said Dorothy eagerly, "for he is stuffed with straw; and if you will bring him back to us, we shall thank you ever and ever so much."

"Well, I'll try," said the Stork, "but if I find he is too heavy to carry I shall have to drop him in the river again."

So the big bird flew into the air and over the water till she came to where the Scarecrow was perched upon his pole. Then the Stork with her great claws grabbed the Scarecrow by the arm and carried him up into the air and back to the bank, where

Dorothy and the Lion and the Tin Woodman and Toto were sitting.

When the Scarecrow found himself among his friends again, he was so happy that he hugged them all, even the Lion and Toto; and as they walked along he sang "Tol-de-ri-de-oh!" at every step, he felt so gay.

"I was afraid I should have to stay in the river forever," he said, "but the kind Stork saved me, and if I ever get any brains I shall find the Stork again and do her some kindness in return."

"That's all right," said the Stork, who was flying along beside them. "I always like to help anyone in trouble. But I must go now, for my babies are waiting in the nest for me. I hope you will find the Emerald City and that Oz will help you."

"Thank you," replied Dorothy, and then the kind Stork flew into the air and was soon out of sight.

They walked along listening to the singing of the brightly colored birds and looking at the lovely flowers which now became so thick that the ground was carpeted with them. There were big yellow and white and blue and purple blossoms, besides great clusters of scarlet poppies, which were so brilliant in color they almost dazzled Dorothy's eyes.

"Aren't they beautiful?" the girl asked, as she breathed in the spicy scent of the bright flowers.

"I suppose so," answered the Scarecrow. "When I have brains, I shall probably like them better."

"If I only had a heart, I should love them," added the Tin Woodman.

"I always did like flowers," said the Lion. "They seem so helpless and frail. But there are none in the forest so bright as these."

They now came upon more and more of the big scarlet poppies, and fewer and fewer of the other flowers; and soon they found themselves in the midst of a great meadow of poppies. Now it is well known that when there are many of these flowers together their odor is so powerful that anyone who breathes it falls asleep, and if the sleeper is not carried away from the scent of the flowers, he sleeps on and on forever. But Dorothy did not know this, nor could she get away from the bright red flowers that were everywhere about; so presently her eyes grew heavy and she felt she must sit down to rest and to sleep.

But the Tin Woodman would not let her do this.

"We must hurry and get back to the road of yellow brick before dark," he said; and the Scarecrow agreed with him. So they kept walking until Dorothy could stand no longer. Her eyes closed in spite of herself and she forgot where she was and fell among the poppies, fast asleep.

"What shall we do?" asked the Tin Woodman.

"If we leave her here she will die," said the Lion. "The smell of the flowers is killing us all. I myself can scarcely keep my eyes open, and the dog is asleep already."

It was true; Toto had fallen down beside his little mistress. But the Scarecrow and the Tin Woodman, not being made of flesh, were not troubled by the scent of the flowers.

"Run fast," said the Scarecrow to the Lion, "and get out of this deadly flower bed as soon as you can. We will bring the little girl with us, but if you should fall asleep you are too big to be carried."

So the Lion aroused himself and bounded forward as fast as he could go. In a moment he was out of sight.

"Let us make a chair with our hands and carry her," said the Scarecrow. So they picked up Toto and put the dog in Dorothy's lap, and then they made a chair with their hands for the seat and their arms for the arms and carried the sleeping girl between them through the flowers.

On and on they walked, and it seemed that the great carpet of deadly flowers that surrounded them would never end. They followed the bend of the river, and at last came upon their friend the Lion, lying fast asleep among the poppies. The flowers had been too strong for the huge beast and he had given up at last, and fallen only a short distance from the end of the poppy bed, where the sweet grass spread in beautiful green fields before them.

"We can do nothing for him," said the Tin Woodman, sadly; "for he is much too heavy to lift. We must leave him here to sleep on forever, and perhaps he will dream that he has found courage at last."

"I'm sorry," said the Scarecrow. "The Lion was a very good comrade for one so cowardly. But let us go on."

They carried the sleeping girl to a pretty spot beside the river, far enough from the poppy field to prevent her breathing any

more of the poison of the flowers, and here they laid her gently on the soft grass and waited for the fresh breeze to waken her.

# THE QUEEN OF THE FIELD MICE

"We cannot be far from the road of yellow brick, now," remarked the Scarecrow, as he stood beside the girl, "for we have come nearly as far as the river carried us away."

The Tin Woodman was about to reply when he heard a low growl, and turning his head (which worked beautifully on hinges) he saw a strange beast come bounding over the grass toward them. It was, indeed, a great yellow Wildcat, and the Woodman thought it must be chasing something, for its ears were lying close to its head and its mouth was wide open, showing two rows of ugly teeth, while its red eyes glowed like balls of fire. As it came nearer the Tin Woodman saw that running before the beast was a little gray field mouse, and although he had no heart he knew it was wrong for the Wildcat to try to kill such a pretty, harmless creature.

So the Woodman raised his axe, and as the Wildcat ran by he gave it a quick blow that cut the beast's head clean off from its body, and it rolled over at his feet in two pieces.

The field mouse, now that it was freed from its enemy, stopped short; and coming slowly up to the Woodman it said, in a squeaky little voice:

"Oh, thank you! Thank you ever so much for saving my life."

"Don't speak of it, I beg of you," replied the Woodman. "I have no heart, you know, so I am careful to help all those who may

need a friend, even if it happens to be only a mouse."

"Only a mouse!" cried the little animal, indignantly. "Why, I am a Queen--the Queen of all the Field Mice!"

"Oh, indeed," said the Woodman, making a bow.

"Therefore you have done a great deed, as well as a brave one, in saving my life," added the Queen.

At that moment several mice were seen running up as fast as their little legs could carry them, and when they saw their Queen they exclaimed:

"Oh, your Majesty, we thought you would be killed! How did you manage to escape the great Wildcat?" They all bowed so low to the little Queen that they almost stood upon their heads.

"This funny tin man," she answered, "killed the Wildcat and saved my life. So hereafter you must all serve him, and obey his slightest wish."

"We will!" cried all the mice, in a shrill chorus. And then they scampered in all directions, for Toto had awakened from his sleep, and seeing all these mice around him he gave one bark of delight and jumped right into the middle of the group. Toto had always loved to chase mice when he lived in Kansas, and he saw no harm in it.

But the Tin Woodman caught the dog in his arms and held him tight, while he called to the mice, "Come back! Come back! Toto shall not hurt you."

At this the Queen of the Mice stuck her head out from underneath a clump of grass and asked, in a timid voice, "Are you sure he will not bite us?"

"I will not let him," said the Woodman; "so do not be afraid."

One by one the mice came creeping back, and Toto did not bark again, although he tried to get out of the Woodman's arms, and would have bitten him had he not known very well he was made of tin. Finally one of the biggest mice spoke.

"Is there anything we can do," it asked, "to repay you for saving the life of our Queen?"

"Nothing that I know of," answered the Woodman; but the Scarecrow, who had been trying to think, but could not because his head was stuffed with straw, said, quickly, "Oh, yes; you can save our friend, the Cowardly Lion, who is asleep in the poppy bed."

"A Lion!" cried the little Queen. "Why, he would eat us all up."

"Oh, no," declared the Scarecrow; "this Lion is a coward."

"Really?" asked the Mouse.

"He says so himself," answered the Scarecrow, "and he would never hurt anyone who is our friend. If you will help us to save him I promise that he shall treat you all with kindness."

"Very well," said the Queen, "we trust you. But what shall we do?"

"Are there many of these mice which call you Queen and are willing to obey you?"

"Oh, yes; there are thousands," she replied.

"Then send for them all to come here as soon as possible, and let each one bring a long piece of string."



The Queen turned to the mice that attended her and told them to go at once and get all her people. As soon as they heard her orders they ran away in every direction as fast as possible.

"Now," said the Scarecrow to the Tin Woodman, "you must go to those trees by the riverside and make a truck that will carry the Lion."

So the Woodman went at once to the trees and began to work; and he soon made a truck out of the limbs of trees, from which he chopped away all the leaves and branches. He fastened it together with wooden pegs and made the four wheels out of short pieces of a big tree trunk. So fast and so well did he work that by the time the mice began to arrive the truck was all ready for them.

They came from all directions, and there were thousands of them: big mice and little mice and middle-sized mice; and each one brought a piece of string in his mouth. It was about this time that Dorothy woke from her long sleep and opened her eyes. She was greatly astonished to find herself lying upon the grass, with thousands of mice standing around and looking at her timidly. But the Scarecrow told her about everything, and turning to the dignified little Mouse, he said:

"Permit me to introduce to you her Majesty, the Queen."

Dorothy nodded gravely and the Queen made a curtsy, after which she became quite friendly with the little girl.

The Scarecrow and the Woodman now began to fasten the mice to the truck, using the strings they had brought. One end of a string was tied around the neck of each mouse and the other

end to the truck. Of course the truck was a thousand times bigger than any of the mice who were to draw it; but when all the mice had been harnessed, they were able to pull it quite easily. Even the Scarecrow and the Tin Woodman could sit on it, and were drawn swiftly by their queer little horses to the place where the Lion lay asleep.

After a great deal of hard work, for the Lion was heavy, they managed to get him up on the truck. Then the Queen hurriedly gave her people the order to start, for she feared if the mice stayed among the poppies too long they also would fall asleep.

At first the little creatures, many though they were, could hardly stir the heavily loaded truck; but the Woodman and the Scarecrow both pushed from behind, and they got along better. Soon they rolled the Lion out of the poppy bed to the green fields, where he could breathe the sweet, fresh air again, instead of the poisonous scent of the flowers.

Dorothy came to meet them and thanked the little mice warmly for saving her companion from death. She had grown so fond of the big Lion she was glad he had been rescued.

Then the mice were unharnessed from the truck and scampered away through the grass to their homes. The Queen of the Mice was the last to leave.

"If ever you need us again," she said, "come out into the field and call, and we shall hear you and come to your assistance. Good-bye!"

"Good-bye!" they all answered, and away the Queen ran, while Dorothy held Toto tightly lest he should run after her and

frighten her.

After this they sat down beside the Lion until he should awaken; and the Scarecrow brought Dorothy some fruit from a tree near by, which she ate for her dinner.

# THE GUARDIAN OF THE GATE

It was some time before the Cowardly Lion awakened, for he had lain among the poppies a long while, breathing in their deadly fragrance; but when he did open his eyes and roll off the truck he was very glad to find himself still alive.

"I ran as fast as I could," he said, sitting down and yawning, "but the flowers were too strong for me. How did you get me out?"

Then they told him of the field mice, and how they had generously saved him from death; and the Cowardly Lion laughed, and said:

"I have always thought myself very big and terrible; yet such little things as flowers came near to killing me, and such small animals as mice have saved my life. How strange it all is! But, comrades, what shall we do now?"

"We must journey on until we find the road of yellow brick again," said Dorothy, "and then we can keep on to the Emerald City."

So, the Lion being fully refreshed, and feeling quite himself again, they all started upon the journey, greatly enjoying the walk through the soft, fresh grass; and it was not long before they reached the road of yellow brick and turned again toward the Emerald City where the Great Oz dwelt.

The road was smooth and well paved, now, and the country about was beautiful, so that the travelers rejoiced in leaving the forest far behind, and with it the many dangers they had met in its gloomy shades. Once more they could see fences built beside the road; but these were painted green, and when they came to a small house, in which a farmer evidently lived, that also was painted green. They passed by several of these houses during the afternoon, and sometimes people came to the doors and looked at them as if they would like to ask questions; but no one came near them nor spoke to them because of the great Lion, of which they were very much afraid. The people were all dressed in clothing of a lovely emerald-green color and wore peaked hats like those of the Munchkins.

"This must be the Land of Oz," said Dorothy, "and we are surely getting near the Emerald City."

"Yes," answered the Scarecrow. "Everything is green here, while in the country of the Munchkins blue was the favorite color. But the people do not seem to be as friendly as the Munchkins, and I'm afraid we shall be unable to find a place to pass the night."

"I should like something to eat besides fruit," said the girl, "and I'm sure Toto is nearly starved. Let us stop at the next house and talk to the people."

So, when they came to a good-sized farmhouse, Dorothy walked boldly up to the door and knocked.

A woman opened it just far enough to look out, and said, "What do you want, child, and why is that great Lion with you?"

"We wish to pass the night with you, if you will allow us," answered Dorothy; "and the Lion is my friend and comrade, and would not hurt you for the world."

"Is he tame?" asked the woman, opening the door a little wider.

"Oh, yes," said the girl, "and he is a great coward, too. He will be more afraid of you than you are of him."

"Well," said the woman, after thinking it over and taking another peep at the Lion, "if that is the case you may come in, and I will give you some supper and a place to sleep."

So they all entered the house, where there were, besides the woman, two children and a man. The man had hurt his leg, and was lying on the couch in a corner. They seemed greatly surprised to see so strange a company, and while the woman was busy laying the table the man asked:

"Where are you all going?"

"To the Emerald City," said Dorothy, "to see the Great Oz."

"Oh, indeed!" exclaimed the man. "Are you sure that Oz will see you?"

"Why not?" she replied.

"Why, it is said that he never lets anyone come into his presence. I have been to the Emerald City many times, and it is a beautiful and wonderful place; but I have never been permitted to see the Great Oz, nor do I know of any living person who has seen him."

"Does he never go out?" asked the Scarecrow.

"Never. He sits day after day in the great Throne Room of his Palace, and even those who wait upon him do not see him face to face."

"What is he like?" asked the girl.

"That is hard to tell," said the man thoughtfully. "You see, Oz is a Great Wizard, and can take on any form he wishes. So that some say he looks like a bird; and some say he looks like an elephant; and some say he looks like a cat. To others he appears as a beautiful fairy, or a brownie, or in any other form that pleases him. But who the real Oz is, when he is in his own form, no living person can tell."

"That is very strange," said Dorothy, "but we must try, in some way, to see him, or we shall have made our journey for nothing."

"Why do you wish to see the terrible Oz?" asked the man.

"I want him to give me some brains," said the Scarecrow eagerly.

"Oh, Oz could do that easily enough," declared the man. "He has more brains than he needs."

"And I want him to give me a heart," said the Tin Woodman.

"That will not trouble him," continued the man, "for Oz has a large collection of hearts, of all sizes and shapes."

"And I want him to give me courage," said the Cowardly Lion.

"Oz keeps a great pot of courage in his Throne Room," said the man, "which he has covered with a golden plate, to keep it from running over. He will be glad to give you some."

"And I want him to send me back to Kansas," said Dorothy.

"Where is Kansas?" asked the man, with surprise.

"I don't know," replied Dorothy sorrowfully, "but it is my home, and I'm sure it's somewhere."

"Very likely. Well, Oz can do anything; so I suppose he will find Kansas for you. But first you must get to see him, and that will be a hard task; for the Great Wizard does not like to see anyone, and he usually has his own way. But what do YOU want?" he continued, speaking to Toto. Toto only wagged his tail; for, strange to say, he could not speak.

The woman now called to them that supper was ready, so they gathered around the table and Dorothy ate some delicious porridge and a dish of scrambled eggs and a plate of nice white bread, and enjoyed her meal. The Lion ate some of the porridge, but did not care for it, saying it was made from oats and oats were food for horses, not for lions. The Scarecrow and the Tin Woodman ate nothing at all. Toto ate a little of everything, and was glad to get a good supper again.

The woman now gave Dorothy a bed to sleep in, and Toto lay down beside her, while the Lion guarded the door of her room so she might not be disturbed. The Scarecrow and the Tin Woodman stood up in a corner and kept quiet all night, although of course they could not sleep.

The next morning, as soon as the sun was up, they started on their way, and soon saw a beautiful green glow in the sky just before them.

"That must be the Emerald City," said Dorothy.



As they walked on, the green glow became brighter and brighter, and it seemed that at last they were nearing the end of their travels. Yet it was afternoon before they came to the great wall that surrounded the City. It was high and thick and of a bright green color.

In front of them, and at the end of the road of yellow brick, was a big gate, all studded with emeralds that glittered so in the sun that even the painted eyes of the Scarecrow were dazzled by their brilliancy.

There was a bell beside the gate, and Dorothy pushed the button and heard a silvery tinkle sound within. Then the big gate swung slowly open, and they all passed through and found themselves in a high arched room, the walls of which glistened with countless emeralds.

Before them stood a little man about the same size as the Munchkins. He was clothed all in green, from his head to his feet, and even his skin was of a greenish tint. At his side was a large green box.

When he saw Dorothy and her companions the man asked, "What do you wish in the Emerald City?"

"We came here to see the Great Oz," said Dorothy.

The man was so surprised at this answer that he sat down to think it over.

"It has been many years since anyone asked me to see Oz," he said, shaking his head in perplexity. "He is powerful and terrible, and if you come on an idle or foolish errand to bother the wise

reflections of the Great Wizard, he might be angry and destroy you all in an instant."

"But it is not a foolish errand, nor an idle one," replied the Scarecrow; "it is important. And we have been told that Oz is a good Wizard."

"So he is," said the green man, "and he rules the Emerald City wisely and well. But to those who are not honest, or who approach him from curiosity, he is most terrible, and few have ever dared ask to see his face. I am the Guardian of the Gates, and since you demand to see the Great Oz I must take you to his Palace. But first you must put on the spectacles."

"Why?" asked Dorothy.

"Because if you did not wear spectacles the brightness and glory of the Emerald City would blind you. Even those who live in the City must wear spectacles night and day. They are all locked on, for Oz so ordered it when the City was first built, and I have the only key that will unlock them."

He opened the big box, and Dorothy saw that it was filled with spectacles of every size and shape. All of them had green glasses in them. The Guardian of the Gates found a pair that would just fit Dorothy and put them over her eyes. There were two golden bands fastened to them that passed around the back of her head, where they were locked together by a little key that was at the end of a chain the Guardian of the Gates wore around his neck. When they were on, Dorothy could not take them off had she wished, but of course she did not wish to be blinded by the glare of the Emerald City, so she said nothing.

Then the green man fitted spectacles for the Scarecrow and the Tin Woodman and the Lion, and even on little Toto; and all were locked fast with the key.

Then the Guardian of the Gates put on his own glasses and told them he was ready to show them to the Palace. Taking a big golden key from a peg on the wall, he opened another gate, and they all followed him through the portal into the streets of the Emerald City.

# THE WONDERFUL CITY OF OZ

Even with eyes protected by the green spectacles, Dorothy and her friends were at first dazzled by the brilliancy of the wonderful City. The streets were lined with beautiful houses all built of green marble and studded everywhere with sparkling emeralds. They walked over a pavement of the same green marble, and where the blocks were joined together were rows of emeralds, set closely, and glittering in the brightness of the sun. The window panes were of green glass; even the sky above the City had a green tint, and the rays of the sun were green.

There were many people--men, women, and children--walking about, and these were all dressed in green clothes and had greenish skins. They looked at Dorothy and her strangely assorted company with wondering eyes, and the children all ran away and hid behind their mothers when they saw the Lion; but no one spoke to them. Many shops stood in the street, and Dorothy saw that everything in them was green. Green candy and green pop corn were offered for sale, as well as green shoes, green hats, and green clothes of all sorts. At one place a man was selling green lemonade, and when the children bought it Dorothy could see that they paid for it with green pennies.

There seemed to be no horses nor animals of any kind; the men carried things around in little green carts, which they pushed before them. Everyone seemed happy and contented and prosperous.

The Guardian of the Gates led them through the streets until they came to a big building, exactly in the middle of the City, which was the Palace of Oz, the Great Wizard. There was a soldier before the door, dressed in a green uniform and wearing a long green beard.

"Here are strangers," said the Guardian of the Gates to him, "and they demand to see the Great Oz."

"Step inside," answered the soldier, "and I will carry your message to him."

So they passed through the Palace Gates and were led into a big room with a green carpet and lovely green furniture set with emeralds. The soldier made them all wipe their feet upon a green mat before entering this room, and when they were seated he said politely:

"Please make yourselves comfortable while I go to the door of the Throne Room and tell Oz you are here."

They had to wait a long time before the soldier returned. When, at last, he came back, Dorothy asked:

"Have you seen Oz?"

"Oh, no," returned the soldier; "I have never seen him. But I spoke to him as he sat behind his screen and gave him your message. He said he will grant you an audience, if you so desire; but each one of you must enter his presence alone, and he will admit but one each day. Therefore, as you must remain in the Palace for several days, I will have you shown to rooms where you may rest in comfort after your journey."

"Thank you," replied the girl; "that is very kind of Oz."

The soldier now blew upon a green whistle, and at once a young girl, dressed in a pretty green silk gown, entered the room. She had lovely green hair and green eyes, and she bowed low before Dorothy as she said, "Follow me and I will show you your room."

So Dorothy said good-bye to all her friends except Toto, and taking the dog in her arms followed the green girl through seven passages and up three flights of stairs until they came to a room at the front of the Palace. It was the sweetest little room in the world, with a soft comfortable bed that had sheets of green silk and a green velvet counterpane. There was a tiny fountain in the middle of the room, that shot a spray of green perfume into the air, to fall back into a beautifully carved green marble basin. Beautiful green flowers stood in the windows, and there was a shelf with a row of little green books. When Dorothy had time to open these books she found them full of queer green pictures that made her laugh, they were so funny.

In a wardrobe were many green dresses, made of silk and satin and velvet; and all of them fitted Dorothy exactly.

"Make yourself perfectly at home," said the green girl, "and if you wish for anything ring the bell. Oz will send for you tomorrow morning."

She left Dorothy alone and went back to the others. These she also led to rooms, and each one of them found himself lodged in a very pleasant part of the Palace. Of course this politeness was wasted on the Scarecrow; for when he found himself alone in his room he stood stupidly in one spot, just within the doorway, to wait till morning. It would not rest him

to lie down, and he could not close his eyes; so he remained all night staring at a little spider which was weaving its web in a corner of the room, just as if it were not one of the most wonderful rooms in the world. The Tin Woodman lay down on his bed from force of habit, for he remembered when he was made of flesh; but not being able to sleep, he passed the night moving his joints up and down to make sure they kept in good working order. The Lion would have preferred a bed of dried leaves in the forest, and did not like being shut up in a room; but he had too much sense to let this worry him, so he sprang upon the bed and rolled himself up like a cat and purred himself asleep in a minute.

The next morning, after breakfast, the green maiden came to fetch Dorothy, and she dressed her in one of the prettiest gowns, made of green brocaded satin. Dorothy put on a green silk apron and tied a green ribbon around Toto's neck, and they started for the Throne Room of the Great Oz.

First they came to a great hall in which were many ladies and gentlemen of the court, all dressed in rich costumes. These people had nothing to do but talk to each other, but they always came to wait outside the Throne Room every morning, although they were never permitted to see Oz. As Dorothy entered they looked at her curiously, and one of them whispered:

"Are you really going to look upon the face of Oz the Terrible?"

"Of course," answered the girl, "if he will see me."

"Oh, he will see you," said the soldier who had taken her message to the Wizard, "although he does not like to have people ask to see him. Indeed, at first he was angry and said I should send you back where you came from. Then he asked me what you looked like, and when I mentioned your silver shoes he was very much interested. At last I told him about the mark upon your forehead, and he decided he would admit you to his presence."

Just then a bell rang, and the green girl said to Dorothy, "That is the signal. You must go into the Throne Room alone."

She opened a little door and Dorothy walked boldly through and found herself in a wonderful place. It was a big, round room with a high arched roof, and the walls and ceiling and floor were covered with large emeralds set closely together. In the center of the roof was a great light, as bright as the sun, which made the emeralds sparkle in a wonderful manner.

But what interested Dorothy most was the big throne of green marble that stood in the middle of the room. It was shaped like a chair and sparkled with gems, as did everything else. In the center of the chair was an enormous Head, without a body to support it or any arms or legs whatever. There was no hair upon this head, but it had eyes and a nose and mouth, and was much bigger than the head of the biggest giant.

As Dorothy gazed upon this in wonder and fear, the eyes turned slowly and looked at her sharply and steadily. Then the mouth moved, and Dorothy heard a voice say:



"I am Oz, the Great and Terrible. Who are you, and why do you seek me?"

It was not such an awful voice as she had expected to come from the big Head; so she took courage and answered:

"I am Dorothy, the Small and Meek. I have come to you for help."

The eyes looked at her thoughtfully for a full minute. Then said the voice:

"Where did you get the silver shoes?"

"I got them from the Wicked Witch of the East, when my house fell on her and killed her," she replied.

"Where did you get the mark upon your forehead?" continued the voice.

"That is where the Good Witch of the North kissed me when she bade me good-bye and sent me to you," said the girl.

Again the eyes looked at her sharply, and they saw she was telling the truth. Then Oz asked, "What do you wish me to do?"

"Send me back to Kansas, where my Aunt Em and Uncle Henry are," she answered earnestly. "I don't like your country, although it is so beautiful. And I am sure Aunt Em will be dreadfully worried over my being away so long."

The eyes winked three times, and then they turned up to the ceiling and down to the floor and rolled around so queerly that they seemed to see every part of the room. And at last they looked at Dorothy again.

"Why should I do this for you?" asked Oz.

"Because you are strong and I am weak; because you are a Great Wizard and I am only a little girl."

"But you were strong enough to kill the Wicked Witch of the East," said Oz.

"That just happened," returned Dorothy simply; "I could not help it."

"Well," said the Head, "I will give you my answer. You have no right to expect me to send you back to Kansas unless you do something for me in return. In this country everyone must pay for everything he gets. If you wish me to use my magic power to send you home again you must do something for me first. Help me and I will help you."

"What must I do?" asked the girl.

"Kill the Wicked Witch of the West," answered Oz.

"But I cannot!" exclaimed Dorothy, greatly surprised.

"You killed the Witch of the East and you wear the silver shoes, which bear a powerful charm. There is now but one Wicked Witch left in all this land, and when you can tell me she is dead I will send you back to Kansas--but not before."

The little girl began to weep, she was so much disappointed; and the eyes winked again and looked upon her anxiously, as if the Great Oz felt that she could help him if she would.

"I never killed anything, willingly," she sobbed. "Even if I wanted to, how could I kill the Wicked Witch? If you, who are Great and Terrible, cannot kill her yourself, how do you expect me to do it?"

"I do not know," said the Head; "but that is my answer, and until the Wicked Witch dies you will not see your uncle and aunt again. Remember that the Witch is Wicked--tremendously Wicked--and ought to be killed. Now go, and do not ask to see me again until you have done your task."

Sorrowfully Dorothy left the Throne Room and went back where the Lion and the Scarecrow and the Tin Woodman were waiting to hear what Oz had said to her. "There is no hope for me," she said sadly, "for Oz will not send me home until I have killed the Wicked Witch of the West; and that I can never do."

Her friends were sorry, but could do nothing to help her; so Dorothy went to her own room and lay down on the bed and cried herself to sleep.

The next morning the soldier with the green whiskers came to the Scarecrow and said:

"Come with me, for Oz has sent for you."

So the Scarecrow followed him and was admitted into the great Throne Room, where he saw, sitting in the emerald throne, a most lovely Lady. She was dressed in green silk gauze and wore upon her flowing green locks a crown of jewels. Growing from her shoulders were wings, gorgeous in color and so light that they fluttered if the slightest breath of air reached them.

When the Scarecrow had bowed, as prettily as his straw stuffing would let him, before this beautiful creature, she looked upon him sweetly, and said:

"I am Oz, the Great and Terrible. Who are you, and why do you seek me?"

Now the Scarecrow, who had expected to see the great Head Dorothy had told him of, was much astonished; but he answered her bravely.

"I am only a Scarecrow, stuffed with straw. Therefore I have no brains, and I come to you praying that you will put brains in my head instead of straw, so that I may become as much a man as any other in your dominions."

"Why should I do this for you?" asked the Lady.

"Because you are wise and powerful, and no one else can help me," answered the Scarecrow.

"I never grant favors without some return," said Oz; "but this much I will promise. If you will kill for me the Wicked Witch of the West, I will bestow upon you a great many brains, and such good brains that you will be the wisest man in all the Land of Oz."

"I thought you asked Dorothy to kill the Witch," said the Scarecrow, in surprise.

"So I did. I don't care who kills her. But until she is dead I will not grant your wish. Now go, and do not seek me again until you have earned the brains you so greatly desire."

The Scarecrow went sorrowfully back to his friends and told them what Oz had said; and Dorothy was surprised to find that the Great Wizard was not a Head, as she had seen him, but a lovely Lady.

"All the same," said the Scarecrow, "she needs a heart as much as the Tin Woodman."

On the next morning the soldier with the green whiskers came to the Tin Woodman and said:

"Oz has sent for you. Follow me."

So the Tin Woodman followed him and came to the great Throne Room. He did not know whether he would find Oz a lovely Lady or a Head, but he hoped it would be the lovely Lady. "For," he said to himself, "if it is the head, I am sure I shall not be given a heart, since a head has no heart of its own and therefore cannot feel for me. But if it is the lovely Lady I shall beg hard for a heart, for all ladies are themselves said to be kindly hearted."

But when the Woodman entered the great Throne Room he saw neither the Head nor the Lady, for Oz had taken the shape of a most terrible Beast. It was nearly as big as an elephant, and the green throne seemed hardly strong enough to hold its weight. The Beast had a head like that of a rhinoceros, only there were five eyes in its face. There were five long arms growing out of its body, and it also had five long, slim legs. Thick, woolly hair covered every part of it, and a more dreadful-looking monster could not be imagined. It was fortunate the Tin Woodman had no heart at that moment, for it would have beat loud and fast from terror. But being only tin, the Woodman was not at all afraid, although he was much disappointed.

"I am Oz, the Great and Terrible," spoke the Beast, in a voice that was one great roar. "Who are you, and why do you seek me?"

"I am a Woodman, and made of tin. Therefore I have no heart, and cannot love. I pray you to give me a heart that I may be as other men are."

"Why should I do this?" demanded the Beast.

"Because I ask it, and you alone can grant my request," answered the Woodman.

Oz gave a low growl at this, but said, gruffly: "If you indeed desire a heart, you must earn it."

"How?" asked the Woodman.

"Help Dorothy to kill the Wicked Witch of the West," replied the Beast. "When the Witch is dead, come to me, and I will then give you the biggest and kindest and most loving heart in all the Land of Oz."

So the Tin Woodman was forced to return sorrowfully to his friends and tell them of the terrible Beast he had seen. They all wondered greatly at the many forms the Great Wizard could take upon himself, and the Lion said:

"If he is a Beast when I go to see him, I shall roar my loudest, and so frighten him that he will grant all I ask. And if he is the lovely Lady, I shall pretend to spring upon her, and so compel her to do my bidding. And if he is the great Head, he will be at my mercy; for I will roll this head all about the room until he promises to give us what we desire. So be of good cheer, my friends, for all will yet be well."

The next morning the soldier with the green whiskers led the Lion to the great Throne Room and bade him enter the presence of Oz.

The Lion at once passed through the door, and glancing around saw, to his surprise, that before the throne was a Ball of Fire, so fierce and glowing he could scarcely bear to gaze upon it.

His first thought was that Oz had by accident caught on fire and was burning up; but when he tried to go nearer, the heat was so intense that it singed his whiskers, and he crept back tremblingly to a spot nearer the door.

Then a low, quiet voice came from the Ball of Fire, and these were the words it spoke:

"I am Oz, the Great and Terrible. Who are you, and why do you seek me?"

And the Lion answered, "I am a Cowardly Lion, afraid of everything. I came to you to beg that you give me courage, so that in reality I may become the King of Beasts, as men call me."

"Why should I give you courage?" demanded Oz.

"Because of all Wizards you are the greatest, and alone have power to grant my request," answered the Lion.

The Ball of Fire burned fiercely for a time, and the voice said, "Bring me proof that the Wicked Witch is dead, and that moment I will give you courage. But as long as the Witch lives, you must remain a coward."

The Lion was angry at this speech, but could say nothing in reply, and while he stood silently gazing at the Ball of Fire it became so furiously hot that he turned tail and rushed from the room. He was glad to find his friends waiting for him, and told them of his terrible interview with the Wizard.

"What shall we do now?" asked Dorothy sadly.

"There is only one thing we can do," returned the Lion, "and that is to go to the land of the Winkies, seek out the Wicked Witch, and destroy her."

"But suppose we cannot?" said the girl.

"Then I shall never have courage," declared the Lion.

"And I shall never have brains," added the Scarecrow.

"And I shall never have a heart," spoke the Tin Woodman.

"And I shall never see Aunt Em and Uncle Henry," said Dorothy, beginning to cry.

"Be careful!" cried the green girl. "The tears will fall on your green silk gown and spot it."

So Dorothy dried her eyes and said, "I suppose we must try it; but I am sure I do not want to kill anybody, even to see Aunt Em again."

"I will go with you; but I'm too much of a coward to kill the Witch," said the Lion.

"I will go too," declared the Scarecrow; "but I shall not be of much help to you, I am such a fool."

"I haven't the heart to harm even a Witch," remarked the Tin Woodman; "but if you go I certainly shall go with you."

Therefore it was decided to start upon their journey the next morning, and the Woodman sharpened his axe on a green grindstone and had all his joints properly oiled. The Scarecrow stuffed himself with fresh straw and Dorothy put new paint on his eyes that he might see better. The green girl, who was very kind to them, filled Dorothy's basket with good things to eat, and fastened a little bell around Toto's neck with a green ribbon.

They went to bed quite early and slept soundly until daylight, when they were awakened by the crowing of a green cock that



lived in the back yard of the Palace, and the cackling of a hen that had laid a green egg.

# THE SEARCH FOR THE WICKED WITCH

The soldier with the green whiskers led them through the streets of the Emerald City until they reached the room where the Guardian of the Gates lived. This officer unlocked their spectacles to put them back in his great box, and then he politely opened the gate for our friends.

"Which road leads to the Wicked Witch of the West?" asked Dorothy.

"There is no road," answered the Guardian of the Gates. "No one ever wishes to go that way."

"How, then, are we to find her?" inquired the girl.

"That will be easy," replied the man, "for when she knows you are in the country of the Winkies she will find you, and make you all her slaves."

"Perhaps not," said the Scarecrow, "for we mean to destroy her."

"Oh, that is different," said the Guardian of the Gates. "No one has ever destroyed her before, so I naturally thought she would make slaves of you, as she has of the rest. But take care; for she is wicked and fierce, and may not allow you to destroy her. Keep to the West, where the sun sets, and you cannot fail to find her."

They thanked him and bade him good-bye, and turned toward the West, walking over fields of soft grass dotted here

and there with daisies and buttercups. Dorothy still wore the pretty silk dress she had put on in the palace, but now, to her surprise, she found it was no longer green, but pure white. The ribbon around Toto's neck had also lost its green color and was as white as Dorothy's dress.

The Emerald City was soon left far behind. As they advanced the ground became rougher and hillier, for there were no farms nor houses in this country of the West, and the ground was untilled.

In the afternoon the sun shone hot in their faces, for there were no trees to offer them shade; so that before night Dorothy and Toto and the Lion were tired, and lay down upon the grass and fell asleep, with the Woodman and the Scarecrow keeping watch.

Now the Wicked Witch of the West had but one eye, yet that was as powerful as a telescope, and could see everywhere. So, as she sat in the door of her castle, she happened to look around and saw Dorothy lying asleep, with her friends all about her. They were a long distance off, but the Wicked Witch was angry to find them in her country; so she blew upon a silver whistle that hung around her neck.

At once there came running to her from all directions a pack of great wolves. They had long legs and fierce eyes and sharp teeth.

"Go to those people," said the Witch, "and tear them to pieces."

"Are you not going to make them your slaves?" asked the leader of the wolves.

"No," she answered, "one is of tin, and one of straw; one is a girl and another a Lion. None of them is fit to work, so you may tear them into small pieces."

"Very well," said the wolf, and he dashed away at full speed, followed by the others.

It was lucky the Scarecrow and the Woodman were wide awake and heard the wolves coming.

"This is my fight," said the Woodman, "so get behind me and I will meet them as they come."

He seized his axe, which he had made very sharp, and as the leader of the wolves came on the Tin Woodman swung his arm and chopped the wolf's head from its body, so that it immediately died. As soon as he could raise his axe another wolf came up, and he also fell under the sharp edge of the Tin Woodman's weapon. There were forty wolves, and forty times a wolf was killed, so that at last they all lay dead in a heap before the Woodman.

Then he put down his axe and sat beside the Scarecrow, who said, "It was a good fight, friend."

They waited until Dorothy awoke the next morning. The little girl was quite frightened when she saw the great pile of shaggy wolves, but the Tin Woodman told her all. She thanked him for saving them and sat down to breakfast, after which they started again upon their journey.

Now this same morning the Wicked Witch came to the door of her castle and looked out with her one eye that could see far off. She saw all her wolves lying dead, and the strangers still

traveling through her country. This made her angrier than before, and she blew her silver whistle twice.

Straightway a great flock of wild crows came flying toward her, enough to darken the sky.

And the Wicked Witch said to the King Crow, "Fly at once to the strangers; peck out their eyes and tear them to pieces."

The wild crows flew in one great flock toward Dorothy and her companions. When the little girl saw them coming she was afraid.

But the Scarecrow said, "This is my battle, so lie down beside me and you will not be harmed."

So they all lay upon the ground except the Scarecrow, and he stood up and stretched out his arms. And when the crows saw him they were frightened, as these birds always are by scarecrows, and did not dare to come any nearer. But the King Crow said:

"It is only a stuffed man. I will peck his eyes out."

The King Crow flew at the Scarecrow, who caught it by the head and twisted its neck until it died. And then another crow flew at him, and the Scarecrow twisted its neck also. There were forty crows, and forty times the Scarecrow twisted a neck, until at last all were lying dead beside him. Then he called to his companions to rise, and again they went upon their journey.

When the Wicked Witch looked out again and saw all her crows lying in a heap, she got into a terrible rage, and blew three times upon her silver whistle.

Forthwith there was heard a great buzzing in the air, and a swarm of black bees came flying toward her.

"Go to the strangers and sting them to death!" commanded the Witch, and the bees turned and flew rapidly until they came to where Dorothy and her friends were walking. But the Woodman had seen them coming, and the Scarecrow had decided what to do.

"Take out my straw and scatter it over the little girl and the dog and the Lion," he said to the Woodman, "and the bees cannot sting them." This the Woodman did, and as Dorothy lay close beside the Lion and held Toto in her arms, the straw covered them entirely.

The bees came and found no one but the Woodman to sting, so they flew at him and broke off all their stings against the tin, without hurting the Woodman at all. And as bees cannot live when their stings are broken that was the end of the black bees, and they lay scattered thick about the Woodman, like little heaps of fine coal.

Then Dorothy and the Lion got up, and the girl helped the Tin Woodman put the straw back into the Scarecrow again, until he was as good as ever. So they started upon their journey once more.

The Wicked Witch was so angry when she saw her black bees in little heaps like fine coal that she stamped her foot and tore her hair and gnashed her teeth. And then she called a dozen of her slaves, who were the Winkies, and gave them sharp spears, telling them to go to the strangers and destroy them.

The Winkies were not a brave people, but they had to do as they were told. So they marched away until they came near to Dorothy. Then the Lion gave a great roar and sprang towards them, and the poor Winkies were so frightened that they ran back as fast as they could.

When they returned to the castle the Wicked Witch beat them well with a strap, and sent them back to their work, after which she sat down to think what she should do next. She could not understand how all her plans to destroy these strangers had failed; but she was a powerful Witch, as well as a wicked one, and she soon made up her mind how to act.

There was, in her cupboard, a Golden Cap, with a circle of diamonds and rubies running round it. This Golden Cap had a charm. Whoever owned it could call three times upon the Winged Monkeys, who would obey any order they were given. But no person could command these strange creatures more than three times. Twice already the Wicked Witch had used the charm of the Cap. Once was when she had made the Winkies her slaves, and set herself to rule over their country. The Winged Monkeys had helped her do this. The second time was when she had fought against the Great Oz himself, and driven him out of the land of the West. The Winged Monkeys had also helped her in doing this. Only once more could she use this Golden Cap, for which reason she did not like to do so until all her other powers were exhausted. But now that her fierce wolves and her wild crows and her stinging bees were gone, and her slaves had been scared away by the Cowardly Lion, she saw there was only one way left to destroy Dorothy and her friends.

So the Wicked Witch took the Golden Cap from her cupboard and placed it upon her head. Then she stood upon her left foot and said slowly:

"Ep-pe, pep-pe, kak-ke!"

Next she stood upon her right foot and said:

"Hil-lo, hol-lo, hel-lo!"

After this she stood upon both feet and cried in a loud voice:

"Ziz-zy, zuz-zy, zik!"

Now the charm began to work. The sky was darkened, and a low rumbling sound was heard in the air. There was a rushing of many wings, a great chattering and laughing, and the sun came out of the dark sky to show the Wicked Witch surrounded by a crowd of monkeys, each with a pair of immense and powerful wings on his shoulders.

One, much bigger than the others, seemed to be their leader. He flew close to the Witch and said, "You have called us for the third and last time. What do you command?"

"Go to the strangers who are within my land and destroy them all except the Lion," said the Wicked Witch. "Bring that beast to me, for I have a mind to harness him like a horse, and make him work."

"Your commands shall be obeyed," said the leader. Then, with a great deal of chattering and noise, the Winged Monkeys flew away to the place where Dorothy and her friends were walking.

Some of the Monkeys seized the Tin Woodman and carried him through the air until they were over a country thickly covered with sharp rocks. Here they dropped the poor



Woodman, who fell a great distance to the rocks, where he lay so battered and dented that he could neither move nor groan.

Others of the Monkeys caught the Scarecrow, and with their long fingers pulled all of the straw out of his clothes and head. They made his hat and boots and clothes into a small bundle and threw it into the top branches of a tall tree.

The remaining Monkeys threw pieces of stout rope around the Lion and wound many coils about his body and head and legs, until he was unable to bite or scratch or struggle in any way. Then they lifted him up and flew away with him to the Witch's castle, where he was placed in a small yard with a high iron fence around it, so that he could not escape.

But Dorothy they did not harm at all. She stood, with Toto in her arms, watching the sad fate of her comrades and thinking it would soon be her turn. The leader of the Winged Monkeys flew up to her, his long, hairy arms stretched out and his ugly face grinning terribly; but he saw the mark of the Good Witch's kiss upon her forehead and stopped short, motioning the others not to touch her.

"We dare not harm this little girl," he said to them, "for she is protected by the Power of Good, and that is greater than the Power of Evil. All we can do is to carry her to the castle of the Wicked Witch and leave her there."

So, carefully and gently, they lifted Dorothy in their arms and carried her swiftly through the air until they came to the castle, where they set her down upon the front doorstep. Then the leader said to the Witch:

"We have obeyed you as far as we were able. The Tin Woodman and the Scarecrow are destroyed, and the Lion is tied up in your yard. The little girl we dare not harm, nor the dog she carries in her arms. Your power over our band is now ended, and you will never see us again."

Then all the Winged Monkeys, with much laughing and chattering and noise, flew into the air and were soon out of sight.

The Wicked Witch was both surprised and worried when she saw the mark on Dorothy's forehead, for she knew well that neither the Winged Monkeys nor she, herself, dare hurt the girl in any way. She looked down at Dorothy's feet, and seeing the Silver Shoes, began to tremble with fear, for she knew what a powerful charm belonged to them. At first the Witch was tempted to run away from Dorothy; but she happened to look into the child's eyes and saw how simple the soul behind them was, and that the little girl did not know of the wonderful power the Silver Shoes gave her. So the Wicked Witch laughed to herself, and thought, "I can still make her my slave, for she does not know how to use her power." Then she said to Dorothy, harshly and severely:

"Come with me; and see that you mind everything I tell you, for if you do not I will make an end of you, as I did of the Tin Woodman and the Scarecrow."

Dorothy followed her through many of the beautiful rooms in her castle until they came to the kitchen, where the Witch bade her clean the pots and kettles and sweep the floor and keep the fire fed with wood.

Dorothy went to work meekly, with her mind made up to work as hard as she could; for she was glad the Wicked Witch had decided not to kill her.

With Dorothy hard at work, the Witch thought she would go into the courtyard and harness the Cowardly Lion like a horse; it would amuse her, she was sure, to make him draw her chariot whenever she wished to go to drive. But as she opened the gate the Lion gave a loud roar and bounded at her so fiercely that the Witch was afraid, and ran out and shut the gate again.

"If I cannot harness you," said the Witch to the Lion, speaking through the bars of the gate, "I can starve you. You shall have nothing to eat until you do as I wish."

So after that she took no food to the imprisoned Lion; but every day she came to the gate at noon and asked, "Are you ready to be harnessed like a horse?"

And the Lion would answer, "No. If you come in this yard, I will bite you."

The reason the Lion did not have to do as the Witch wished was that every night, while the woman was asleep, Dorothy carried him food from the cupboard. After he had eaten he would lie down on his bed of straw, and Dorothy would lie beside him and put her head on his soft, shaggy mane, while they talked of their troubles and tried to plan some way to escape. But they could find no way to get out of the castle, for it was constantly guarded by the yellow Winkies, who were the slaves of the Wicked Witch and too afraid of her not to do as she told them.

The girl had to work hard during the day, and often the Witch threatened to beat her with the same old umbrella she always carried in her hand. But, in truth, she did not dare to strike Dorothy, because of the mark upon her forehead. The child did not know this, and was full of fear for herself and Toto. Once the Witch struck Toto a blow with her umbrella and the brave little dog flew at her and bit her leg in return. The Witch did not bleed where she was bitten, for she was so wicked that the blood in her had dried up many years before.

Dorothy's life became very sad as she grew to understand that it would be harder than ever to get back to Kansas and Aunt Em again. Sometimes she would cry bitterly for hours, with Toto sitting at her feet and looking into her face, whining dismally to show how sorry he was for his little mistress. Toto did not really care whether he was in Kansas or the Land of Oz so long as Dorothy was with him; but he knew the little girl was unhappy, and that made him unhappy too.

Now the Wicked Witch had a great longing to have for her own the Silver Shoes which the girl always wore. Her bees and her crows and her wolves were lying in heaps and drying up, and she had used up all the power of the Golden Cap; but if she could only get hold of the Silver Shoes, they would give her more power than all the other things she had lost. She watched Dorothy carefully, to see if she ever took off her shoes, thinking she might steal them. But the child was so proud of her pretty shoes that she never took them off except at night and when she took her bath. The Witch was too much afraid of the dark to dare go in Dorothy's room at night to take the shoes, and her

dread of water was greater than her fear of the dark, so she never came near when Dorothy was bathing. Indeed, the old Witch never touched water, nor ever let water touch her in any way.

But the wicked creature was very cunning, and she finally thought of a trick that would give her what she wanted. She placed a bar of iron in the middle of the kitchen floor, and then by her magic arts made the iron invisible to human eyes. So that when Dorothy walked across the floor she stumbled over the bar, not being able to see it, and fell at full length. She was not much hurt, but in her fall one of the Silver Shoes came off; and before she could reach it, the Witch had snatched it away and put it on her own skinny foot.

The wicked woman was greatly pleased with the success of her trick, for as long as she had one of the shoes she owned half the power of their charm, and Dorothy could not use it against her, even had she known how to do so.

The little girl, seeing she had lost one of her pretty shoes, grew angry, and said to the Witch, "Give me back my shoe!"

"I will not," retorted the Witch, "for it is now my shoe, and not yours."

"You are a wicked creature!" cried Dorothy. "You have no right to take my shoe from me."

"I shall keep it, just the same," said the Witch, laughing at her, "and someday I shall get the other one from you, too."

This made Dorothy so very angry that she picked up the bucket of water that stood near and dashed it over the Witch, wetting her from head to foot.

Instantly the wicked woman gave a loud cry of fear, and then, as Dorothy looked at her in wonder, the Witch began to shrink and fall away.

"See what you have done!" she screamed. "In a minute I shall melt away."

"I'm very sorry, indeed," said Dorothy, who was truly frightened to see the Witch actually melting away like brown sugar before her very eyes.

"Didn't you know water would be the end of me?" asked the Witch, in a wailing, despairing voice.

"Of course not," answered Dorothy. "How should I?"

"Well, in a few minutes I shall be all melted, and you will have the castle to yourself. I have been wicked in my day, but I never thought a little girl like you would ever be able to melt me and end my wicked deeds. Look out--here I go!"

With these words the Witch fell down in a brown, melted, shapeless mass and began to spread over the clean boards of the kitchen floor. Seeing that she had really melted away to nothing, Dorothy drew another bucket of water and threw it over the mess. She then swept it all out the door. After picking out the silver shoe, which was all that was left of the old woman, she cleaned and dried it with a cloth, and put it on her foot again. Then, being at last free to do as she chose, she ran out to the courtyard to tell the Lion that the Wicked Witch of the West had come to an end, and that they were no longer prisoners in a strange land.

# THE RESCUE

The Cowardly Lion was much pleased to hear that the Wicked Witch had been melted by a bucket of water, and Dorothy at once unlocked the gate of his prison and set him free. They went in together to the castle, where Dorothy's first act was to call all the Winkies together and tell them that they were no longer slaves.

There was great rejoicing among the yellow Winkies, for they had been made to work hard during many years for the Wicked Witch, who had always treated them with great cruelty. They kept this day as a holiday, then and ever after, and spent the time in feasting and dancing.

"If our friends, the Scarecrow and the Tin Woodman, were only with us," said the Lion, "I should be quite happy."

"Don't you suppose we could rescue them?" asked the girl anxiously.

"We can try," answered the Lion.

So they called the yellow Winkies and asked them if they would help to rescue their friends, and the Winkies said that they would be delighted to do all in their power for Dorothy, who had set them free from bondage. So she chose a number of the Winkies who looked as if they knew the most, and they all started away. They traveled that day and part of the next until they came to the rocky plain where the Tin Woodman lay, all

battered and bent. His axe was near him, but the blade was rusted and the handle broken off short.

The Winkies lifted him tenderly in their arms, and carried him back to the Yellow Castle again, Dorothy shedding a few tears by the way at the sad plight of her old friend, and the Lion looking sober and sorry. When they reached the castle Dorothy said to the Winkies:

"Are any of your people tinsmiths?"

"Oh, yes. Some of us are very good tinsmiths," they told her.

"Then bring them to me," she said. And when the tinsmiths came, bringing with them all their tools in baskets, she inquired, "Can you straighten out those dents in the Tin Woodman, and bend him back into shape again, and solder him together where he is broken?"

The tinsmiths looked the Woodman over carefully and then answered that they thought they could mend him so he would be as good as ever. So they set to work in one of the big yellow rooms of the castle and worked for three days and four nights, hammering and twisting and bending and soldering and polishing and pounding at the legs and body and head of the Tin Woodman, until at last he was straightened out into his old form, and his joints worked as well as ever. To be sure, there were several patches on him, but the tinsmiths did a good job, and as the Woodman was not a vain man he did not mind the patches at all.

When, at last, he walked into Dorothy's room and thanked her for rescuing him, he was so pleased that he wept tears of joy,



and Dorothy had to wipe every tear carefully from his face with her apron, so his joints would not be rusted. At the same time her own tears fell thick and fast at the joy of meeting her old friend again, and these tears did not need to be wiped away. As for the Lion, he wiped his eyes so often with the tip of his tail that it became quite wet, and he was obliged to go out into the courtyard and hold it in the sun till it dried.

"If we only had the Scarecrow with us again," said the Tin Woodman, when Dorothy had finished telling him everything that had happened, "I should be quite happy."

"We must try to find him," said the girl.

So she called the Winkies to help her, and they walked all that day and part of the next until they came to the tall tree in the branches of which the Winged Monkeys had tossed the Scarecrow's clothes.

It was a very tall tree, and the trunk was so smooth that no one could climb it; but the Woodman said at once, "I'll chop it down, and then we can get the Scarecrow's clothes."

Now while the tinsmiths had been at work mending the Woodman himself, another of the Winkies, who was a goldsmith, had made an axe-handle of solid gold and fitted it to the Woodman's axe, instead of the old broken handle. Others polished the blade until all the rust was removed and it glistened like burnished silver.

As soon as he had spoken, the Tin Woodman began to chop, and in a short time the tree fell over with a crash, whereupon the

Scarecrow's clothes fell out of the branches and rolled off on the ground.

Dorothy picked them up and had the Winkies carry them back to the castle, where they were stuffed with nice, clean straw; and behold! here was the Scarecrow, as good as ever, thanking them over and over again for saving him.

Now that they were reunited, Dorothy and her friends spent a few happy days at the Yellow Castle, where they found everything they needed to make them comfortable.

But one day the girl thought of Aunt Em, and said, "We must go back to Oz, and claim his promise."

"Yes," said the Woodman, "at last I shall get my heart."

"And I shall get my brains," added the Scarecrow joyfully.

"And I shall get my courage," said the Lion thoughtfully.

"And I shall get back to Kansas," cried Dorothy, clapping her hands. "Oh, let us start for the Emerald City tomorrow!"

This they decided to do. The next day they called the Winkies together and bade them good-bye. The Winkies were sorry to have them go, and they had grown so fond of the Tin Woodman that they begged him to stay and rule over them and the Yellow Land of the West. Finding they were determined to go, the Winkies gave Toto and the Lion each a golden collar; and to Dorothy they presented a beautiful bracelet studded with diamonds; and to the Scarecrow they gave a gold-headed walking stick, to keep him from stumbling; and to the Tin Woodman they offered a silver oil-can, inlaid with gold and set with precious jewels.

Every one of the travelers made the Winkies a pretty speech in return, and all shook hands with them until their arms ached.

Dorothy went to the Witch's cupboard to fill her basket with food for the journey, and there she saw the Golden Cap. She tried it on her own head and found that it fitted her exactly. She did not know anything about the charm of the Golden Cap, but she saw that it was pretty, so she made up her mind to wear it and carry her sunbonnet in the basket.

Then, being prepared for the journey, they all started for the Emerald City; and the Winkies gave them three cheers and many good wishes to carry with them.

# THE WINGED MONKEYS

You will remember there was no road--not even a pathway--between the castle of the Wicked Witch and the Emerald City. When the four travelers went in search of the Witch she had seen them coming, and so sent the Winged Monkeys to bring them to her. It was much harder to find their way back through the big fields of buttercups and yellow daisies than it was being carried. They knew, of course, they must go straight east, toward the rising sun; and they started off in the right way. But at noon, when the sun was over their heads, they did not know which was east and which was west, and that was the reason they were lost in the great fields. They kept on walking, however, and at night the moon came out and shone brightly. So they lay down among the sweet smelling yellow flowers and slept soundly until morning--all but the Scarecrow and the Tin Woodman.

The next morning the sun was behind a cloud, but they started on, as if they were quite sure which way they were going.

"If we walk far enough," said Dorothy, "I am sure we shall sometime come to some place."

But day by day passed away, and they still saw nothing before them but the scarlet fields. The Scarecrow began to grumble a bit.

"We have surely lost our way," he said, "and unless we find it again in time to reach the Emerald City, I shall never get my

brains."

"Nor I my heart," declared the Tin Woodman. "It seems to me I can scarcely wait till I get to Oz, and you must admit this is a very long journey."

"You see," said the Cowardly Lion, with a whimper, "I haven't the courage to keep tramping forever, without getting anywhere at all."

Then Dorothy lost heart. She sat down on the grass and looked at her companions, and they sat down and looked at her, and Toto found that for the first time in his life he was too tired to chase a butterfly that flew past his head. So he put out his tongue and panted and looked at Dorothy as if to ask what they should do next.

"Suppose we call the field mice," she suggested. "They could probably tell us the way to the Emerald City."

"To be sure they could," cried the Scarecrow. "Why didn't we think of that before?"

Dorothy blew the little whistle she had always carried about her neck since the Queen of the Mice had given it to her. In a few minutes they heard the pattering of tiny feet, and many of the small gray mice came running up to her. Among them was the Queen herself, who asked, in her squeaky little voice:

"What can I do for my friends?"

"We have lost our way," said Dorothy. "Can you tell us where the Emerald City is?"

"Certainly," answered the Queen; "but it is a great way off, for you have had it at your backs all this time." Then she noticed

Dorothy's Golden Cap, and said, "Why don't you use the charm of the Cap, and call the Winged Monkeys to you? They will carry you to the City of Oz in less than an hour."

"I didn't know there was a charm," answered Dorothy, in surprise. "What is it?"

"It is written inside the Golden Cap," replied the Queen of the Mice. "But if you are going to call the Winged Monkeys we must run away, for they are full of mischief and think it great fun to plague us."

"Won't they hurt me?" asked the girl anxiously.

"Oh, no. They must obey the wearer of the Cap. Good-bye!" And she scampered out of sight, with all the mice hurrying after her.

Dorothy looked inside the Golden Cap and saw some words written upon the lining. These, she thought, must be the charm, so she read the directions carefully and put the Cap upon her head.

"Ep-pe, pep-pe, kak-ke!" she said, standing on her left foot.

"What did you say?" asked the Scarecrow, who did not know what she was doing.

"Hil-lo, hol-lo, hel-lo!" Dorothy went on, standing this time on her right foot.

"Hello!" replied the Tin Woodman calmly.

"Ziz-zy, zuz-zy, zik!" said Dorothy, who was now standing on both feet. This ended the saying of the charm, and they heard a great chattering and flapping of wings, as the band of Winged Monkeys flew up to them.

The King bowed low before Dorothy, and asked, "What is your command?"

"We wish to go to the Emerald City," said the child, "and we have lost our way."

"We will carry you," replied the King, and no sooner had he spoken than two of the Monkeys caught Dorothy in their arms and flew away with her. Others took the Scarecrow and the Woodman and the Lion, and one little Monkey seized Toto and flew after them, although the dog tried hard to bite him.

The Scarecrow and the Tin Woodman were rather frightened at first, for they remembered how badly the Winged Monkeys had treated them before; but they saw that no harm was intended, so they rode through the air quite cheerfully, and had a fine time looking at the pretty gardens and woods far below them.

Dorothy found herself riding easily between two of the biggest Monkeys, one of them the King himself. They had made a chair of their hands and were careful not to hurt her.

"Why do you have to obey the charm of the Golden Cap?" she asked.

"That is a long story," answered the King, with a winged laugh; "but as we have a long journey before us, I will pass the time by telling you about it, if you wish."

"I shall be glad to hear it," she replied.

"Once," began the leader, "we were a free people, living happily in the great forest, flying from tree to tree, eating nuts and fruit, and doing just as we pleased without calling anybody

master. Perhaps some of us were rather too full of mischief at times, flying down to pull the tails of the animals that had no wings, chasing birds, and throwing nuts at the people who walked in the forest. But we were careless and happy and full of fun, and enjoyed every minute of the day. This was many years ago, long before Oz came out of the clouds to rule over this land.

"There lived here then, away at the North, a beautiful princess, who was also a powerful sorceress. All her magic was used to help the people, and she was never known to hurt anyone who was good. Her name was Gayelette, and she lived in a handsome palace built from great blocks of ruby. Everyone loved her, but her greatest sorrow was that she could find no one to love in return, since all the men were much too stupid and ugly to mate with one so beautiful and wise. At last, however, she found a boy who was handsome and manly and wise beyond his years. Gayelette made up her mind that when he grew to be a man she would make him her husband, so she took him to her ruby palace and used all her magic powers to make him as strong and good and lovely as any woman could wish. When he grew to manhood, Quelala, as he was called, was said to be the best and wisest man in all the land, while his manly beauty was so great that Gayelette loved him dearly, and hastened to make everything ready for the wedding.

"My grandfather was at that time the King of the Winged Monkeys which lived in the forest near Gayelette's palace, and the old fellow loved a joke better than a good dinner. One day, just before the wedding, my grandfather was flying out with his band when he saw Quelala walking beside the river. He was



dressed in a rich costume of pink silk and purple velvet, and my grandfather thought he would see what he could do. At his word the band flew down and seized Quelala, carried him in their arms until they were over the middle of the river, and then dropped him into the water.

"Swim out, my fine fellow,' cried my grandfather, 'and see if the water has spotted your clothes.' Quelala was much too wise not to swim, and he was not in the least spoiled by all his good fortune. He laughed, when he came to the top of the water, and swam in to shore. But when Gayelette came running out to him she found his silks and velvet all ruined by the river.

"The princess was angry, and she knew, of course, who did it. She had all the Winged Monkeys brought before her, and she said at first that their wings should be tied and they should be treated as they had treated Quelala, and dropped in the river. But my grandfather pleaded hard, for he knew the Monkeys would drown in the river with their wings tied, and Quelala said a kind word for them also; so that Gayelette finally spared them, on condition that the Winged Monkeys should ever after do three times the bidding of the owner of the Golden Cap. This Cap had been made for a wedding present to Quelala, and it is said to have cost the princess half her kingdom. Of course my grandfather and all the other Monkeys at once agreed to the condition, and that is how it happens that we are three times the slaves of the owner of the Golden Cap, whosoever he may be."

"And what became of them?" asked Dorothy, who had been greatly interested in the story.

"Quelala being the first owner of the Golden Cap," replied the Monkey, "he was the first to lay his wishes upon us. As his bride could not bear the sight of us, he called us all to him in the forest after he had married her and ordered us always to keep where she could never again set eyes on a Winged Monkey, which we were glad to do, for we were all afraid of her.

"This was all we ever had to do until the Golden Cap fell into the hands of the Wicked Witch of the West, who made us enslave the Winkies, and afterward drive Oz himself out of the Land of the West. Now the Golden Cap is yours, and three times you have the right to lay your wishes upon us."

As the Monkey King finished his story Dorothy looked down and saw the green, shining walls of the Emerald City before them. She wondered at the rapid flight of the Monkeys, but was glad the journey was over. The strange creatures set the travelers down carefully before the gate of the City, the King bowed low to Dorothy, and then flew swiftly away, followed by all his band.

"That was a good ride," said the little girl.

"Yes, and a quick way out of our troubles," replied the Lion. "How lucky it was you brought away that wonderful Cap!"

# THE DISCOVERY OF OZ, THE TERRIBLE

The four travelers walked up to the great gate of Emerald City and rang the bell. After ringing several times, it was opened by the same Guardian of the Gates they had met before.

"What! are you back again?" he asked, in surprise.

"Do you not see us?" answered the Scarecrow.

"But I thought you had gone to visit the Wicked Witch of the West."

"We did visit her," said the Scarecrow.

"And she let you go again?" asked the man, in wonder.

"She could not help it, for she is melted," explained the Scarecrow.

"Melted! Well, that is good news, indeed," said the man. "Who melted her?"

"It was Dorothy," said the Lion gravely.

"Good gracious!" exclaimed the man, and he bowed very low indeed before her.

Then he led them into his little room and locked the spectacles from the great box on all their eyes, just as he had done before. Afterward they passed on through the gate into the Emerald City. When the people heard from the Guardian of the Gates that Dorothy had melted the Wicked Witch of the West,

they all gathered around the travelers and followed them in a great crowd to the Palace of Oz.

The soldier with the green whiskers was still on guard before the door, but he let them in at once, and they were again met by the beautiful green girl, who showed each of them to their old rooms at once, so they might rest until the Great Oz was ready to receive them.

The soldier had the news carried straight to Oz that Dorothy and the other travelers had come back again, after destroying the Wicked Witch; but Oz made no reply. They thought the Great Wizard would send for them at once, but he did not. They had no word from him the next day, nor the next, nor the next. The waiting was tiresome and wearing, and at last they grew vexed that Oz should treat them in so poor a fashion, after sending them to undergo hardships and slavery. So the Scarecrow at last asked the green girl to take another message to Oz, saying if he did not let them in to see him at once they would call the Winged Monkeys to help them, and find out whether he kept his promises or not. When the Wizard was given this message he was so frightened that he sent word for them to come to the Throne Room at four minutes after nine o'clock the next morning. He had once met the Winged Monkeys in the Land of the West, and he did not wish to meet them again.

The four travelers passed a sleepless night, each thinking of the gift Oz had promised to bestow on him. Dorothy fell asleep only once, and then she dreamed she was in Kansas, where Aunt Em was telling her how glad she was to have her little girl at home again.

Promptly at nine o'clock the next morning the green-whiskered soldier came to them, and four minutes later they all went into the Throne Room of the Great Oz.

Of course each one of them expected to see the Wizard in the shape he had taken before, and all were greatly surprised when they looked about and saw no one at all in the room. They kept close to the door and closer to one another, for the stillness of the empty room was more dreadful than any of the forms they had seen Oz take.

Presently they heard a solemn Voice, that seemed to come from somewhere near the top of the great dome, and it said:

"I am Oz, the Great and Terrible. Why do you seek me?"

They looked again in every part of the room, and then, seeing no one, Dorothy asked, "Where are you?"

"I am everywhere," answered the Voice, "but to the eyes of common mortals I am invisible. I will now seat myself upon my throne, that you may converse with me." Indeed, the Voice seemed just then to come straight from the throne itself; so they walked toward it and stood in a row while Dorothy said:

"We have come to claim our promise, O Oz."

"What promise?" asked Oz.

"You promised to send me back to Kansas when the Wicked Witch was destroyed," said the girl.

"And you promised to give me brains," said the Scarecrow.

"And you promised to give me a heart," said the Tin Woodman.

"And you promised to give me courage," said the Cowardly Lion.

"Is the Wicked Witch really destroyed?" asked the Voice, and Dorothy thought it trembled a little.

"Yes," she answered, "I melted her with a bucket of water."

"Dear me," said the Voice, "how sudden! Well, come to me tomorrow, for I must have time to think it over."

"You've had plenty of time already," said the Tin Woodman angrily.

"We shan't wait a day longer," said the Scarecrow.

"You must keep your promises to us!" exclaimed Dorothy.

The Lion thought it might be as well to frighten the Wizard, so he gave a large, loud roar, which was so fierce and dreadful that Toto jumped away from him in alarm and tipped over the screen that stood in a corner. As it fell with a crash they looked that way, and the next moment all of them were filled with wonder. For they saw, standing in just the spot the screen had hidden, a little old man, with a bald head and a wrinkled face, who seemed to be as much surprised as they were. The Tin Woodman, raising his axe, rushed toward the little man and cried out, "Who are you?"

"I am Oz, the Great and Terrible," said the little man, in a trembling voice. "But don't strike me--please don't--and I'll do anything you want me to."

Our friends looked at him in surprise and dismay.

"I thought Oz was a great Head," said Dorothy.

"And I thought Oz was a lovely Lady," said the Scarecrow.

"And I thought Oz was a terrible Beast," said the Tin Woodman.

"And I thought Oz was a Ball of Fire," exclaimed the Lion.

"No, you are all wrong," said the little man meekly. "I have been making believe."

"Making believe!" cried Dorothy. "Are you not a Great Wizard?"

"Hush, my dear," he said. "Don't speak so loud, or you will be overheard--and I should be ruined. I'm supposed to be a Great Wizard."

"And aren't you?" she asked.

"Not a bit of it, my dear; I'm just a common man."

"You're more than that," said the Scarecrow, in a grieved tone; "you're a humbug."

"Exactly so!" declared the little man, rubbing his hands together as if it pleased him. "I am a humbug."

"But this is terrible," said the Tin Woodman. "How shall I ever get my heart?"

"Or I my courage?" asked the Lion.

"Or I my brains?" wailed the Scarecrow, wiping the tears from his eyes with his coat sleeve.

"My dear friends," said Oz, "I pray you not to speak of these little things. Think of me, and the terrible trouble I'm in at being found out."

"Doesn't anyone else know you're a humbug?" asked Dorothy.

"No one knows it but you four--and myself," replied Oz. "I have fooled everyone so long that I thought I should never be found out. It was a great mistake my ever letting you into the Throne Room. Usually I will not see even my subjects, and so they believe I am something terrible."

"But, I don't understand," said Dorothy, in bewilderment. "How was it that you appeared to me as a great Head?"

"That was one of my tricks," answered Oz. "Step this way, please, and I will tell you all about it."

He led the way to a small chamber in the rear of the Throne Room, and they all followed him. He pointed to one corner, in which lay the great Head, made out of many thicknesses of paper, and with a carefully painted face.

"This I hung from the ceiling by a wire," said Oz. "I stood behind the screen and pulled a thread, to make the eyes move and the mouth open."

"But how about the voice?" she inquired.

"Oh, I am a ventriloquist," said the little man. "I can throw the sound of my voice wherever I wish, so that you thought it was coming out of the Head. Here are the other things I used to deceive you." He showed the Scarecrow the dress and the mask he had worn when he seemed to be the lovely Lady. And the Tin Woodman saw that his terrible Beast was nothing but a lot of skins, sewn together, with slats to keep their sides out. As for the Ball of Fire, the false Wizard had hung that also from the ceiling. It was really a ball of cotton, but when oil was poured upon it the ball burned fiercely.



"Really," said the Scarecrow, "you ought to be ashamed of yourself for being such a humbug."

"I am--I certainly am," answered the little man sorrowfully; "but it was the only thing I could do. Sit down, please, there are plenty of chairs; and I will tell you my story."

So they sat down and listened while he told the following tale.

"I was born in Omaha--"

"Why, that isn't very far from Kansas!" cried Dorothy.

"No, but it's farther from here," he said, shaking his head at her sadly. "When I grew up I became a ventriloquist, and at that I was very well trained by a great master. I can imitate any kind of a bird or beast." Here he mewed so like a kitten that Toto pricked up his ears and looked everywhere to see where she was. "After a time," continued Oz, "I tired of that, and became a balloonist."

"What is that?" asked Dorothy.

"A man who goes up in a balloon on circus day, so as to draw a crowd of people together and get them to pay to see the circus," he explained.

"Oh," she said, "I know."

"Well, one day I went up in a balloon and the ropes got twisted, so that I couldn't come down again. It went way up above the clouds, so far that a current of air struck it and carried it many, many miles away. For a day and a night I traveled through the air, and on the morning of the second day I awoke and found the balloon floating over a strange and beautiful country.

"It came down gradually, and I was not hurt a bit. But I found myself in the midst of a strange people, who, seeing me come from the clouds, thought I was a great Wizard. Of course I let them think so, because they were afraid of me, and promised to do anything I wished them to.

"Just to amuse myself, and keep the good people busy, I ordered them to build this City, and my Palace; and they did it all willingly and well. Then I thought, as the country was so green and beautiful, I would call it the Emerald City; and to make the name fit better I put green spectacles on all the people, so that everything they saw was green."

"But isn't everything here green?" asked Dorothy.

"No more than in any other city," replied Oz; "but when you wear green spectacles, why of course everything you see looks green to you. The Emerald City was built a great many years ago, for I was a young man when the balloon brought me here, and I am a very old man now. But my people have worn green glasses on their eyes so long that most of them think it really is an Emerald City, and it certainly is a beautiful place, abounding in jewels and precious metals, and every good thing that is needed to make one happy. I have been good to the people, and they like me; but ever since this Palace was built, I have shut myself up and would not see any of them.

"One of my greatest fears was the Witches, for while I had no magical powers at all I soon found out that the Witches were really able to do wonderful things. There were four of them in this country, and they ruled the people who live in the North and South and East and West. Fortunately, the Witches of the North

and South were good, and I knew they would do me no harm; but the Witches of the East and West were terribly wicked, and had they not thought I was more powerful than they themselves, they would surely have destroyed me. As it was, I lived in deadly fear of them for many years; so you can imagine how pleased I was when I heard your house had fallen on the Wicked Witch of the East. When you came to me, I was willing to promise anything if you would only do away with the other Witch; but, now that you have melted her, I am ashamed to say that I cannot keep my promises."

"I think you are a very bad man," said Dorothy.

"Oh, no, my dear; I'm really a very good man, but I'm a very bad Wizard, I must admit."

"Can't you give me brains?" asked the Scarecrow.

"You don't need them. You are learning something every day. A baby has brains, but it doesn't know much. Experience is the only thing that brings knowledge, and the longer you are on earth the more experience you are sure to get."

"That may all be true," said the Scarecrow, "but I shall be very unhappy unless you give me brains."

The false Wizard looked at him carefully.

"Well," he said with a sigh, "I'm not much of a magician, as I said; but if you will come to me tomorrow morning, I will stuff your head with brains. I cannot tell you how to use them, however; you must find that out for yourself."

"Oh, thank you--thank you!" cried the Scarecrow. "I'll find a way to use them, never fear!"

"But how about my courage?" asked the Lion anxiously.

"You have plenty of courage, I am sure," answered Oz. "All you need is confidence in yourself. There is no living thing that is not afraid when it faces danger. The True courage is in facing danger when you are afraid, and that kind of courage you have in plenty."

"Perhaps I have, but I'm scared just the same," said the Lion. "I shall really be very unhappy unless you give me the sort of courage that makes one forget he is afraid."

"Very well, I will give you that sort of courage tomorrow," replied Oz.

"How about my heart?" asked the Tin Woodman.

"Why, as for that," answered Oz, "I think you are wrong to want a heart. It makes most people unhappy. If you only knew it, you are in luck not to have a heart."

"That must be a matter of opinion," said the Tin Woodman. "For my part, I will bear all the unhappiness without a murmur, if you will give me the heart."

"Very well," answered Oz meekly. "Come to me tomorrow and you shall have a heart. I have played Wizard for so many years that I may as well continue the part a little longer."

"And now," said Dorothy, "how am I to get back to Kansas?"

"We shall have to think about that," replied the little man. "Give me two or three days to consider the matter and I'll try to find a way to carry you over the desert. In the meantime you shall all be treated as my guests, and while you live in the Palace my people will wait upon you and obey your slightest wish."

There is only one thing I ask in return for my help--such as it is. You must keep my secret and tell no one I am a humbug."

They agreed to say nothing of what they had learned, and went back to their rooms in high spirits. Even Dorothy had hope that "The Great and Terrible Humbug," as she called him, would find a way to send her back to Kansas, and if he did she was willing to forgive him everything.

# THE MAGIC ART OF THE GREAT HUMBUG

Next morning the Scarecrow said to his friends:

"Congratulate me. I am going to Oz to get my brains at last. When I return I shall be as other men are."

"I have always liked you as you were," said Dorothy simply.

"It is kind of you to like a Scarecrow," he replied. "But surely you will think more of me when you hear the splendid thoughts my new brain is going to turn out." Then he said good-bye to them all in a cheerful voice and went to the Throne Room, where he rapped upon the door.

"Come in," said Oz.

The Scarecrow went in and found the little man sitting down by the window, engaged in deep thought.

"I have come for my brains," remarked the Scarecrow, a little uneasily.

"Oh, yes; sit down in that chair, please," replied Oz. "You must excuse me for taking your head off, but I shall have to do it in order to put your brains in their proper place."

"That's all right," said the Scarecrow. "You are quite welcome to take my head off, as long as it will be a better one when you put it on again."

So the Wizard unfastened his head and emptied out the straw. Then he entered the back room and took up a measure of bran, which he mixed with a great many pins and needles. Having shaken them together thoroughly, he filled the top of the Scarecrow's head with the mixture and stuffed the rest of the space with straw, to hold it in place.

When he had fastened the Scarecrow's head on his body again he said to him, "Hereafter you will be a great man, for I have given you a lot of bran-new brains."

The Scarecrow was both pleased and proud at the fulfillment of his greatest wish, and having thanked Oz warmly he went back to his friends.

Dorothy looked at him curiously. His head was quite bulged out at the top with brains.

"How do you feel?" she asked.

"I feel wise indeed," he answered earnestly. "When I get used to my brains I shall know everything."

"Why are those needles and pins sticking out of your head?" asked the Tin Woodman.

"That is proof that he is sharp," remarked the Lion.

"Well, I must go to Oz and get my heart," said the Woodman. So he walked to the Throne Room and knocked at the door.

"Come in," called Oz, and the Woodman entered and said, "I have come for my heart."

"Very well," answered the little man. "But I shall have to cut a hole in your breast, so I can put your heart in the right place. I hope it won't hurt you."

"Oh, no," answered the Woodman. "I shall not feel it at all."

So Oz brought a pair of tinsmith's shears and cut a small, square hole in the left side of the Tin Woodman's breast. Then, going to a chest of drawers, he took out a pretty heart, made entirely of silk and stuffed with sawdust.

"Isn't it a beauty?" he asked.

"It is, indeed!" replied the Woodman, who was greatly pleased. "But is it a kind heart?"

"Oh, very!" answered Oz. He put the heart in the Woodman's breast and then replaced the square of tin, soldering it neatly together where it had been cut.

"There," said he; "now you have a heart that any man might be proud of. I'm sorry I had to put a patch on your breast, but it really couldn't be helped."

"Never mind the patch," exclaimed the happy Woodman. "I am very grateful to you, and shall never forget your kindness."

"Don't speak of it," replied Oz.

Then the Tin Woodman went back to his friends, who wished him every joy on account of his good fortune.

The Lion now walked to the Throne Room and knocked at the door.

"Come in," said Oz.

"I have come for my courage," announced the Lion, entering the room.

"Very well," answered the little man; "I will get it for you."



He went to a cupboard and reaching up to a high shelf took down a square green bottle, the contents of which he poured into a green-gold dish, beautifully carved. Placing this before the Cowardly Lion, who sniffed at it as if he did not like it, the Wizard said:

"Drink."

"What is it?" asked the Lion.

"Well," answered Oz, "if it were inside of you, it would be courage. You know, of course, that courage is always inside one; so that this really cannot be called courage until you have swallowed it. Therefore I advise you to drink it as soon as possible."

The Lion hesitated no longer, but drank till the dish was empty.

"How do you feel now?" asked Oz.

"Full of courage," replied the Lion, who went joyfully back to his friends to tell them of his good fortune.

Oz, left to himself, smiled to think of his success in giving the Scarecrow and the Tin Woodman and the Lion exactly what they thought they wanted. "How can I help being a humbug," he said, "when all these people make me do things that everybody knows can't be done? It was easy to make the Scarecrow and the Lion and the Woodman happy, because they imagined I could do anything. But it will take more than imagination to carry Dorothy back to Kansas, and I'm sure I don't know how it can be done."

# HOW THE BALLOON WAS LAUNCHED

For three days Dorothy heard nothing from Oz. These were sad days for the little girl, although her friends were all quite happy and contented. The Scarecrow told them there were wonderful thoughts in his head; but he would not say what they were because he knew no one could understand them but himself. When the Tin Woodman walked about he felt his heart rattling around in his breast; and he told Dorothy he had discovered it to be a kinder and more tender heart than the one he had owned when he was made of flesh. The Lion declared he was afraid of nothing on earth, and would gladly face an army or a dozen of the fierce Kalidahs.

Thus each of the little party was satisfied except Dorothy, who longed more than ever to get back to Kansas.

On the fourth day, to her great joy, Oz sent for her, and when she entered the Throne Room he greeted her pleasantly:

"Sit down, my dear; I think I have found the way to get you out of this country."

"And back to Kansas?" she asked eagerly.

"Well, I'm not sure about Kansas," said Oz, "for I haven't the faintest notion which way it lies. But the first thing to do is to cross the desert, and then it should be easy to find your way home."

"How can I cross the desert?" she inquired.

"Well, I'll tell you what I think," said the little man. "You see, when I came to this country it was in a balloon. You also came through the air, being carried by a cyclone. So I believe the best way to get across the desert will be through the air. Now, it is quite beyond my powers to make a cyclone; but I've been thinking the matter over, and I believe I can make a balloon."

"How?" asked Dorothy.

"A balloon," said Oz, "is made of silk, which is coated with glue to keep the gas in it. I have plenty of silk in the Palace, so it will be no trouble to make the balloon. But in all this country there is no gas to fill the balloon with, to make it float."

"If it won't float," remarked Dorothy, "it will be of no use to us."

"True," answered Oz. "But there is another way to make it float, which is to fill it with hot air. Hot air isn't as good as gas, for if the air should get cold the balloon would come down in the desert, and we should be lost."

"We!" exclaimed the girl. "Are you going with me?"

"Yes, of course," replied Oz. "I am tired of being such a humbug. If I should go out of this Palace my people would soon discover I am not a Wizard, and then they would be vexed with me for having deceived them. So I have to stay shut up in these rooms all day, and it gets tiresome. I'd much rather go back to Kansas with you and be in a circus again."

"I shall be glad to have your company," said Dorothy.

"Thank you," he answered. "Now, if you will help me sew the silk together, we will begin to work on our balloon."

So Dorothy took a needle and thread, and as fast as Oz cut the strips of silk into proper shape the girl sewed them neatly together. First there was a strip of light green silk, then a strip of dark green and then a strip of emerald green; for Oz had a fancy to make the balloon in different shades of the color about them. It took three days to sew all the strips together, but when it was finished they had a big bag of green silk more than twenty feet long.

Then Oz painted it on the inside with a coat of thin glue, to make it airtight, after which he announced that the balloon was ready.

"But we must have a basket to ride in," he said. So he sent the soldier with the green whiskers for a big clothes basket, which he fastened with many ropes to the bottom of the balloon.

When it was all ready, Oz sent word to his people that he was going to make a visit to a great brother Wizard who lived in the clouds. The news spread rapidly throughout the city and everyone came to see the wonderful sight.

Oz ordered the balloon carried out in front of the Palace, and the people gazed upon it with much curiosity. The Tin Woodman had chopped a big pile of wood, and now he made a fire of it, and Oz held the bottom of the balloon over the fire so that the hot air that arose from it would be caught in the silken bag. Gradually the balloon swelled out and rose into the air, until finally the basket just touched the ground.

Then Oz got into the basket and said to all the people in a loud voice:

"I am now going away to make a visit. While I am gone the Scarecrow will rule over you. I command you to obey him as you would me."

The balloon was by this time tugging hard at the rope that held it to the ground, for the air within it was hot, and this made it so much lighter in weight than the air without that it pulled hard to rise into the sky.

"Come, Dorothy!" cried the Wizard. "Hurry up, or the balloon will fly away."

"I can't find Toto anywhere," replied Dorothy, who did not wish to leave her little dog behind. Toto had run into the crowd to bark at a kitten, and Dorothy at last found him. She picked him up and ran towards the balloon.

She was within a few steps of it, and Oz was holding out his hands to help her into the basket, when, crack! went the ropes, and the balloon rose into the air without her.

"Come back!" she screamed. "I want to go, too!"

"I can't come back, my dear," called Oz from the basket. "Good-bye!"

"Good-bye!" shouted everyone, and all eyes were turned upward to where the Wizard was riding in the basket, rising every moment farther and farther into the sky.

And that was the last any of them ever saw of Oz, the Wonderful Wizard, though he may have reached Omaha safely,

and be there now, for all we know. But the people remembered him lovingly, and said to one another:

"Oz was always our friend. When he was here he built for us this beautiful Emerald City, and now he is gone he has left the Wise Scarecrow to rule over us."

Still, for many days they grieved over the loss of the Wonderful Wizard, and would not be comforted.

# AWAY TO THE SOUTH

Dorothy wept bitterly at the passing of her hope to get home to Kansas again; but when she thought it all over she was glad she had not gone up in a balloon. And she also felt sorry at losing Oz, and so did her companions.

The Tin Woodman came to her and said:

"Truly I should be ungrateful if I failed to mourn for the man who gave me my lovely heart. I should like to cry a little because Oz is gone, if you will kindly wipe away my tears, so that I shall not rust."

"With pleasure," she answered, and brought a towel at once. Then the Tin Woodman wept for several minutes, and she watched the tears carefully and wiped them away with the towel. When he had finished, he thanked her kindly and oiled himself thoroughly with his jeweled oil-can, to guard against mishap.

The Scarecrow was now the ruler of the Emerald City, and although he was not a Wizard the people were proud of him. "For," they said, "there is not another city in all the world that is ruled by a stuffed man." And, so far as they knew, they were quite right.

The morning after the balloon had gone up with Oz, the four travelers met in the Throne Room and talked matters over. The Scarecrow sat in the big throne and the others stood respectfully before him.

"We are not so unlucky," said the new ruler, "for this Palace and the Emerald City belong to us, and we can do just as we please. When I remember that a short time ago I was up on a pole in a farmer's cornfield, and that now I am the ruler of this beautiful City, I am quite satisfied with my lot."

"I also," said the Tin Woodman, "am well-pleased with my new heart; and, really, that was the only thing I wished in all the world."

"For my part, I am content in knowing I am as brave as any beast that ever lived, if not braver," said the Lion modestly.

"If Dorothy would only be contented to live in the Emerald City," continued the Scarecrow, "we might all be happy together."

"But I don't want to live here," cried Dorothy. "I want to go to Kansas, and live with Aunt Em and Uncle Henry."

"Well, then, what can be done?" inquired the Woodman.

The Scarecrow decided to think, and he thought so hard that the pins and needles began to stick out of his brains. Finally he said:

"Why not call the Winged Monkeys, and ask them to carry you over the desert?"

"I never thought of that!" said Dorothy joyfully. "It's just the thing. I'll go at once for the Golden Cap."

When she brought it into the Throne Room she spoke the magic words, and soon the band of Winged Monkeys flew in through the open window and stood beside her.

"This is the second time you have called us," said the Monkey King, bowing before the little girl. "What do you wish?"



"I want you to fly with me to Kansas," said Dorothy.

But the Monkey King shook his head.

"That cannot be done," he said. "We belong to this country alone, and cannot leave it. There has never been a Winged Monkey in Kansas yet, and I suppose there never will be, for they don't belong there. We shall be glad to serve you in any way in our power, but we cannot cross the desert. Good-bye."

And with another bow, the Monkey King spread his wings and flew away through the window, followed by all his band.

Dorothy was ready to cry with disappointment. "I have wasted the charm of the Golden Cap to no purpose," she said, "for the Winged Monkeys cannot help me."

"It is certainly too bad!" said the tender-hearted Woodman.

The Scarecrow was thinking again, and his head bulged out so horribly that Dorothy feared it would burst.

"Let us call in the soldier with the green whiskers," he said, "and ask his advice."

So the soldier was summoned and entered the Throne Room timidly, for while Oz was alive he never was allowed to come farther than the door.

"This little girl," said the Scarecrow to the soldier, "wishes to cross the desert. How can she do so?"

"I cannot tell," answered the soldier, "for nobody has ever crossed the desert, unless it is Oz himself."

"Is there no one who can help me?" asked Dorothy earnestly.

"Glinda might," he suggested.

"Who is Glinda?" inquired the Scarecrow.

"The Witch of the South. She is the most powerful of all the Witches, and rules over the Quadlings. Besides, her castle stands on the edge of the desert, so she may know a way to cross it."

"Glinda is a Good Witch, isn't she?" asked the child.

"The Quadlings think she is good," said the soldier, "and she is kind to everyone. I have heard that Glinda is a beautiful woman, who knows how to keep young in spite of the many years she has lived."

"How can I get to her castle?" asked Dorothy.

"The road is straight to the South," he answered, "but it is said to be full of dangers to travelers. There are wild beasts in the woods, and a race of queer men who do not like strangers to cross their country. For this reason none of the Quadlings ever come to the Emerald City."

The soldier then left them and the Scarecrow said:

"It seems, in spite of dangers, that the best thing Dorothy can do is to travel to the Land of the South and ask Glinda to help her. For, of course, if Dorothy stays here she will never get back to Kansas."

"You must have been thinking again," remarked the Tin Woodman.

"I have," said the Scarecrow.

"I shall go with Dorothy," declared the Lion, "for I am tired of your city and long for the woods and the country again. I am really a wild beast, you know. Besides, Dorothy will need someone to protect her."

"That is true," agreed the Woodman. "My axe may be of service to her; so I also will go with her to the Land of the South."

"When shall we start?" asked the Scarecrow.

"Are you going?" they asked, in surprise.

"Certainly. If it wasn't for Dorothy I should never have had brains. She lifted me from the pole in the cornfield and brought me to the Emerald City. So my good luck is all due to her, and I shall never leave her until she starts back to Kansas for good and all."

"Thank you," said Dorothy gratefully. "You are all very kind to me. But I should like to start as soon as possible."

"We shall go tomorrow morning," returned the Scarecrow. "So now let us all get ready, for it will be a long journey."

# ATTACKED BY THE FIGHTING TREES

The next morning Dorothy kissed the pretty green girl good-bye, and they all shook hands with the soldier with the green whiskers, who had walked with them as far as the gate. When the Guardian of the Gate saw them again he wondered greatly that they could leave the beautiful City to get into new trouble. But he at once unlocked their spectacles, which he put back into the green box, and gave them many good wishes to carry with them.

"You are now our ruler," he said to the Scarecrow; "so you must come back to us as soon as possible."

"I certainly shall if I am able," the Scarecrow replied; "but I must help Dorothy to get home, first."

As Dorothy bade the good-natured Guardian a last farewell she said:

"I have been very kindly treated in your lovely City, and everyone has been good to me. I cannot tell you how grateful I am."

"Don't try, my dear," he answered. "We should like to keep you with us, but if it is your wish to return to Kansas, I hope you will find a way." He then opened the gate of the outer wall, and they walked forth and started upon their journey.

The sun shone brightly as our friends turned their faces toward the Land of the South. They were all in the best of spirits,

and laughed and chatted together. Dorothy was once more filled with the hope of getting home, and the Scarecrow and the Tin Woodman were glad to be of use to her. As for the Lion, he sniffed the fresh air with delight and whisked his tail from side to side in pure joy at being in the country again, while Toto ran around them and chased the moths and butterflies, barking merrily all the time.

"City life does not agree with me at all," remarked the Lion, as they walked along at a brisk pace. "I have lost much flesh since I lived there, and now I am anxious for a chance to show the other beasts how courageous I have grown."

They now turned and took a last look at the Emerald City. All they could see was a mass of towers and steeples behind the green walls, and high up above everything the spires and dome of the Palace of Oz.

"Oz was not such a bad Wizard, after all," said the Tin Woodman, as he felt his heart rattling around in his breast.

"He knew how to give me brains, and very good brains, too," said the Scarecrow.

"If Oz had taken a dose of the same courage he gave me," added the Lion, "he would have been a brave man."

Dorothy said nothing. Oz had not kept the promise he made her, but he had done his best, so she forgave him. As he said, he was a good man, even if he was a bad Wizard.

The first day's journey was through the green fields and bright flowers that stretched about the Emerald City on every

side. They slept that night on the grass, with nothing but the stars over them; and they rested very well indeed.

In the morning they traveled on until they came to a thick wood. There was no way of going around it, for it seemed to extend to the right and left as far as they could see; and, besides, they did not dare change the direction of their journey for fear of getting lost. So they looked for the place where it would be easiest to get into the forest.

The Scarecrow, who was in the lead, finally discovered a big tree with such wide-spreading branches that there was room for the party to pass underneath. So he walked forward to the tree, but just as he came under the first branches they bent down and twined around him, and the next minute he was raised from the ground and flung headlong among his fellow travelers.

This did not hurt the Scarecrow, but it surprised him, and he looked rather dizzy when Dorothy picked him up.

"Here is another space between the trees," called the Lion.

"Let me try it first," said the Scarecrow, "for it doesn't hurt me to get thrown about." He walked up to another tree, as he spoke, but its branches immediately seized him and tossed him back again.

"This is strange," exclaimed Dorothy. "What shall we do?"

"The trees seem to have made up their minds to fight us, and stop our journey," remarked the Lion.

"I believe I will try it myself," said the Woodman, and shouldering his axe, he marched up to the first tree that had handled the Scarecrow so roughly. When a big branch bent

down to seize him the Woodman chopped at it so fiercely that he cut it in two. At once the tree began shaking all its branches as if in pain, and the Tin Woodman passed safely under it.

"Come on!" he shouted to the others. "Be quick!" They all ran forward and passed under the tree without injury, except Toto, who was caught by a small branch and shaken until he howled. But the Woodman promptly chopped off the branch and set the little dog free.

The other trees of the forest did nothing to keep them back, so they made up their minds that only the first row of trees could bend down their branches, and that probably these were the policemen of the forest, and given this wonderful power in order to keep strangers out of it.

The four travelers walked with ease through the trees until they came to the farther edge of the wood. Then, to their surprise, they found before them a high wall which seemed to be made of white china. It was smooth, like the surface of a dish, and higher than their heads.

"What shall we do now?" asked Dorothy.

"I will make a ladder," said the Tin Woodman, "for we certainly must climb over the wall."

# THE DAINY CHINA COUNTRY

While the Woodman was making a ladder from wood which he found in the forest Dorothy lay down and slept, for she was tired by the long walk. The Lion also curled himself up to sleep and Toto lay beside him.

The Scarecrow watched the Woodman while he worked, and said to him:

"I cannot think why this wall is here, nor what it is made of."

"Rest your brains and do not worry about the wall," replied the Woodman. "When we have climbed over it, we shall know what is on the other side."

After a time the ladder was finished. It looked clumsy, but the Tin Woodman was sure it was strong and would answer their purpose. The Scarecrow waked Dorothy and the Lion and Toto, and told them that the ladder was ready. The Scarecrow climbed up the ladder first, but he was so awkward that Dorothy had to follow close behind and keep him from falling off. When he got his head over the top of the wall the Scarecrow said, "Oh, my!"

"Go on," exclaimed Dorothy.

So the Scarecrow climbed farther up and sat down on the top of the wall, and Dorothy put her head over and cried, "Oh, my!" just as the Scarecrow had done.

Then Toto came up, and immediately began to bark, but Dorothy made him be still.



The Lion climbed the ladder next, and the Tin Woodman came last; but both of them cried, "Oh, my!" as soon as they looked over the wall. When they were all sitting in a row on the top of the wall, they looked down and saw a strange sight.

Before them was a great stretch of country having a floor as smooth and shining and white as the bottom of a big platter. Scattered around were many houses made entirely of china and painted in the brightest colors. These houses were quite small, the biggest of them reaching only as high as Dorothy's waist. There were also pretty little barns, with china fences around them; and many cows and sheep and horses and pigs and chickens, all made of china, were standing about in groups.

But the strangest of all were the people who lived in this queer country. There were milkmaids and shepherdesses, with brightly colored bodices and golden spots all over their gowns; and princesses with most gorgeous frocks of silver and gold and purple; and shepherds dressed in knee breeches with pink and yellow and blue stripes down them, and golden buckles on their shoes; and princes with jeweled crowns upon their heads, wearing ermine robes and satin doublets; and funny clowns in ruffled gowns, with round red spots upon their cheeks and tall, pointed caps. And, strangest of all, these people were all made of china, even to their clothes, and were so small that the tallest of them was no higher than Dorothy's knee.

No one did so much as look at the travelers at first, except one little purple china dog with an extra-large head, which came to the wall and barked at them in a tiny voice, afterwards running away again.

"How shall we get down?" asked Dorothy.

They found the ladder so heavy they could not pull it up, so the Scarecrow fell off the wall and the others jumped down upon him so that the hard floor would not hurt their feet. Of course they took pains not to light on his head and get the pins in their feet. When all were safely down they picked up the Scarecrow, whose body was quite flattened out, and patted his straw into shape again.

"We must cross this strange place in order to get to the other side," said Dorothy, "for it would be unwise for us to go any other way except due South."

They began walking through the country of the china people, and the first thing they came to was a china milkmaid milking a china cow. As they drew near, the cow suddenly gave a kick and kicked over the stool, the pail, and even the milkmaid herself, and all fell on the china ground with a great clatter.

Dorothy was shocked to see that the cow had broken her leg off, and that the pail was lying in several small pieces, while the poor milkmaid had a nick in her left elbow.

"There!" cried the milkmaid angrily. "See what you have done! My cow has broken her leg, and I must take her to the mender's shop and have it glued on again. What do you mean by coming here and frightening my cow?"

"I'm very sorry," returned Dorothy. "Please forgive us."

But the pretty milkmaid was much too vexed to make any answer. She picked up the leg sulkily and led her cow away, the poor animal limping on three legs. As she left them the milkmaid

cast many reproachful glances over her shoulder at the clumsy strangers, holding her nicked elbow close to her side.

Dorothy was quite grieved at this mishap.

"We must be very careful here," said the kind-hearted Woodman, "or we may hurt these pretty little people so they will never get over it."

A little farther on Dorothy met a most beautifully dressed young Princess, who stopped short as she saw the strangers and started to run away.

Dorothy wanted to see more of the Princess, so she ran after her. But the china girl cried out:

"Don't chase me! Don't chase me!"

She had such a frightened little voice that Dorothy stopped and said, "Why not?"

"Because," answered the Princess, also stopping, a safe distance away, "if I run I may fall down and break myself."

"But could you not be mended?" asked the girl.

"Oh, yes; but one is never so pretty after being mended, you know," replied the Princess.

"I suppose not," said Dorothy.

"Now there is Mr. Joker, one of our clowns," continued the china lady, "who is always trying to stand upon his head. He has broken himself so often that he is mended in a hundred places, and doesn't look at all pretty. Here he comes now, so you can see for yourself."

Indeed, a jolly little clown came walking toward them, and Dorothy could see that in spite of his pretty clothes of red and yellow and green he was completely covered with cracks, running every which way and showing plainly that he had been mended in many places.

The Clown put his hands in his pockets, and after puffing out his cheeks and nodding his head at them saucily, he said:

"My lady fair,  
Why do you stare  
At poor old Mr. Joker?  
You're quite as stiff  
And prim as if  
You'd eaten up a poker!"

"Be quiet, sir!" said the Princess. "Can't you see these are strangers, and should be treated with respect?"

"Well, that's respect, I expect," declared the Clown, and immediately stood upon his head.

"Don't mind Mr. Joker," said the Princess to Dorothy. "He is considerably cracked in his head, and that makes him foolish."

"Oh, I don't mind him a bit," said Dorothy. "But you are so beautiful," she continued, "that I am sure I could love you dearly. Won't you let me carry you back to Kansas, and stand you on Aunt Em's mantel? I could carry you in my basket."

"That would make me very unhappy," answered the china Princess. "You see, here in our country we live contentedly, and can talk and move around as we please. But whenever any of us

are taken away our joints at once stiffen, and we can only stand straight and look pretty. Of course that is all that is expected of us when we are on mantels and cabinets and drawing-room tables, but our lives are much pleasanter here in our own country."

"I would not make you unhappy for all the world!" exclaimed Dorothy. "So I'll just say good-bye."

"Good-bye," replied the Princess.

They walked carefully through the china country. The little animals and all the people scampered out of their way, fearing the strangers would break them, and after an hour or so the travelers reached the other side of the country and came to another china wall.

It was not so high as the first, however, and by standing upon the Lion's back they all managed to scramble to the top. Then the Lion gathered his legs under him and jumped on the wall; but just as he jumped, he upset a china church with his tail and smashed it all to pieces.

"That was too bad," said Dorothy, "but really I think we were lucky in not doing these little people more harm than breaking a cow's leg and a church. They are all so brittle!"

"They are, indeed," said the Scarecrow, "and I am thankful I am made of straw and cannot be easily damaged. There are worse things in the world than being a Scarecrow."

# THE LION BECOMES THE KING OF BEASTS

After climbing down from the china wall the travelers found themselves in a disagreeable country, full of bogs and marshes and covered with tall, rank grass. It was difficult to walk without falling into muddy holes, for the grass was so thick that it hid them from sight. However, by carefully picking their way, they got safely along until they reached solid ground. But here the country seemed wilder than ever, and after a long and tiresome walk through the underbrush they entered another forest, where the trees were bigger and older than any they had ever seen.

"This forest is perfectly delightful," declared the Lion, looking around him with joy. "Never have I seen a more beautiful place."

"It seems gloomy," said the Scarecrow.

"Not a bit of it," answered the Lion. "I should like to live here all my life. See how soft the dried leaves are under your feet and how rich and green the moss is that clings to these old trees. Surely no wild beast could wish a pleasanter home."

"Perhaps there are wild beasts in the forest now," said Dorothy.

"I suppose there are," returned the Lion, "but I do not see any of them about."

They walked through the forest until it became too dark to go any farther. Dorothy and Toto and the Lion lay down to sleep,

while the Woodman and the Scarecrow kept watch over them as usual.

When morning came, they started again. Before they had gone far they heard a low rumble, as of the growling of many wild animals. Toto whimpered a little, but none of the others was frightened, and they kept along the well-trodden path until they came to an opening in the wood, in which were gathered hundreds of beasts of every variety. There were tigers and elephants and bears and wolves and foxes and all the others in the natural history, and for a moment Dorothy was afraid. But the Lion explained that the animals were holding a meeting, and he judged by their snarling and growling that they were in great trouble.

As he spoke several of the beasts caught sight of him, and at once the great assemblage hushed as if by magic. The biggest of the tigers came up to the Lion and bowed, saying:

"Welcome, O King of Beasts! You have come in good time to fight our enemy and bring peace to all the animals of the forest once more."

"What is your trouble?" asked the Lion quietly.

"We are all threatened," answered the tiger, "by a fierce enemy which has lately come into this forest. It is a most tremendous monster, like a great spider, with a body as big as an elephant and legs as long as a tree trunk. It has eight of these long legs, and as the monster crawls through the forest he seizes an animal with a leg and drags it to his mouth, where he eats it as a spider does a fly. Not one of us is safe while this fierce creature is alive,

and we had called a meeting to decide how to take care of ourselves when you came among us."

The Lion thought for a moment.

"Are there any other lions in this forest?" he asked.

"No; there were some, but the monster has eaten them all. And, besides, they were none of them nearly so large and brave as you."

"If I put an end to your enemy, will you bow down to me and obey me as King of the Forest?" inquired the Lion.

"We will do that gladly," returned the tiger; and all the other beasts roared with a mighty roar: "We will!"

"Where is this great spider of yours now?" asked the Lion.

"Yonder, among the oak trees," said the tiger, pointing with his forefoot.

"Take good care of these friends of mine," said the Lion, "and I will go at once to fight the monster."

He bade his comrades good-bye and marched proudly away to do battle with the enemy.

The great spider was lying asleep when the Lion found him, and it looked so ugly that its foe turned up his nose in disgust. Its legs were quite as long as the tiger had said, and its body covered with coarse black hair. It had a great mouth, with a row of sharp teeth a foot long; but its head was joined to the pudgy body by a neck as slender as a wasp's waist. This gave the Lion a hint of the best way to attack the creature, and as he knew it was easier to fight it asleep than awake, he gave a great spring and landed directly upon the monster's back. Then, with one blow of his



heavy paw, all armed with sharp claws, he knocked the spider's head from its body. Jumping down, he watched it until the long legs stopped wiggling, when he knew it was quite dead.

The Lion went back to the opening where the beasts of the forest were waiting for him and said proudly:

"You need fear your enemy no longer."

Then the beasts bowed down to the Lion as their King, and he promised to come back and rule over them as soon as Dorothy was safely on her way to Kansas.

# THE COUNTRY OF THE QUADLINGS

The four travelers passed through the rest of the forest in safety, and when they came out from its gloom saw before them a steep hill, covered from top to bottom with great pieces of rock.

"That will be a hard climb," said the Scarecrow, "but we must get over the hill, nevertheless."

So he led the way and the others followed. They had nearly reached the first rock when they heard a rough voice cry out, "Keep back!"

"Who are you?" asked the Scarecrow.

Then a head showed itself over the rock and the same voice said, "This hill belongs to us, and we don't allow anyone to cross it."

"But we must cross it," said the Scarecrow. "We're going to the country of the Quadlings."

"But you shall not!" replied the voice, and there stepped from behind the rock the strangest man the travelers had ever seen.

He was quite short and stout and had a big head, which was flat at the top and supported by a thick neck full of wrinkles. But he had no arms at all, and, seeing this, the Scarecrow did not fear that so helpless a creature could prevent them from climbing the hill. So he said, "I'm sorry not to do as you wish, but we must

pass over your hill whether you like it or not," and he walked boldly forward.

As quick as lightning the man's head shot forward and his neck stretched out until the top of the head, where it was flat, struck the Scarecrow in the middle and sent him tumbling, over and over, down the hill. Almost as quickly as it came the head went back to the body, and the man laughed harshly as he said, "It isn't as easy as you think!"

A chorus of boisterous laughter came from the other rocks, and Dorothy saw hundreds of the armless Hammer-Heads upon the hillside, one behind every rock.

The Lion became quite angry at the laughter caused by the Scarecrow's mishap, and giving a loud roar that echoed like thunder, he dashed up the hill.

Again a head shot swiftly out, and the great Lion went rolling down the hill as if he had been struck by a cannon ball.

Dorothy ran down and helped the Scarecrow to his feet, and the Lion came up to her, feeling rather bruised and sore, and said, "It is useless to fight people with shooting heads; no one can withstand them."

"What can we do, then?" she asked.

"Call the Winged Monkeys," suggested the Tin Woodman. "You have still the right to command them once more."

"Very well," she answered, and putting on the Golden Cap she uttered the magic words. The Monkeys were as prompt as ever, and in a few moments the entire band stood before her.

"What are your commands?" inquired the King of the Monkeys, bowing low.

"Carry us over the hill to the country of the Quadlings," answered the girl.

"It shall be done," said the King, and at once the Winged Monkeys caught the four travelers and Toto up in their arms and flew away with them. As they passed over the hill the Hammer-Heads yelled with vexation, and shot their heads high in the air, but they could not reach the Winged Monkeys, which carried Dorothy and her comrades safely over the hill and set them down in the beautiful country of the Quadlings.

"This is the last time you can summon us," said the leader to Dorothy; "so good-bye and good luck to you."

"Good-bye, and thank you very much," returned the girl; and the Monkeys rose into the air and were out of sight in a twinkling.

The country of the Quadlings seemed rich and happy. There was field upon field of ripening grain, with well-paved roads running between, and pretty rippling brooks with strong bridges across them. The fences and houses and bridges were all painted bright red, just as they had been painted yellow in the country of the Winkies and blue in the country of the Munchkins. The Quadlings themselves, who were short and fat and looked chubby and good-natured, were dressed all in red, which showed bright against the green grass and the yellowing grain.

The Monkeys had set them down near a farmhouse, and the four travelers walked up to it and knocked at the door. It was

opened by the farmer's wife, and when Dorothy asked for something to eat the woman gave them all a good dinner, with three kinds of cake and four kinds of cookies, and a bowl of milk for Toto.

"How far is it to the Castle of Glinda?" asked the child.

"It is not a great way," answered the farmer's wife. "Take the road to the South and you will soon reach it."

Thanking the good woman, they started afresh and walked by the fields and across the pretty bridges until they saw before them a very beautiful Castle. Before the gates were three young girls, dressed in handsome red uniforms trimmed with gold braid; and as Dorothy approached, one of them said to her:

"Why have you come to the South Country?"

"To see the Good Witch who rules here," she answered. "Will you take me to her?"

"Let me have your name, and I will ask Glinda if she will receive you." They told who they were, and the girl soldier went into the Castle. After a few moments she came back to say that Dorothy and the others were to be admitted at once.

# GLINDA THE GOOD WITCH GRANTS DOROTHY'S WISH

Before they went to see Glinda, however, they were taken to a room of the Castle, where Dorothy washed her face and combed her hair, and the Lion shook the dust out of his mane, and the Scarecrow patted himself into his best shape, and the Woodman polished his tin and oiled his joints.

When they were all quite presentable they followed the soldier girl into a big room where the Witch Glinda sat upon a throne of rubies.

She was both beautiful and young to their eyes. Her hair was a rich red in color and fell in flowing ringlets over her shoulders. Her dress was pure white but her eyes were blue, and they looked kindly upon the little girl.

"What can I do for you, my child?" she asked.

Dorothy told the Witch all her story: how the cyclone had brought her to the Land of Oz, how she had found her companions, and of the wonderful adventures they had met with.

"My greatest wish now," she added, "is to get back to Kansas, for Aunt Em will surely think something dreadful has happened to me, and that will make her put on mourning; and unless the crops are better this year than they were last, I am sure Uncle Henry cannot afford it."

Glinda leaned forward and kissed the sweet, upturned face of the loving little girl.

"Bless your dear heart," she said, "I am sure I can tell you of a way to get back to Kansas." Then she added, "But, if I do, you must give me the Golden Cap."

"Willingly!" exclaimed Dorothy; "indeed, it is of no use to me now, and when you have it you can command the Winged Monkeys three times."

"And I think I shall need their service just those three times," answered Glinda, smiling.

Dorothy then gave her the Golden Cap, and the Witch said to the Scarecrow, "What will you do when Dorothy has left us?"

"I will return to the Emerald City," he replied, "for Oz has made me its ruler and the people like me. The only thing that worries me is how to cross the hill of the Hammer-Heads."

"By means of the Golden Cap I shall command the Winged Monkeys to carry you to the gates of the Emerald City," said Glinda, "for it would be a shame to deprive the people of so wonderful a ruler."

"Am I really wonderful?" asked the Scarecrow.

"You are unusual," replied Glinda.

Turning to the Tin Woodman, she asked, "What will become of you when Dorothy leaves this country?"

He leaned on his axe and thought a moment. Then he said, "The Winkies were very kind to me, and wanted me to rule over them after the Wicked Witch died. I am fond of the Winkies, and

if I could get back again to the Country of the West, I should like nothing better than to rule over them forever."

"My second command to the Winged Monkeys," said Glinda "will be that they carry you safely to the land of the Winkies. Your brain may not be so large to look at as those of the Scarecrow, but you are really brighter than he is--when you are well polished--and I am sure you will rule the Winkies wisely and well."

Then the Witch looked at the big, shaggy Lion and asked, "When Dorothy has returned to her own home, what will become of you?"

"Over the hill of the Hammer-Heads," he answered, "lies a grand old forest, and all the beasts that live there have made me their King. If I could only get back to this forest, I would pass my life very happily there."

"My third command to the Winged Monkeys," said Glinda, "shall be to carry you to your forest. Then, having used up the powers of the Golden Cap, I shall give it to the King of the Monkeys, that he and his band may thereafter be free for evermore."

The Scarecrow and the Tin Woodman and the Lion now thanked the Good Witch earnestly for her kindness; and Dorothy exclaimed:

"You are certainly as good as you are beautiful! But you have not yet told me how to get back to Kansas."

"Your Silver Shoes will carry you over the desert," replied Glinda. "If you had known their power you could have gone back



to your Aunt Em the very first day you came to this country."

"But then I should not have had my wonderful brains!" cried the Scarecrow. "I might have passed my whole life in the farmer's cornfield."

"And I should not have had my lovely heart," said the Tin Woodman. "I might have stood and rusted in the forest till the end of the world."

"And I should have lived a coward forever," declared the Lion, "and no beast in all the forest would have had a good word to say to me."

"This is all true," said Dorothy, "and I am glad I was of use to these good friends. But now that each of them has had what he most desired, and each is happy in having a kingdom to rule besides, I think I should like to go back to Kansas."

"The Silver Shoes," said the Good Witch, "have wonderful powers. And one of the most curious things about them is that they can carry you to any place in the world in three steps, and each step will be made in the wink of an eye. All you have to do is to knock the heels together three times and command the shoes to carry you wherever you wish to go."

"If that is so," said the child joyfully, "I will ask them to carry me back to Kansas at once."

She threw her arms around the Lion's neck and kissed him, patting his big head tenderly. Then she kissed the Tin Woodman, who was weeping in a way most dangerous to his joints. But she hugged the soft, stuffed body of the Scarecrow in her arms

instead of kissing his painted face, and found she was crying herself at this sorrowful parting from her loving comrades.

Glinda the Good stepped down from her ruby throne to give the little girl a good-bye kiss, and Dorothy thanked her for all the kindness she had shown to her friends and herself.

Dorothy now took Toto up solemnly in her arms, and having said one last good-bye she clapped the heels of her shoes together three times, saying:

"Take me home to Aunt Em!"

Instantly she was whirling through the air, so swiftly that all she could see or feel was the wind whistling past her ears.

The Silver Shoes took but three steps, and then she stopped so suddenly that she rolled over upon the grass several times before she knew where she was.

At length, however, she sat up and looked about her.

"Good gracious!" she cried.

For she was sitting on the broad Kansas prairie, and just before her was the new farmhouse Uncle Henry built after the cyclone had carried away the old one. Uncle Henry was milking the cows in the barnyard, and Toto had jumped out of her arms and was running toward the barn, barking furiously.

Dorothy stood up and found she was in her stocking-feet. For the Silver Shoes had fallen off in her flight through the air, and were lost forever in the desert.

# HOME AGAIN

Aunt Em had just come out of the house to water the cabbages when she looked up and saw Dorothy running toward her.

"My darling child!" she cried, folding the little girl in her arms and covering her face with kisses. "Where in the world did you come from?"

"From the Land of Oz," said Dorothy gravely. "And here is Toto, too. And oh, Aunt Em! I'm so glad to be at home again!"

CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES  
EXTRAORDINÁRIOS

Este livro em suas mãos é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo. Se você está lendo este texto, significa que alguém se associou ou fez uma doação ao projeto Domínio [ao] Público e escolheu receber este livro. Nosso objetivo é fazer com que Livros Extraordinários do mundo todo — que muitos também chamam de “clássicos” — fiquem ao alcance da comunidade de leitores da língua portuguesa.

domínio  
ao público

Para isso, duas coisas são imprescindíveis. A primeira é que a adaptação dessas obras deve ser extremamente atenciosa, feita para os leitores do Século 21. A segunda, é que, para cobrir os custos editoriais, precisamos de pelo menos mil Leitores Extraordinários associados doando o valor mínimo para cada Livro Extraordinário impresso: exatamente este livro que está em suas mãos.

É assim que conseguiremos, um pouco mais a cada mês, possibilitar àqueles que antes não podiam comprar uma obra extraordinária como esta tenham acesso à sua versão digital absolutamente de graça. Nossas publicações podem ser utilizadas livremente em escolas públicas e privadas, comunidades de todo o tipo; podem ser acessadas em smartphones, tablets, ebooks e computadores; podem ser compartilhadas, impressas, copiadas e estudadas por qualquer pessoa ou instituição, mas nunca poderão ser comercializadas.

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO NA VIDA É DIREITO  
DE TODOS.

---

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO IRRESTRITO AOS BENS DO  
DOMÍNIO PÚBLICO.

# DE DOMÍNIO PÚBLICO PARA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

*Que você faça o bem e não o mal.*

*Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.*

*Que você compartilhe livremente, nunca tomando mais do que está dando.*

As obras da literatura mundial em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para o nosso idioma. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, 20 mil léguas submarinas está em francês. Assim, como um brasileiro poderia ler essas obras? Há traduções e edições digitais, piratas e amadoras, em diversos sites. Por ser um trabalho intelectual, qualquer tradução passa, com toda justiça, a ser propriedade dos tradutores ou editores. Assim, livros já liberados há muito tempo continuam distantes do público — seja pelo meio ou pelo idioma. Só resta como alternativa adquirir essas obras nas lojas online e livrarias. A democratização do Domínio Público é o livre acesso daquela criança ávida mas sem recursos. Por isso o Instituto Mojo criou o projeto Domínio [ao] Público.



# COMO FUNCIONA

O Instituto Mojo é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. O CLLE é o meio que encontramos para publicar livros digitais em Domínio Público gratuitamente em português. A fórmula é simples:

## 1. DOMÍNIO PÚBLICO

É quando uma obra não tem mais que pagar direitos autorais ao seu criador e está livre para acesso público.

## 2. TRADUÇÃO E EDIÇÃO

Os Livros Extraordinários precisam estar disponíveis para todos. Por isso, a Mojo traduz e edita obras em Domínio Público.

## 3. CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES EXTRAORDINÁRIOS

Criado para financiar esse trabalho, publica as obras em formato impresso, ilustradas, com capa dura, texto integral e extremo cuidado editorial e gráfico.

## 4. DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

É o site onde livros digitais, ensaios, artigos e outros conteúdos livres podem ser acessados por qualquer pessoa.

Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição que você e sua empresa podem escolher para colaborar. Associe-se, doe, divulgue, leia os livros, conte as histórias. Assim, fica mais fácil quebrar as barreiras linguísticas do Domínio Público.

---

SEJA EXTRAORDINÁRIO PARA 200 MILHÕES DE LEITORES.  
VISITE:

[www.dominioaopublico.org.br](http://www.dominioaopublico.org.br)

---

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio [ao] Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Consulte: [www.dominioaopublico.org.br/permissoes](http://www.dominioaopublico.org.br/permissoes)

mojo<sup>.org</sup>

# INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL:

Presidente: Ricardo Giassetti Vice-presidente: Larissa  
Meneghini

Tesoureiro: Alexandre Storari

Diretores: Gabriel Naldi, Tatiana Bornato

Conselho consultivo: Alberto Hiar Jr., Aurea Leszczynski Vieira,  
Leonardo Tonus, Marcelo Amstalden Möller, Marcelo Andrade,  
Marcelo Gusmão Eid, Renato Roschel, S. Lobo, Tales Galvão

Agradecimentos: André Binhardi, Bruno Girello, Delfin, Daniel  
Sasso, Michel D'Angelo, Olivia M. Giassetti, Ronaldo Gomes  
Ferreira, Thiago Fogaça, Vinícius Aguiar, Walter Pax, Willian  
Galdino, Zenaide Febbo.

[contato@mojo.org.br](mailto:contato@mojo.org.br)

Tradução e edição © 2018 Instituto Mojo de Comunicação  
Intercultural

CNPJ: 30.726.775/0001-00

# PROGRAMA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO DA MOJO

A Mojo.org dissemina conhecimento e fomenta escrita e leitura para todos. O Domínio [ao] Público é um programa que publica livros digitais de obras em Domínio Público gratuitamente por meio da ajuda de doações e dos associados ao Clube do Livro para Leitores Extraordinários.

Visite, conheça e apoie: <https://dominioaopublico.org.br/>

# FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Baum, L. Frank, 1856-1919

Oz : o magnífico mágico de Oz / L. Frank Baum ;

[tradutor Delfin; ilustrador Andre Ducci].

-- 1. ed. -- São Paulo: Mojo.org, 2019. -- (Mundos extraordinários ;

3) Título original: The wizard of Oz ; The marvelous land of Oz

1. Literatura infantojuvenil I. Ducci, André.

II. Título. III. Título: The marvelous land of Oz.

IV. Série.

18-22616

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

---

# EXPEDIENTE

*O magnífico mágico de Oz* de L. Frank Baum

Texto integral sem adaptação.

Tradução: Delfin

Edição: Renato Roschel e S. Lobo

Revisão: Ana Barbosa e Amanda Zampieri

Ilustração: Andre Ducci

Direção de arte: Cyla Costa

Editoração EPUB: Fernando Ribeiro

Tradução e edição ©2019, Instituto Mojo de Comunicação Intercultural.